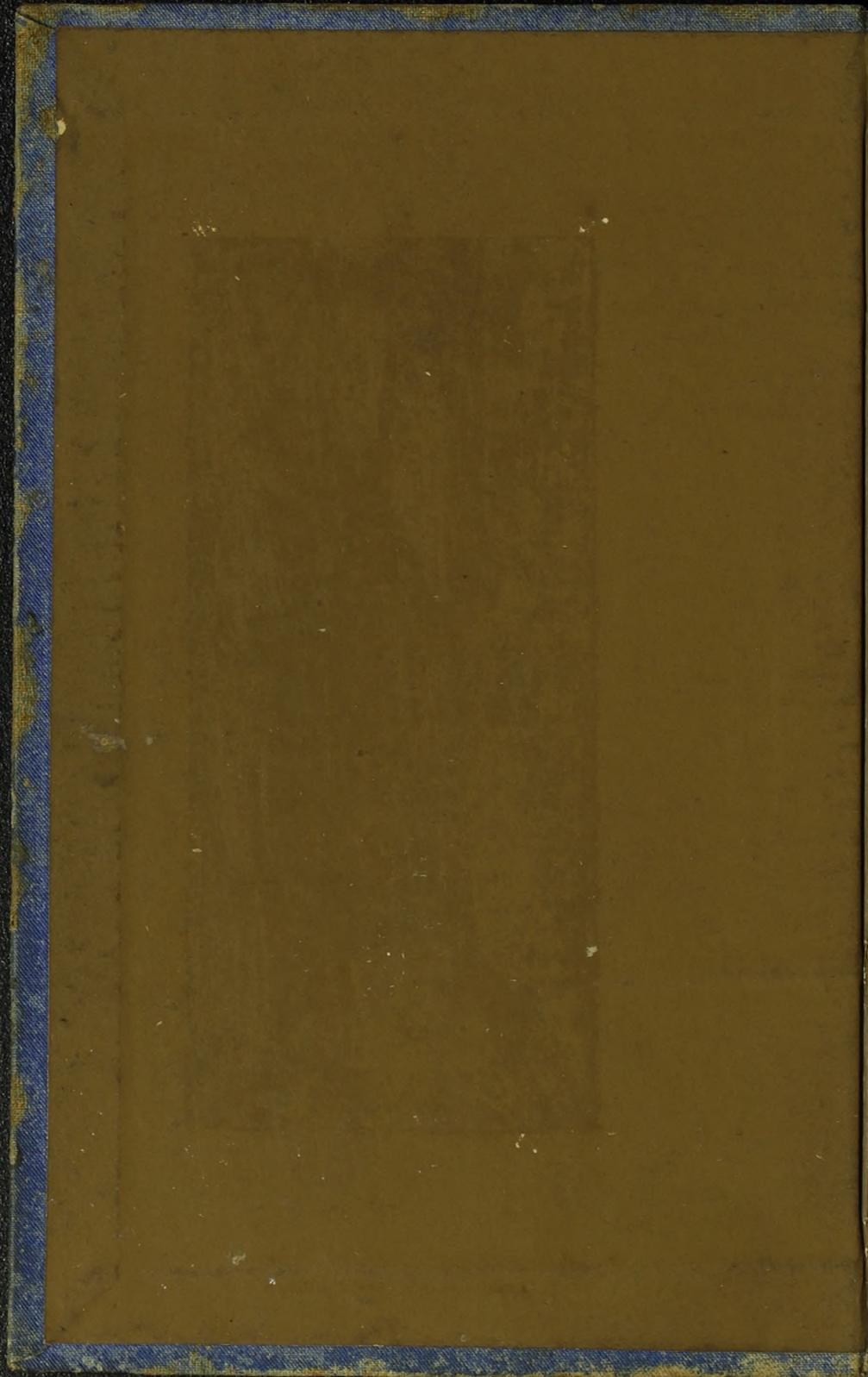
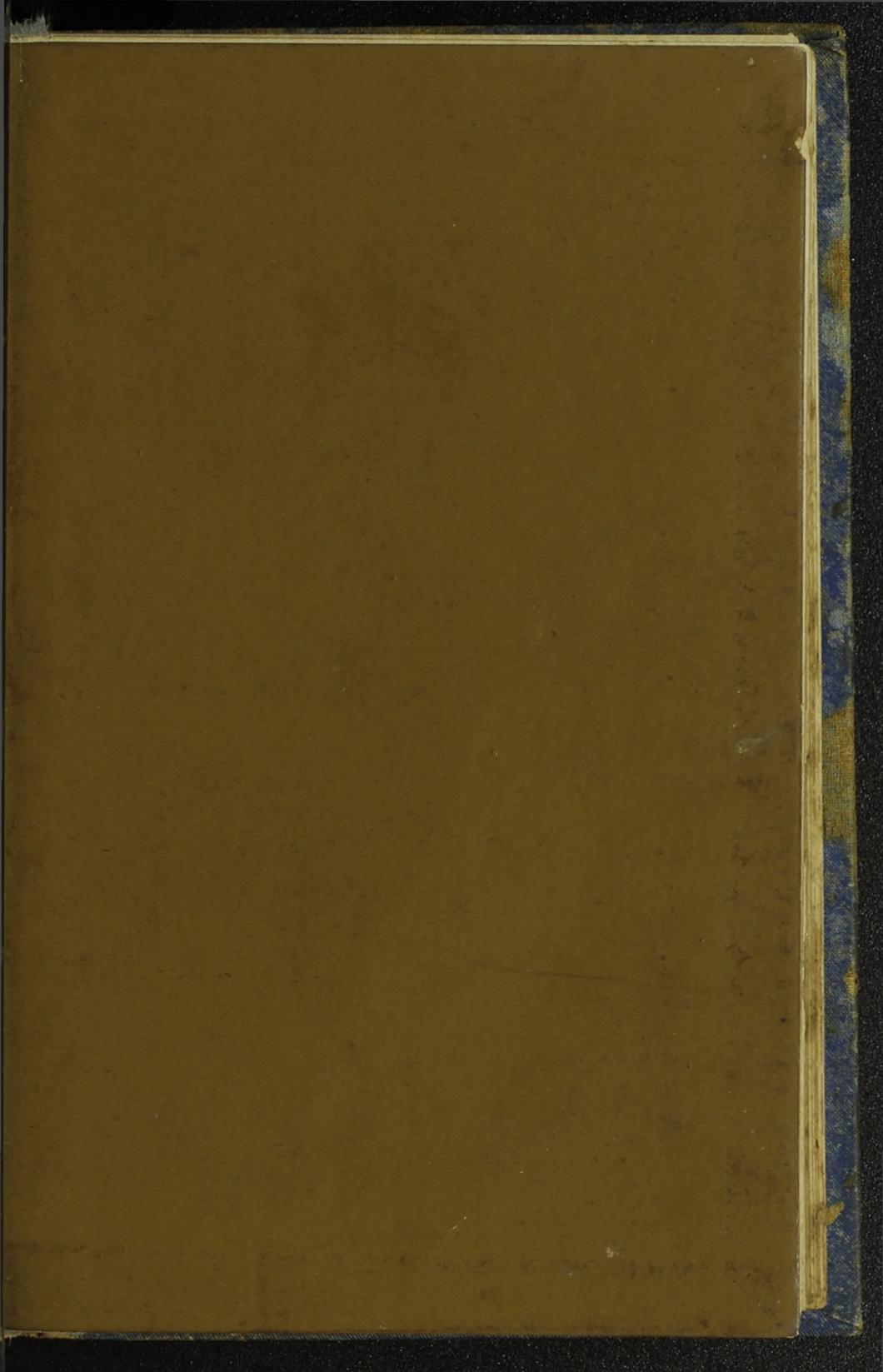
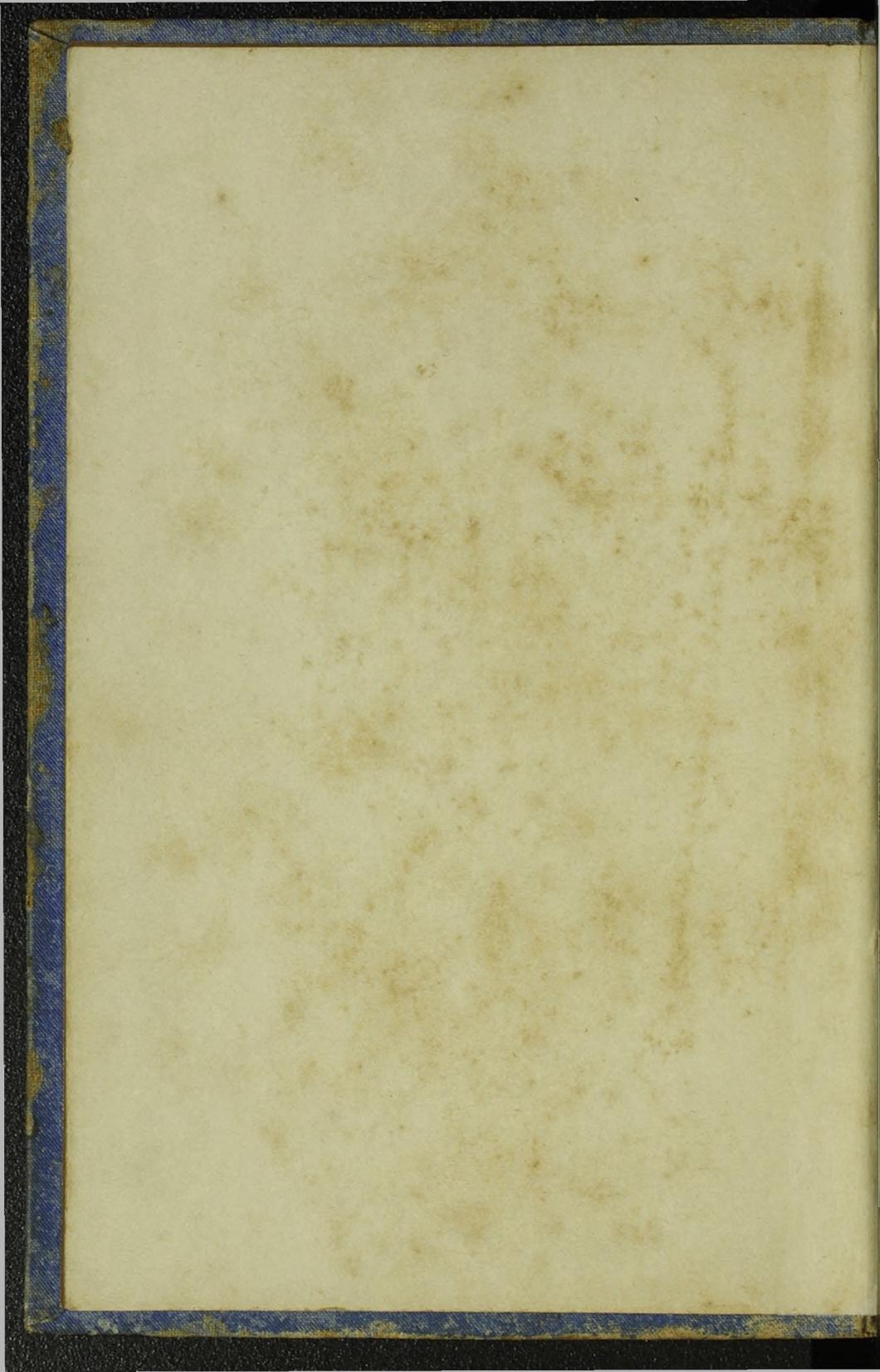
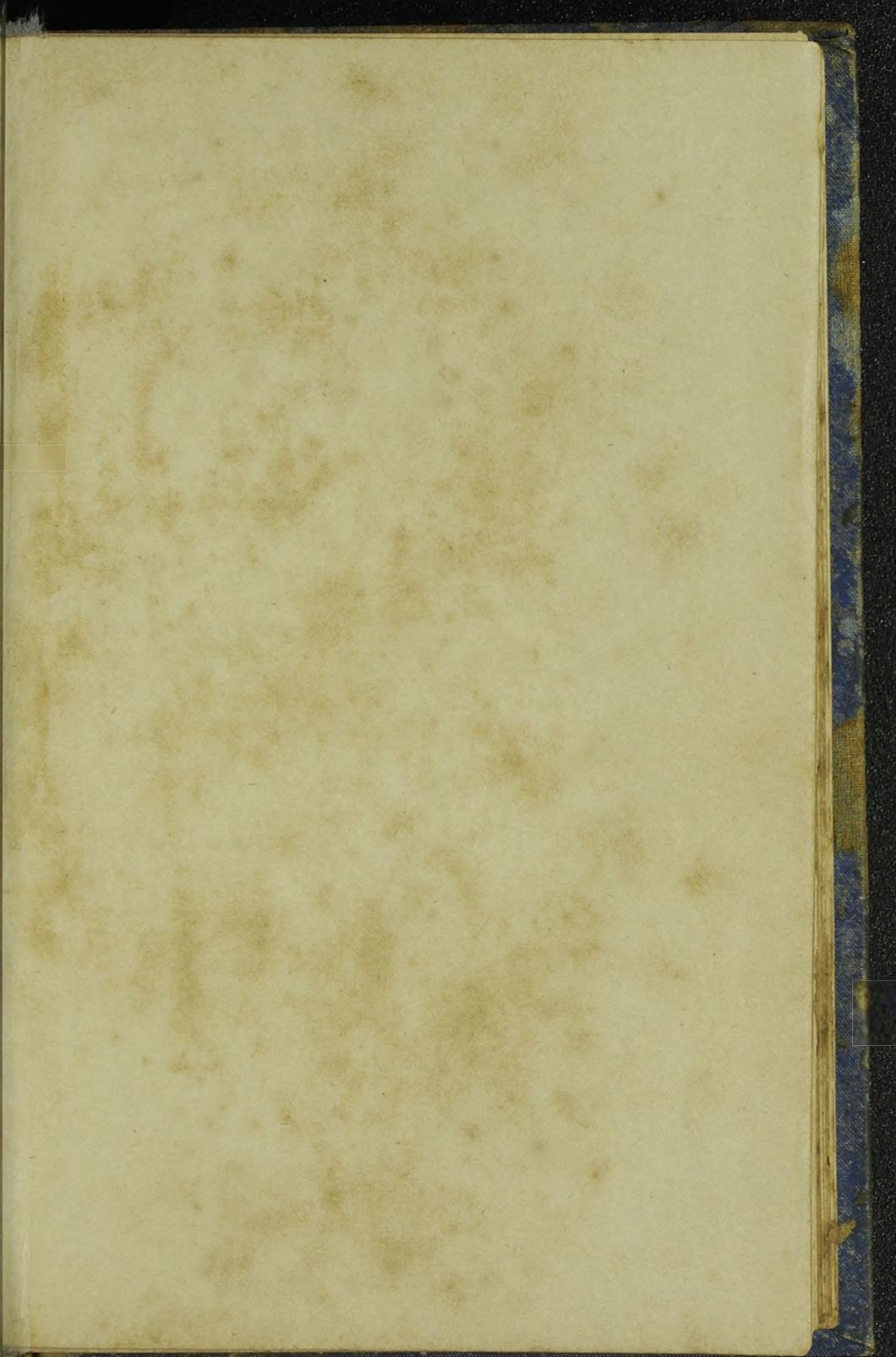


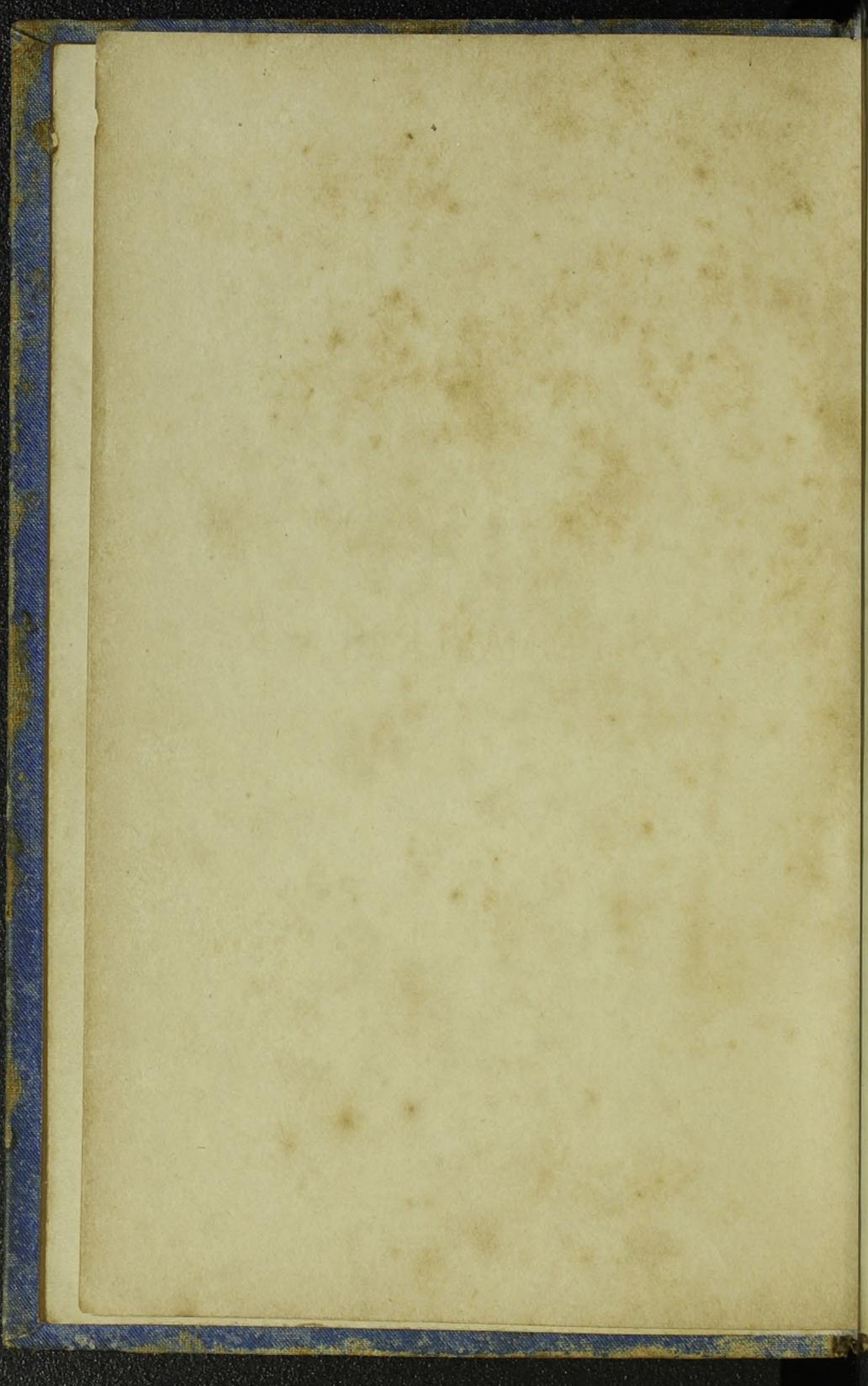
C. DE ABREU
—
AS
PRIMAVERAS











Quarta Parte ³¹

Nathanael Bizarro.

Rio, 5-8-'08.

AS PRIMAVERAS

Marina Reis

CASIMIRO DE ABREU

AS PRIMAVERAS

NOVA EDIÇÃO ACCRESCENTADA

COM

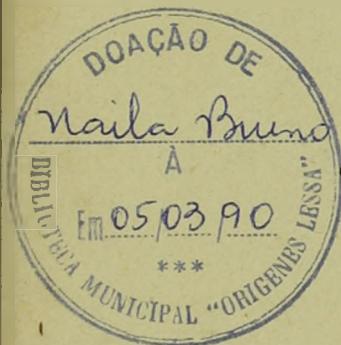
POESIAS INEDITAS DO AUTHOR

E

UM PROLOGO

POR

J. D. RAMALHO ORTIGÃO



BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

Tombo Nº _____
MUSEU LITERARIO

S. PAULO

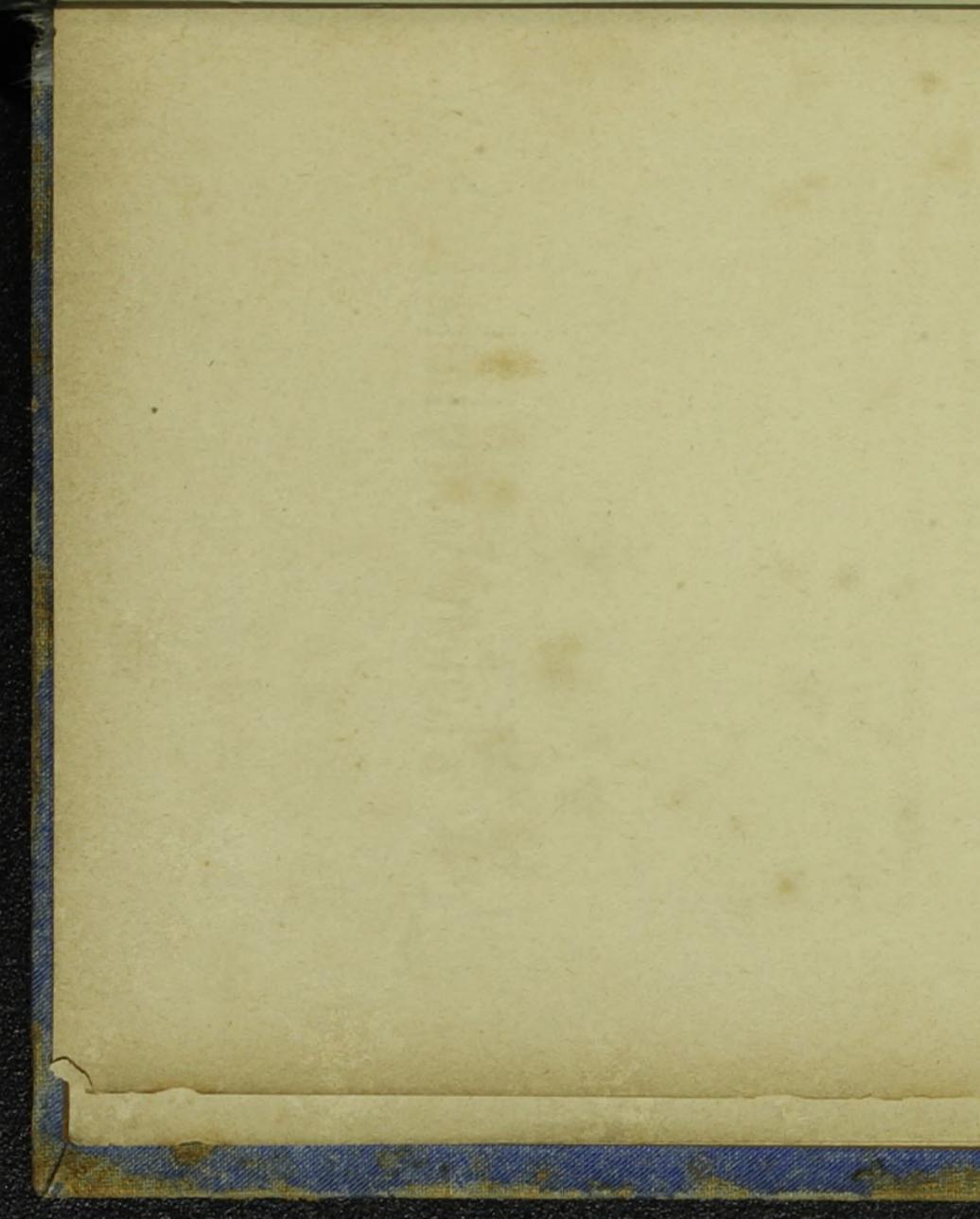
TEIXEIRA & IRMÃO—EDITORES

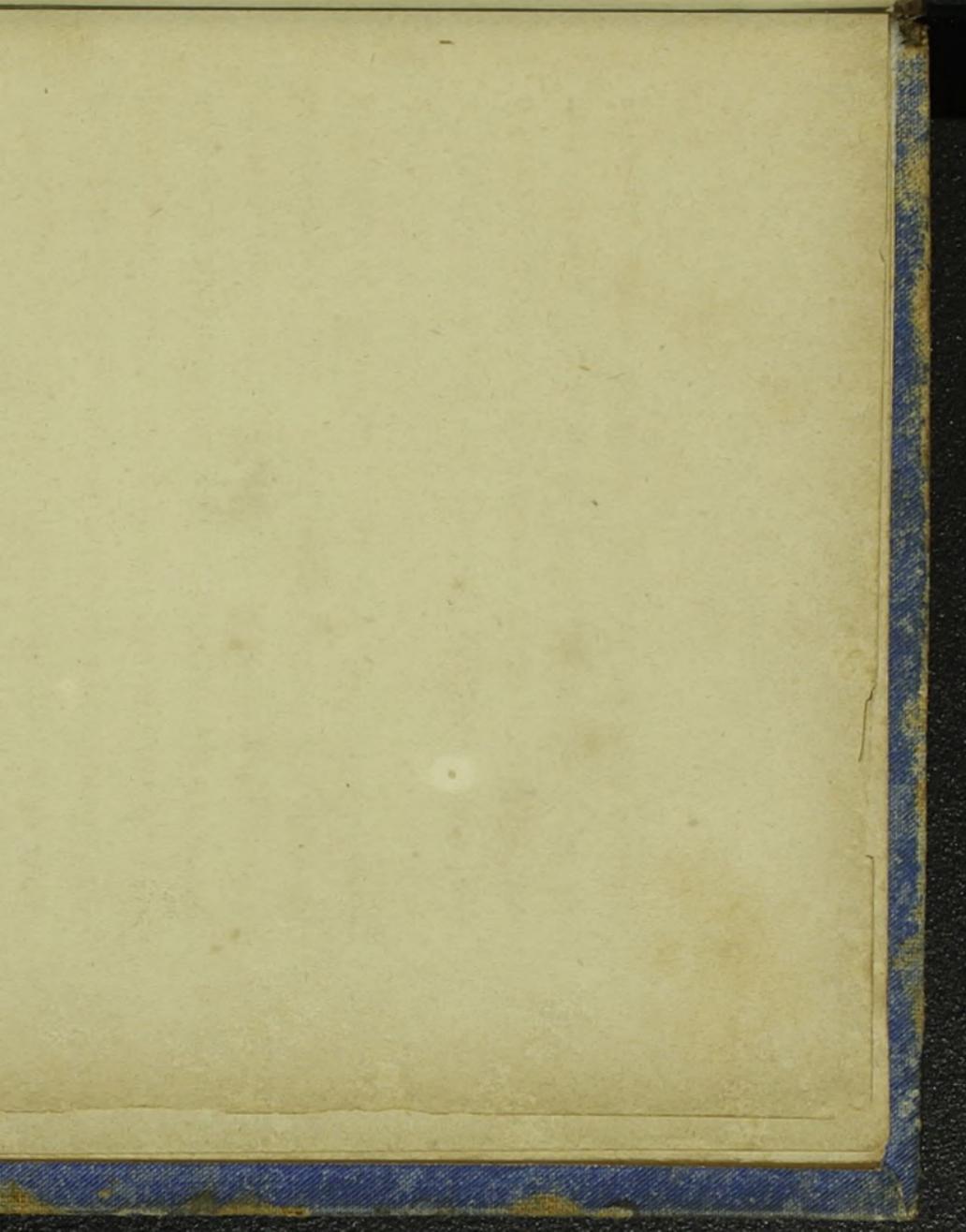
65, RUA DE S. BENTO, 65

1889

BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"

Leopoldo Paulista - SP.





CASIMIRO DE ABREU

Porque disparam em occasião de riso tantas ne-
nias engenhadas para arrancar lagrimas dos olhos e
desentranhar suspiros do peito?

Porque sahe pueril e ôca a ode que tenta deci-
frar essas tristezas suavissimas que a perfumada ara-
gem da saudade traz em tropel dos jardins do pas-
sado para adejarem em confusa nuvem sobre o nosso
espirito, assim como no cabeço de solitario penhasco
se esvoaça á hora do sol poente a revoada de aves
marinhas advindas no equinoccio de região longin-
qua?

Porque redundando em stridulo fragor de palavras
o hymno patriotico que dá no ouvido a toada e não
verte dentro o succo do enthusiasmo, o qual, ao
primeiro rebate da musa epica, devia logo pullular

nas veias, retremer nos musculos, tropejar no cerebro?

Porque descahe em vulgaridade chôcha, que faz sorrir ou descrêr a mulher, a palavra do amor, que lhe devia cair na alma como em labio de febricitante a fresquissima gotta do orvalho matutino, que refrigera e delicia, sem matar a sêde, sem estancar a ancia, sem apagar a febre?

É porque nem é de afflicto essa tristeza, nem de melancholico essa mágoa, nem de apaixonado essa paixão, nem de amante esse amor.

Para ser poeta é preciso ter fé em alguma coisa, disse Garrett, e então consignou em breve termo o aphorismo porque deviam principiar todas as artes poeticas.

Antes de lêr Aristoteles, Horacio, Vida e Despreaux, antes de perguntar á intelligencia se ella póde com o alimento que ha de enrijal-a, antes de a ungir para a lucta com os unguentos da immortalidade, cumpre interrogar o coração, porque é lá que deve existir o principal elemento que constitue os poetas. Releva acreditar seja em que fôr: no heroismo como Homero, na patria como Camões, na gloria como Tasso, na religião como Milton, na duvida como Byron, na liberdade como Hugo, na fa-

milia como Lamartine; na vida ou na eternidade: Horacio ou Dante, a realidade ou a visão. Mas cumpre acreditar de dentro e do intimo, com uma convicção entranhada e profunda, d'essas que instam, pungem, abalam, decidem, e quando chegam a revelar-se não se traduzem pela palavra, antes pelo grito. Não é a placidez oratoria compassando a dicção, aparando o metro, sopesando a figura, joeirando o vocabulo; é o impeto, é o arrobo, é a audacia, palpitando no labio, fuzilando nos olhos, latejando nas fontes. A criação intellectual póde em tal conjunctura não ser rigorosamente metrica, mas poetica ha de ser por força. E antes isso: antes a poesia sem o verso do que o verso sem a poesia; antes verdadeiro poeta pelo coração do que eximio versificador pela cabeça.

Casimiro d'Abreu, author d'este bello livro das *Primaveras*, que eu acabo de fechar, suscitando-me as reflexões que deixo escriptas, é d'ellas o melhor exemplo. Desconhece os segredos da linguagem com que se confeita a pobreza do espirito, não estudou em alheios moldes a fórmula em que tem de vasar-se a inspiração, não aprendeu a mechanica da palavra nem o contraponto da versificação. Não é um genio desenvolvido nem um grande litterato; é uma gran-

de alma e um grande infeliz. Não verseja, poeta; não canta, suspira, lamenta-se, chora. Diz-nos singelamente o que sente, dá-nos em cada verso um sorriso ou uma lagrima, em cada strophe um pedaço da sua alma, e sem o querer, sem o pensar, talvez, offerece-nos no seu livro das *Primaveras*, mera collecção de poesias fugitivas, o completo romance d'um coração, um poema inteiro, cujo heroe é o author.

O argumento d'esse livro, em um só canto, conciso e breve como a dôr intensa, é o summario da biographia exacta do poeta.

Applicado á maior parte das collecções de versos que eu conheço, este cotejo daria em resultado a anthithese em vez do accordo entre o poeta e o homem. É pois esta a feição caracteristica do livro de Casimiro d'Abreu, e é portanto sob esse aspecto que importa estudal-o.

Arrancado em annos tenros aos braços de familia, e trazido de casa de seus paes, na America do Sul, para um escriptorio commercial de Lisboa, Casimiro d'Abreu recebe ao desabrochar do seu talento o baptismo das lagrimas, que purifica para o logro da gloria os predestinados.

Assim como no espirito dos que cegam na infancia ficam indelevelmente stereotypados os ultimos

quadros por onde pairou a alegria dos olhos, qual na retina do assassinado a imagem do que o apunhalou, assim na alma do expatriado vai inteira para o exilio a lembrança querida e perfeita dos seus montes nataes, o perfume da brisa que lhe brincou com os anneis louros do cabello, a casa paterna, o meandroso caminho das devezas, a frescura do rio em que banhou os membros infantis, os tepidos beijos com que o aminou o amor materno, e mais que tudo isso, mais funda, mais luminosa, mais intima, a adorada imagem d'aquella mulher de olhos suaves e meiguissimo sorriso, que todos os poetas encontram uma vez aos dezeseis annos, palpavel imagem do sonho que sonharam sempre, lampejo de felicidade havida até então por impossivel, manifestação d'una belleza que tinham por meramente subjectiva, como reminiscencia ou intuição d'um céo passado ou futuro, demonstração do bello finalmente, revelação do amor.

Casimiro d'Abreu obrigado pela vontade paterna, que debalde tenta suffocar no coração do adolescente os irrequietos embryões da poesia, que dentro se lhe debatem já como no seio do vulcão a elaboração da lava, parte com o coração lanhado por agonia acerba.

Não é já o pae, é elle proprio, navegante no oceano, naufrago na vida, que com os olhos embaçados fitos no horisonte, onde esmorecidamente negreja ainda o vulto da patria, pede á Providencia que lhe ensine o segredo de ser vulgar, o meio de apagar a chamma que o devora, de sanar a ancia que o opprime, de arrancar o espinho que o dilacera como presentimento de infortunio eterno, de reduzir o coração que lhe não cabe no peito, de se mutilar até caber á larga no molde meão dos felizes da terra.

Impossivel! fadára-o Deus para a gloria: não lhe era dado hesitar entre a posteridade e a vida; era-lhe forçoso e irremissivel deixar esta, porque a immortalidade o estava já esperando como a filho dilecto.

A hesitação matou-o. A obediencia filial aconselhando-o a alliar os impetos da sua indole privilegiada com as obrigações da mais prosaica profissão, roubou-o á litteratura sem o dar á sociedade, o litterato desmedrou e finou-se sem que o negociante conseguisse nascer.

Lamentosa falta foi essa para as letras portuguezas e para a gloria da poesia brazileira contemporanea, tão brilhantemente polida nos ultimos an-

nos d'este seculo por operarios como Porto Alegre, Magalhães, Gonçalves Dias e Machado d'Assiz.

Se o positivismo das coisas precisava de vir recrutar um negociante na bohemia das letras, porque se não resgatou a substituição d'este só poeta com a entrega d'esses mil aquartilhadores de versos que por cá andam a derrancar um prestimo, que, espo-reado para outro sitio, deixaria por ventura de ser insipidamente inutil no seio do Cosmos?

Se Casimiro d'Abreu alliasse uma educação litteraria á pura sensibilidade da sua alma, á elevação do seu espirito, á clareza do seu criterio e ao pendor da sua indole profundamente melancolica e scismadora, abalanço-me a dizer que o seu nome seria hoje o do mais perfeito poeta que tem botado a moderna geração litteraria em Portugal e no Brazil.

Casimiro d'Abreu tem vinte annos; e o seu livro exhala de todas as folhas o perfume suavissimo d'esse madrugar da existencia tão esplendido sempre de luz e de harmonia, d'entusiasmo e d'amor...

Oh! dá que eu saude a tua memoria, meu divino rapaz, que tiveste a coragem de o ser, e de tal te prezares n'este seculo em que se finge a duvida, o desalento, e a descrença aos dezoito annos! n'este

seculo em que não ha convivas ao alegre banquete da mocidade, porque os imberbes tomam o seu café e palitam os dentes em jejum ! n'este seculo em que o espirito impotente tomou por moda descórar os beiços e pintar pés de gallinha ao canto dos olhos !...

Bem hajas tu, que foste verdadeiramente poeta no meio dos sensaborões, porque verdadeiramente foste sincero entre os presumidos !

Emquanto elles choramigavam a invocação á esgrouviada e despenteada musa do desalento e da indifferença emmolhavas tu singelamente as mais bonitas flores da tua alma, e com o rubor na face e o amor no coração, depunhas o beijado ramilhetinho no regaço da virgem dos teus sonhos, dizendo-lhe como a irmã :

Pódes lèr o *meu livro* : — adoro a infancia,
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas
Minh'alma — aberta em flôr — sonha contigo.

Esta simples quadra é a exacta profissão de fé do poeta.

A primeira parte das poesias de Casimiro d'Abreu, as quaes como que constituem a primeira época da

sua vida, é datada de Lisboa; a segunda e ultima do Brazil.

Nas primeiras ha um admiravel geito de saudade, um amor ardente, uma insoffrida aspiração de vida, e um calor palpitante e intimo, que parece desafogo e respiro da tropical natureza da America.

Logo nas primeiras paginas depara-se-nos uma pintura do Brazil, assignalada de toques magistraes, que immediatamente revelam um talento superior. Citarei como exemplo d'esse admiravel colorido uma só estrophe :

Ao lado da cachoeira
 Que se despenha fremente,
 Dos galhos da sapucaia,
 Nas horas do sol ardente,
 Sobre um solo d'açucenas
 Suspensa a rêde de pennas,
 Alli, nas tardes amenas,
 Se embala o indio indolente.

A timidez adoravel, que é sempre inseparavel socia do amor impetuoso em annos tenros, aqui está retratada com invejaveis tintas. A mulher amada queixa-se d'essa apparente indifferença em que o seu

vate esconde com esforço os estos febris d'uma paixão immensa. O poeta responde-lhe :

.....

É que esse vento que na varzea—ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso ateia !

Ai ! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz : — que seria da plantinha humilde
Que á sombra d'elle tão feliz crescia ?

.....

Ai ! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Trémula a falla a protestar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo !...

.....

Oh ! não me chames coração de gelo !
Bem vés: trahi-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
Ès bella—eu moço; tens amor, eu—medo !...

A imaginação impaciente do poeta, borboleteia sempre sobre as floridas saudades da patria e a

recordação prestigiosa de mulheres adoradas. Amemos! amemos sempre! pensa elle...

A vida é um deserto aborrecido
Sem sombra doce, ou viração calmante:
—Amor—é a fonte que nasceu nas pedras
E mata a sêde á caravana errante.

Nas horas tristes em que a saudade lhe turbasse a vista com lagrimas, e o tédio lhe obrigasse a abrir dos dedos a penna empregada no mercenario labor da arithmetica, que quadros não descortinaria lá bem longe no horisonte, por entre as cerradas trevas da sua vida, aquelle namorado espirito!

Junto d'elle, acorrentando-o e escarnecendo-o, a desaceiada labutação do trafego mercantil. Ao longe, convidativas, seductoras, deslumbrantes, todas as visões dos dezoito annos... A escada de sêda, palpitando á viração de noite estiva, suspensa do recortado balcão d'um castello gothico e sobranceira ao lago, onde dorme em gondola vasia banhada pelo luar o esquecido bandolim d'um trovador... Uma elegante e franzina amazona d'amplo vestido de veludo e luvas de camurça, montando uma haca-neia ingleza, perpassando a toda a brida, e convi-

dando-vos com um aceno e um sorriso a acompanhá-la, no meio do latir dos galgos e do toque d'avancar que estão dando as trompas na encruzilhada da floresta... Uma dança hespanhola n'um jardim de Granada, onde, debaixo do laranja e ao som dos pandeiros e das castanholas, as mais esbeltas filhas da Andaluzia requebram a cinta fascinadora e bailam ainda mais com os olhos negros do que com os pequeninos pés... Morbidas circacianas de hombros nús e seio palpitante, languescendo em fofas ottomanas entre os calidos e enebriantes perfumes d'um harem no Bosphoro...

Quem não desejou, quem não sonhou, quem não viu tudo isso na idade da adolescencia, tendo no craneo o dom fatal d'um talento imaginoso, e nas veias o irrequieto e ardente sangue meridional?...

Querem vêr todo esse aneio de mocidade concentrado n'um quadro bem simples: leiam os versos intitulados *Na rede*, nos quaes o poeta nos descreve a mulher amada, adormecida no seu leito suspenso no meio d'um bosque,

—O céo por docel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta scismando n'um lago bem manso
N'um leve batel!

Ouçam as ultimas strophes :

Dormia e sonhava—a bocca entre-aberta,
 O labio a sorrir;
 No peito cruzados os braços dormentos,
 Compridos e lisos quaes brancas serpentes
 No collo a dormir !

Dormia e sonhava—no sonho de amores
 Chamava por mim,
 E a voz suspirosa nos labios morria
 Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
 De algum bandolim !

Dormia e sonhava — de manso cheguei-me
 Sem leve rumor :
 Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
 Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido,
 Fallei-lhe de amor !

Ao halito ardente o peito palpita...
 Mas sem despertar ;
 E como nas ancias d'um sonho que é lindo,
 A virgem na rêde córando e sorrindo...
 Beijou-me — a sonhar !

Além d'esta, as poesias *Anjo* — **** — *Horas*
tristes — *Sonhando* — *Noivado* — *Visão* — *Pepita* — *Mo-*
reninha, e outras, são brilhantes provas da terrível

lucta em que deviam d'encontrar-se travados o genio do poeta e o espirito do caixeiro.

N'essas luctas em que não ha consolação nem treguas, consome-se rapidamente a existencia. Cada hora é uma lagrima, e cada lagrima uma parcella de vida que se esvae.

Uma tísica pulmonar veio ao encontro do pallido mancebo e guiou-o pela via mais curta para o ponto negro que elle fitava no horisonte.

Foi á primeira golfada de sangue, foi ao primeiro abraço da terrivel enfermidade, que o poeta escreveu esses formosissimos versos ungidos d'uma melancholia só comparavel á da *Captiva* d'André Chénier :

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
 Meu Deus ! não seja já ;
 Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
 Cantar o sabiá !

N'esta poesia, que se intitula *Canção do exilio*, ha um ar de singeleza e de candura admiravel. Direis a virgem ao regressar do primeiro baile em que desafogou o seu infantil contentamento, desfolhando ao amanhecer as rosas da capella sobre o seu tumulo aberto.

As três primeiras strophes suspiram assim :

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
 Respirando este ar ;
 Faz que viva, Senhor ! dá-me de novo
 Os gosos do meu lar !

O paiz estrangeiro mais bellezas
 Do que a patria, não tem ;
 E este mundo não val um só dos beijos
 Tão doces d'uma mãe !

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava
 Lá na quadra infantil ;
 Dá-me que eu veja uma vez o céu da patria,
 O céu do meu Brazil !

O anjo bom de Casimiro d'Abreu acolheu entre
 a candura das suas azas este ultimo e ardente de-
 sejo do infeliz trovador.

O exilado, já ferido de morte, já apparelhado
 para a viagem do céu, regressou á patria que tanto
 amára para lhe depôr no seio o ultimo suspiro, e

...morrer cercado dos perfumes
 D'um clima tropical,
 E sentir, expirando, as harmonias
 Do seu berço natal !

Lêram nas *Confidencias* de Lamartine a sentidíssima descripção do seu regresso ao querido torrão em que torna a vêr o campanario da capellinha onde sua mãe lhe ensinou a primeira oração, o jardim onde brincou os primeiros annos, o velho solar de seu pae, e o cemiterio onde dormem os seus avós? Se lêram, confrontem as paginas d'esse livro com as estancias da poesia intitulada *No lar*, e digam-me se não é a harpa do cantor das *Meditações* a mesma cujas cordas estremecem sob os dedos de Casimiro d'Abreu.

Que palpitante verdade não revêem esses versos, que em analogas circumstancias todos nós presentimos uma vez vagamente, preludiados na nossa lyra interior!

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,
 Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
 —Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...
 Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais sècca a cachoeira
 Onde banhei-me no infantil cansaço...
 —Como está velho o laranjal tamanho
 Onde eu caçava o sanhassú a laço!...

Eu me remoço recordando a infancia,
 E tanto a vida me palpita agora
 Que eu déra oh ! Deus ! a mocidade inteira
 Por um só dia do viver d'outr'ora !

E a casa?... as salas, estes moveis... tudo,
 O crucifixo pendurado ao muro...
 O quarto do oratorio... a sala grande
 Onde eu temia penetrar no escuro !...

Os profundos estragos da enfermidade que interiormente o devorava, não permittiram a Casimiro d'Abreu aspirar por muito tempo esse perfumado ambiente da America, que os pulmões lhe devolviam aos labios transformado em poesia ou em sangue.

Depois das citações que temos feito seria crime não trasladar tambem algumas notas do canto derradeiro d'esse mavioso cysne.

Eis as ultimas strophes escriptas por Casimiro d'Abreu. O poeta dirige-se do leito em que jaz á mulher que ama.

.....
 Mas eu bemdigo estas dores,
 Mas eu abenço o leito
 Que tantas mágoas me dá,
 Se me jurares, querida,
 Que meu nome no teu peito

Morto embora—viverá!
 —Que ás vezes na cruz singella
 Tu irás pallida e bella
 Desfolhar uma saudade!

.....

.....
 Assim,—se ámanhã, se logo,
 Sentires na face amada
 Passar um sópro de fogo
 Que te queime o coração,
 E uma mão fria e gelada
 Comprimir a tua mão
 Frisando os cabellos teus;
 —Não tenhas tu vãos temores
 Pois é minh'alma, querida,
 Que ao desprender-se da vida
 —Toda saudade e amores—
 Vai dizer-te o extremo—adeus!...

Pouco tempo depois Casimiro d'Abreu exhalava o seu ultimo suspiro, contando vinte e dois annos!

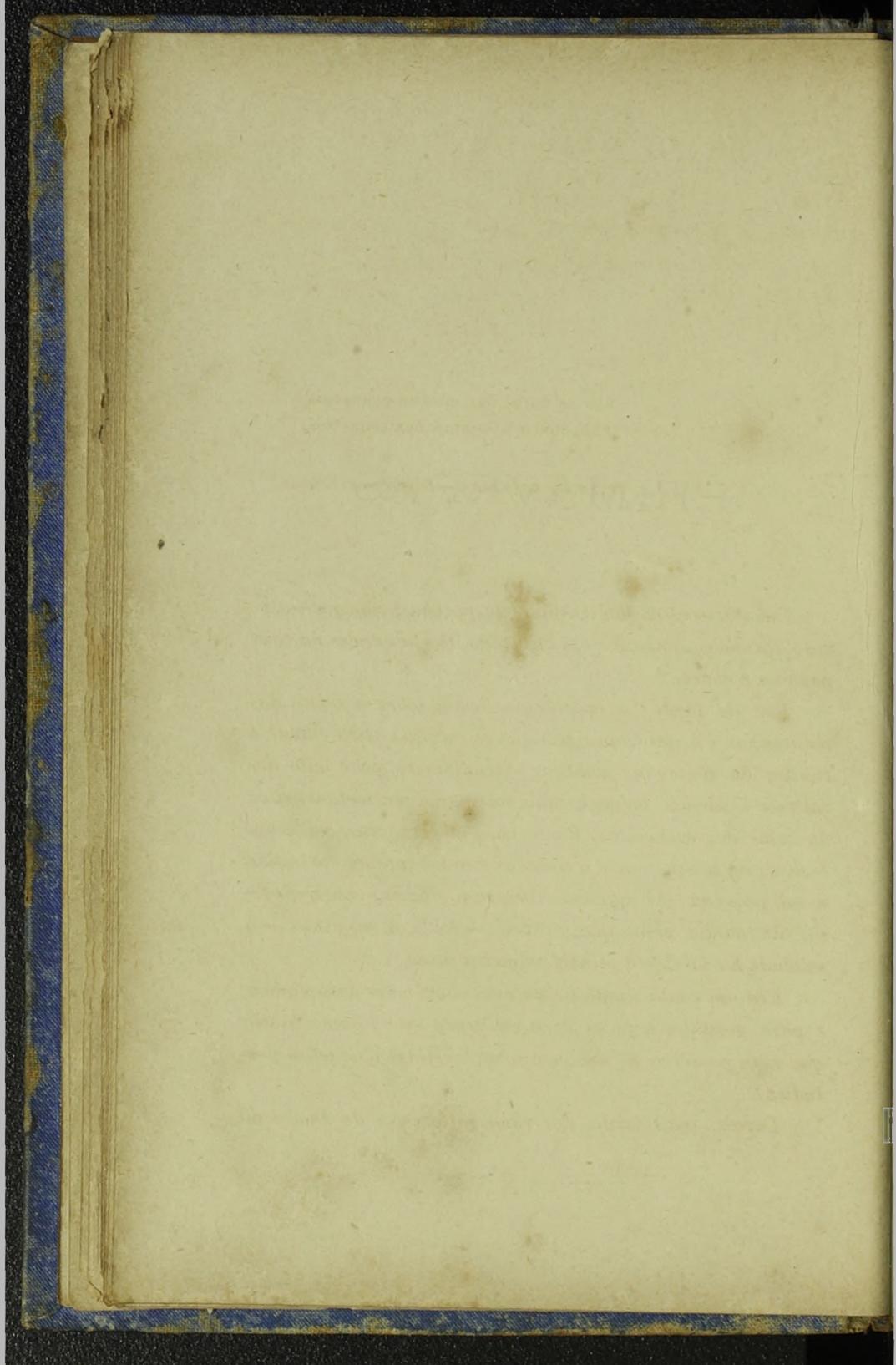
O livro que deixou ali está. E' o poema d'uma existencia, baseado nos mais singelos elementos de poesia: viver soffrendo, amar esperando, e morrer sorrindo.

J. D. RAMALHO ORTIGÃO.

PRIMAVERAS

*La vie du vulgaire n'est qu'un
vague et sourd murmure du cœur ;
la vie de l'homme sensible est un
cri ; la vie du poète est un chant.*

LAMARTINE.



São as flores das minhas primaveras
Rebentadas á sombra dos coqueiros.

TEIXEIRA DE MELLO — *Sombras e Sonhos.*

Um dia — além dos Orgãos, na poetica Friburgo — isolado dos meus companheiros de estudo, tive saudades da casa paterna e chorei.

Era de tarde; o crepusculo descia sobre a crista das montanhas e a natureza como que se recolhia para entoar o cantico da noite; as sombras estendiam-se pelo leito dos valles e o silencio tornava mais solemne a voz melancholica do cahir das cachoeiras. Era a hora da MERENDA em nossa casa e pareceu-me ouvir o ecco das risadas infantis de minha mana pequena! As lagrimas correram e fiz os primeiros versos da minha vida, que intitulei — ÀS AVE-MARIAS: — a saudade havia sido a minha primeira musa.

Era um canto simples e natural como o dos passarinhos, e para possuil-o hoje eu dera em troca este volume inutil, que nem conserva ao menos o sabor virginal d'aquelles preludios!

Depois, mais tarde, nas ribas pittorescas do Douro ou

nas varzeas do Tejo, tive saudades do meu ninho das florestas e cantei; a nostalgia me apagava a vida e as veigas risosas do Minho não tinham a belleza magestosa dos sertões.

Eu era entusiasta então e escrevia muito, porque me embalava á sombra d'uma esperança que nunca pude vêr realisada. N'uma hora de desalento rasguei muitas d'essas paginas candidas e quasi que pedi o balsamo da sepultura para as ulceras recentes do coração; é que as primeiras illuções da vida, abertas de noite — cahem pela manhã como as flôres cheirosas das laranjeiras!

Flôres e estrellas, murmurios da terra e mysterios do céu, sonhos de virgens e risos de creança, tudo o que é bello e tudo o que é grande, veio por seu turno debruçar-se sobre o espelho magico da minha alma e ahí estampar a sua imagem fugitiva. Se n'essa collecção de imagens predomina o perfil gracioso d'uma virgem, facilmente se explica: — era a filha do céu que vinha vibrar o alaiúde adormecido do pobre filho do sertão.

Rico ou pobre, contraditorio ou não, este livro fez-se por si, naturalmente, sem esforço, e os cantos sahiram conforme os logares os iam despertando. Um dia a pasta, pejada de tanto papel, pedia que se lhe dêsse um destino qualquer, e foi então que resolvi a publicação das — «Primaveras»; — depois separei muitos cantos sombrios, guardei outros que constituem o meu — livro intimo — e no fim de mudanças infinitas e caprichosas, pude ver o volume completo e o entrego hoje sem receio e sem pretenções.

Todos ahí acharão cantigas de creança, trovas de mancebo, e rarissimos lampejos de reflexão e de estudo: é o co-

ração que se espraia sobre o eterno thema do amor e que soletra o seu poema mysterioso ao luar melancolico das nossas noites.

Meu Deus! que se ha de escrever aos vinte annos, quando a alma conserva ainda um pouco da crença e da virgindade do berço? Eu creio que sempre ha tempo de sermos «homem serio», e de preferirmos uma moeda de cobre a uma pagina de Lamartine.

De certo, tudo isto são ensaios; a mocidade palpita, e na sede que a devora, decepa os louros inda verdes e antes de tempo quer ajustar as cordas do instrumento, que só a madureza da idade e o tracto dos mestres poderão temperar.

O filho dos tropicos deve escrever n'uma linguagem — propriamente sua — languida como elle, quente como o sol que o abraza, grande e mysteriosa como as suas matas seculares; o beijo apaixonado das Celutas deve inspirar epopeias como a dos — Tymbiras — e acordar os Renés enfatiados do desalento que os mata. Até então, até seguirmos o vôo arrojado do poeta de — Y-Juca-Pirama — nós, cantores noveis, somos as vozes secundarias que se perdem no conjuncto d'uma grande orchestra; ha o unico merito de não ficarmos caçados.

Assim, as minhas — «Primaveras» — não passam d'um ramilhete das flôres proprias da estação,— flôres que o vento esfolhará amanhã, e que apenas valem como promessa dos fructos do outomno.

Rio — 20 de Agosto — 1859.

Casimiro de Abreu.

A***

Fallo a ti — doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada d'um scismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigilia
Entre as rosas gentis do meu futuro.

Tu m'inspiraste, oh musa do silencio,
Mimosa flor da languida saudade !
Por ti correu meu astro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade.

Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu hombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes subtis d'algum segredo !

Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,
— Marinheiro de amor — no batel curvo,
Rasgando affouto em hymnos d'esperança
As ondas verde-azues d'um mar que é turvo.

Por ti corri sedento atraz da gloria ;
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores ;
Queria de harmonia encher-te a vida,
Palmas na frente — no regaço flores !

Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,
O anjo-tutelar dos meus anhelos,
Estende sobre mim as azas brancas...
Desenrola os anneis dos teus cabellos !

Muito gelo, meu Deus, crestou-me as galas !
Muito vento do sul varreu-me as flores !
Ai de mim — se o relento de teus risos
Não molhasse o jardim dos meus amores !

Não t'esqueças de mim ! Eu tenho o peito
De santas illusões, de crenças cheio !
— Guarda os cantos do louco sertanejo
No leito virginal que tens no seio.

Pódes lér o *meu livro*: — adoro a infancia,
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,
Creio em Deus, amo a patria, e em noites lindas
Minh'alma — aberta em flor — sonha contigo.

Se entre as rosas das minhas — Primaveras—
Houver rosas gentis, de espinhos nuas ;
Se o futuro atirar-me algumas palmas,
As palmas do cantor — são todas tuas.

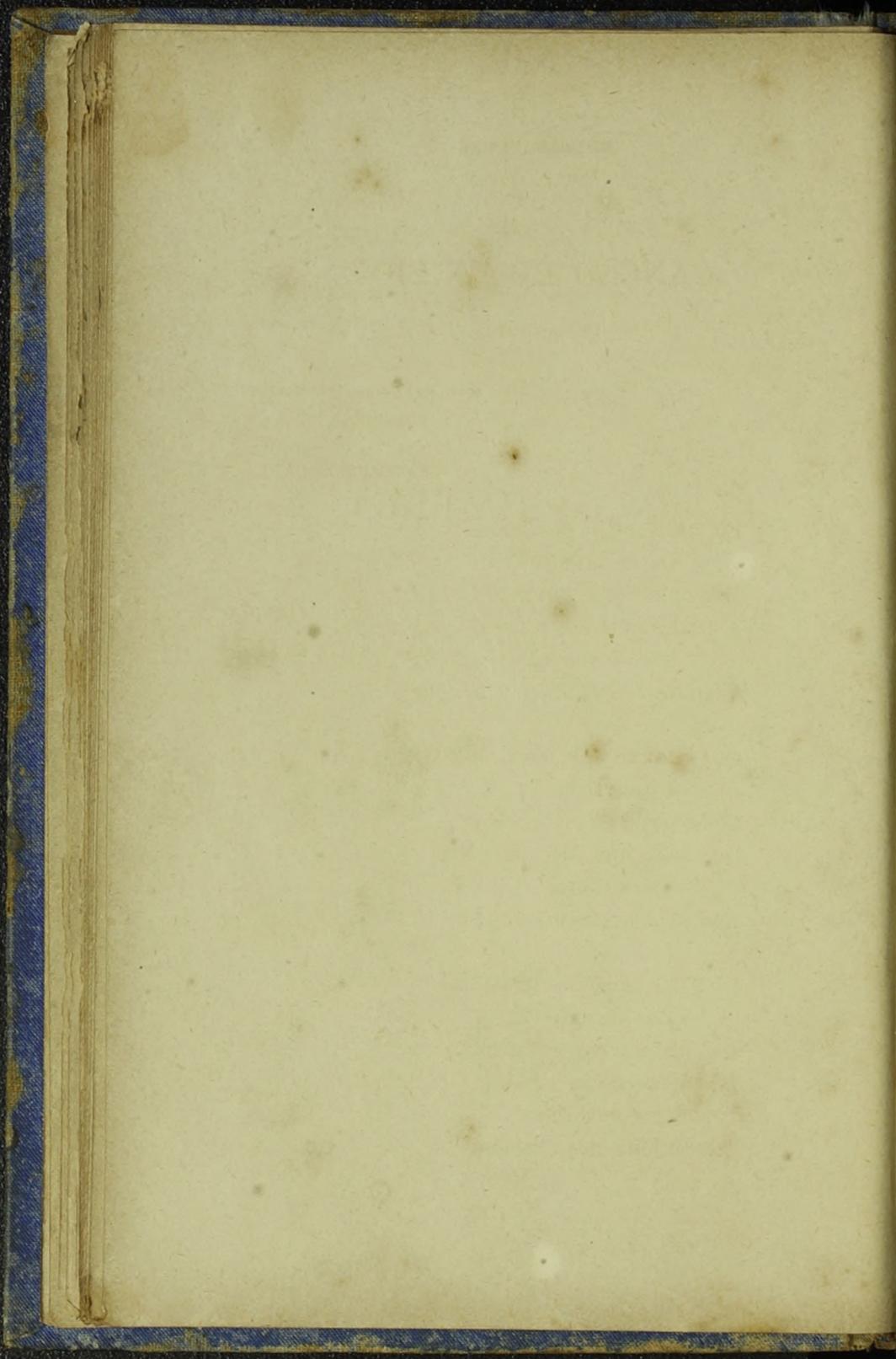
Agosto, 20 — 1859.

C.

LIVRO PRIMEIRO

*Heureux ceux qui n'ont point
vu la fumée des fêtes de l'étran-
ger, et qui ne se sont assis qu'aux
festins le leurs pères!*

CHATEAUBRIAND.



CANÇÃO DO EXILIO

*Oh! mon pays sera mes amours
Toujours.*

CHATEAUBRIAND.

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
— Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

Oh! que céu, que terra aquella,
Rica e bella
Como o céu de claro anil!
Que seiva, que luz, que galas,
Não exhalas
Não exhalas, meu Brazil!

Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
D'aquelles campos nataes!
D'aquelle céu de saphira
Que se mira,
Que se mira nos cristaes!

Não amo a terra do exilio,
Sou bom filho,
Quero a patria, o meu paiz,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentis!

Como a ave dos palmares
Pelos ares
Fugindo do caçador ;
Eu vivo longe do ninho,
Sem carinho,
Sem carinho e sem amor!

Debalde eu olho e procuro...
Tudo escuro
Só vejo em roda de mim !
Falta a luz do lar paterno
Doce e terno,
Doce e terno para mim.

Distante do solo amado
— Desterrado —
A vida não é feliz.
N'essa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu paiz !

MINHA TERRA

*Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá.*

G. DIAS.

Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas debeis cordas da lyra
Hei de fazel-a rainha ;
— Hei de dar-lhe a realeza
N'esse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul ;
Debaixo d'um céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brazil ;
— É uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa falla amores
Nas bellas tardes de abril.

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— É uma terra encantada
— Mimoso jardim de fada —
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual!

Não, não tem, que Deus fadou-a
D'entre todas — a primeira:
Deu-lhe esses campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flores que ella beija,
Quando o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.

É um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
— Tem serranias gigantes
E tem bosques verdejantes,
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas,
Suspensa a rêde de pennas
Alli nas tardes amenas
Se embala o indio indolente.

Foi alli que n'outro tempo
Á sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brasileiro ;
E a bella que o escutava
Um sorriso deslisava
Para o bardo que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marilia
Em ternissimos enleios
Se beijavam com ternura
Em celestes devaneios ;
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na lorangeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda a magestade
Rompeu de labios augustos
O brado da liberdade ;
Aquella voz soberana
Voou na plaga indiana
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade !

Um povo ergueu-se cantando
— Mancebos e anciãos —
E, filhos da mesma terra,
Alegres deram-se as mãos ;
Foi bello vêr esse povo
Em suas glórias tão novo,
Bradando cheio de fogo :
— Portugal ! somos irmãos !

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra
Nem os eccos da montanha
Ao longe diziam — guerra !
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra !

Se brasileiro eu nasci
Brazileiro hei de morrer,
Que um filho d'aquellas matas
Ama o céu que o viu nascer ;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos
Se chora pelos encantos
Que nunca mais ha de ver.

Chora, sim, como suspiro
Por esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo ;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tyê formoso
Da goiabeira no ramo !

Quiz cantar a minha terra,
Mas não pôde mais a lyra ;
Que outro filho das montanhas
O mesmo canto desfira,
Que o proscripto, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar — suspira !

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— É uma terra de amores
Alcatifada de flores
Onde a brisa em seus rumores
Murmura — não tem rival!

Lisboa — 1856.



SAUDADES

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrellas scintillam
Nas ondas quietas do mar ;
Quando a lua magestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vai mirar !

N'essas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de mágoa e de dôr,
O sino do campanario,
Que falla tão solitario
Com esse som mortuario,
Que nos enche de pavor.

Então — proscripto e sósinho —
Eu solto aos eccos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dores :
— Saudades — dos meus amores,
— Saudades — da minha terra !

... 1856.



CANÇÃO DO EXILIO

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus ! não seja já ;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá !

Meu Deus, eu sinto e tu bem vês que eu morro
Respirando este ar ;
Faz que eu viva, Senhor ! dá-me de novo
Os gosos do meu lar !

O paiz estrangeiro mais bellezas
Do que a patria, não tem ;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces d'uma mãe !

Dá-me os sitios gentis onde eu brincava
Lá na quadra infantil ;
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brazil !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus ! não seja já ;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá !

Quero vêr esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul !
E a nuvem côr de rosa que passava
Correndo lá do sul !

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel ;
E vêr se apanho a borboleta branca,
Que vóa no vergel !

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cahir,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus ! não seja já ;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
A voz do sabiá !

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical.
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal !

Minha campa será entre as mangueiras
Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
Á sombra do meu lar !

As cachoeiras chorarão sentidas
Porque cedo morri,
E eu sonho no sepulchro os meus amores
Na terra onde nasci !

Se eu tenho de morrer na flor dos annos,
Meu Deus ! não seja já ;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá !



MINHA MÃE

Oh ! l'amour d'une mère ! — amour que nul n'oublie.

V. HUGO.

Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dor,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor :
— Minha Mãe ! —

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
— «Oh filho querido do meu coração !» —
— Minha Mãe ! —

No berço, pendente dos ramos floridos
Em que eu pequenino feliz dormitava :
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava ?
— Minha Mãe ! —

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céos,
Quem é que meus labios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, qual sopro de Deus?

— Minha Mãe! —

Feliz o bom filho que pôde contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as caricias do anjo de amores,
Da estrella brilhante que a vida nos guia!

— Uma Mãe! —

Por isso eu agora na terra do exilio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
— «Oh filho querido do meu coração!» —

— Minha Mãe! —

Lisboa — 1855.



ROSA MURCHA

Esta rosa desbotada
Já tantas vezes beijada,
Pallido emblema de amor ;
É uma folha cahida
Do livro da minha vida,
Um canto immenso de dor !

.....

Ha que tempos! Bem me lembro...
Foi n'um dia de novembro :
Deixava a terra natal,
A minha patria tão cara,
O meu lindo Guanabara,
Em busca de Portugal.

Na hora da despedida
Tão cruel e tão sentida
P'ra quem sahe do lar fagueiro ;
D'uma lagrima orvalhada,
Esta rosa foi-me dada
Ao som d'um beijo primeiro.

Deixava a patria, é verdade,
Ia morrer de saudade
N'outros climas, n'outras plagas ;
Mas tinha orações ferventes
D'uns labios inda innocentes
Em quanto cortasse as vagas.

E hoje, e hoje, meu Deus? !
— Hei de ir junto aos mausoleus
No fundo dos cemiterios,
E ao baço clarão da lua
Da campa na pedra nua
Interrogar os mysterios !

Carpir o lyrio pendido
Pelo vento desabrido...
Da divindade aos arcanos
Dobrando a fonte saudosa,
Chorar a virgem formosa
Morta na flor dos annos !

Era um anjo ! Foi pr'o céu
Envolta em mystico véo
Nas azas d'um cherubim ;
Já dorme o somno profundo,
E despediu-se do mundo
Pensando talvez em mim !

.....

Oh! esta flor desbotada,
Já tantas vezes beijada,
Que de mysterios não tem!
Em troca do seu perfume
Quanta saudade resume
E quantos prantos tambem!

Lisboa — 1855.



JURITY

Na minha terra, no bolir do mato,
A jurity suspira ;
E como o arrulo dos gentis amores,
São os meus cantos de secretas dores
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
Á beira do caminho ;
— Talvez perdida na floresta ingente —
A triste geme n'essa voz plangente
Saudades do seu ninho.

Sou como a pomba e como as vozes d'ella
É triste o meu cantar ;
— Flor dos tropicos — cá na Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

*

A jurity suspira sobre as folhas seccas
Seu canto de saudade ;
Hymno de angustia, férvido lamento,
Um poema de amor e sentimento,
Um grito d'orphandade !

Depois... o caçador chega cantando,
Á pomba faz o tiro...
A bala acerta e ella cahe de bruços,
E a voz lhe morre nos gentis soluços,
No final suspiro.

E como o caçador, a morte em breve
Levar-me-ha comsigo ;
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sósinho, a voz desfallecida,
Dormir no meu jazigo.

E — morta — a pomba nunca mais suspira
Á beira do caminho ;
E como a jurity, — longe dos lares —
Nunca mais chorarei nos meus cantares
Saudades do meu ninho !

MEUS OITO ANNOS

Oh ! souvenirs ! printemps ! aurores !

V. HUGO. .

Oh ! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais !
Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes !

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia !
— Respira a alma innocencia
Como perfumes a flor ;
O mar é — lago sereno,
O céu — um manto azulado,
O mundo — um sonho dourado,
A vida — um hymno d'amor !

Que auroras, que sol, que vida,
Que noites de melodia
N'aquella doce alegria,
N'aquelle ingenuo folgar !
O céo bordado d'estrellas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar !

Oh ! dias da minha infancia !
Oh ! meu céo de primavera !
Que doce a vida não era
N'essa risonha manhã !
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha n'essas delicias
De minha mãe as caricias
E beijos de minha irmã !

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
— Pés descalços, braços nus —
Correndo pelas campinas
Á roda das cachoeiras,
Atraz das azas ligeiras
Das borboletas azues !

N'aquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar ;
Resava ás Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar !

.....

Oh ! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais !
—Que amor, que sonhos, que flores,
N'aquellas tardes fagueiras
Á sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes !

Lisboa — 1857.



NO ALBUM DE J. C. M.

N'estas folhas perfumadas
Pelas rosas desfolhadas
D'esses cantos de amizade,
Permitte que venha agora
Quem longe da patria chora
Bem triste gravar:— saudade!

Lisboa.



NO LAR

*Terra da minha patria, abre-me o seio
Na morte — ao menos.....*

GARRETT.

I

Longe da patria, sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde,
Chorei saudades do meu lar querido
— Ave sem ninho que suspira á tarde. —

No mar — de noite — solitario e triste
Fitando os lumes que no céu tremiam,
Ávido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos viam.

Era patria e familia e vida e tudo,
Gloria, amores, mocidade e crença,
E, todo em choros, vim beijar as praias
Por que chorára n'essa, longa ausencia.

Eis-me na patria, no paiz das flores,
— O filho prodigo a seus lares volve,
E concertando as suas vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve !

Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu tecto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu — cresceu comigo.

Os mesmós campos que eu deixei creança,
Arvores novas... tanta flor no prado !...
Oh ! como és linda, minha terra d'alma,
— Noiva enfeitada para o seu noivado ! —

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia ;
— Lá vejo o atalho que vai dar na varzea...
Lá o barranco por onde eu subia !...

Acho agora mais secca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
— Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhassú a laço !...

Como eu me lembro dos meus dias puros !
Nada me esquece !... e esquecer quem hade ?...
— Cada pedra que eu palpo, ou tronco, ou folha,
Falla-me ainda d'essa doce idade !

Eu me remoço recordando a infancia,
E tanto a vida me palpita agora
Que eu dera, oh ! Deus ! a mocidade inteira
Por um só dia do viver d'outr'ora !

E a casa ?... as salas, estes moveis... tudo,
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratorio... a sala grande
Onde eu temia penetrar no escuro !...

E alli... n'aquelle canto... o berço armado !
E minha mana, tão gentil, dormindo !
E mamãe a contar-me historias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo !

Oh ! primavera ! oh ! minha mãe querida !
Oh ! mana ! — anjinho que eu amei com ancia —
Vinde vêr-me, em soluços — de joelhos —
Beijando em choros esté pó da infancia !

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exílio!
Tanta dor me cortou a voz sentida,
Que agora n'este gôso de proscripto
Chora minh'alma e me succumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bella,
Que eu, senhor! não vivi — dormi apenas!
Minh'alma que se expande e se entumece
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que sêde que eu sentia n'essas noites!
Quanto beijo roçou-me os lábios quentes!
E, pallido, acordava no meu leito
— Sósinho — e orphão das visões ardentes!

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silencio e na voz d'esta natura;
— Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flores da estação mais pura.

Quero amor! quero vida! os labios ardem...
Preciso as dores d'um sentir profundo!
— Soffrego a taça exgotarei d'um trago
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
— Alma de archanjo que me falle amores,
Que ria e chore, que suspire e gema
E doure a vida sobre um chão de flores.

Quero amor! quero amor!—Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabellos;
Rosto lindo de fada vaporosa
Que dê-me vida e que mate em zelos!

Oh! céu de minha terra—azul sem mancha —
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens douradas que correis no occaso,
Nevoas da tarde que cobris o monte;

Perfumes da floresta, vozes doces,
Mansa lagôa que o luar prateia,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquillias que morreis na areia

Aves dos bosques, brisas das montanhas,
Bentevis do campo, sabiãs da praia,
—Cantai, correi, brilhai—minh'alma em ancias
Treme de gôso e de prazer desmaia!

Flores, perfumes, solidões, gorgeios,
Amor, ternura—mudulai-me a lyra!
—Seja um poema este ferver de ideias,
Que a mente cala e o coração suspira.

Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor e vida me trasporda o peito...
— Basta-me um anno!... e depois... na sombra...
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Eu canto, eu choro, eu rio, e grato e louco
Nos pobres hymnos te bemdigo, oh! Deus!
Deste-me os gôsos do meu lar querido...
Bemdito sejas! — vou viver c'os meus!

BRAZILIANAS

MORENINHA

Moreninha, Moreninha,
Tu és do campo a rainha,
Tu és senhora de mim ;
Tu matas todos d'amores,
Faceira, vendendo as flores
Que colhes no teu jardim.

Quando tu passas n'aldeia
Diz o povo á bocca cheia :
—« Mulher mais linda não ha !
« Ai vejam como é bonita
« Co'as tranças presas na fita,
« Co'as flores no samburá ! —

Tu és meiga, és innocente
Como a rôla que contente
Vôa e folga no rosal ;
Envolta nas simples galas,
Na voz, no riso, nas fallas,
Morena — não tens rival !

Tu, hontem, vinhas do monte
E paraste ao pé da fonte
A' fresca sombra do til ;
Regando as flores, sósinha,
Nem tu sabes, Moreninha,
• O quanto achei-te gentil !

Depois segui-te calado
Como o passaro esfaimado
Vai seguindo a jurity ;
Mas tão pura ias brincando,
Pelas pedrinhas saltando,
Que eu tive pena de ti !

E disse então : — Moreninha,
Se um dia tu fores minha,
Que amor, que amor não terás!
Eu dou-te noites de rosas
Cantando canções formosas
Ao som dos meus ternos ais.

Morena, minha sereia,
Tu és a rosa da aldeia,
Mulher mais linda não ha ;
Ninguem t'iguala ou t'imita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá !

Tu és a deusa da praça,
E todo o homem que passa
Apenas viu-te... parou!
Segue depois seu caminho
Mas vai calado e sósinho
Por que sua alma ficou !

Tu és bella, Moreninha,
Sentada em tua banquinha
Cercada de todos nós ;
Rufando alegre o pandeiro,
Como a ave no espinheiro
Tu soltas tambem a voz :

— « Oh ! quem me compra estas flores ?
« São lindas como os amores,
« Tão bellas não ha assim ;
« Foram banhadas de orvalho,
« São flores do meu serralho,
« Colhi-as no meu jardim. » —

Morena, minha Morena,
És bella mas não tens pena
De quem morre de paixão !
— Tu vendes flores singelas
E guardas as flores bellas,
As rosas do coração?!..

Moreninha, Moreninha,
Tu és das bellas rainha,
Mas nos amores és má ;
— Como tu ficas bonita
Co'as tranças presas na fita,
Co'as flores no samburá !

Eu disse então:— « Meus amores,
« Deixa mirar tuas flores,
« Deixa perfumes sentir ! »
Mas n'aquelle doce enleio,
Em vez das flores, no seio,
No seio te fui bulir !

Como nuvem desmaiada
Se tinge de madrugada
Ao doce albor da manhã ;
Assim ficaste, querida,
A face em pejo accendida,
Vermelha como a romã !

Tu fugiste, feiticeira,
 E de certo mais ligeira
 Qualquer gazella não é;
 Tu ias de sala curta...

Saltando a moita de murta
 Mostraste, mostraste o pé!

Al! Morena, al! meus amores,
 Eu quero comprar-te as flores,
 Mas dá-me um beijo também;
 Que importam rosas do Prado
 Sem o sorriso engraçado
 Que a tua boquinha tem!...

Apenas vi-te, serena,
 Chamete — rosa da aldeia —
 Como mais linda não ha.
 — Jesus! Como eras bonita
 Com as tranças presas na fita,
 Co'as flores no samburá!

Indy'assu — 1857.

*

NA REDE

Nas horas ardentes do pino do dia
Aos bosques corri ;
E qual linda imagem dos castos amores,
Dormindo e sonhando cercada de flores
Nos bosques a vi !

Dormia deitada na rede de pennas
—O céu por docel,
De leve embalada no quieto balanço
Qual nauta scismando n'um lago bem manso
N'um leve batel !

Dormia e sonhava — no rosto serena
Qual um serafim ;
Os cillios pendidos nos olhos tão bellos,
E a brisa brincando nos soltos cabellos
De fino setim !

Dormia e sonhava — formosa embebida
No doce sonhar,
E doce e sereno n'um magico anseio
Debaixo das roupas batia-lhe o seio
No seu palpitar!

Dormia e sonhava — a bocca entre-aberta,
O labio a sorrir ;
No peito cruzados os braços dormentes,
Compridos e lisos quaes brancas serpentes
No collo a dormir!

Dormia e sonhava — no sonho de amores
Chamava por mim,
E a voz suspirosa nos labios morria
Tão terna e tão meiga qual vaga harmonia
De algum bandolim !

Dormia e sonhava — de manso cheguei-me
Sem leve rumor ;
Pendi-me tremendo e qual fraco vagido,
Qual sopro da brisa, baixinho ao ouvido
Fallei-lhe de amor !

Ao halito ardente o peito palpita...
Mas sem despertar;
E como nas ancias d'um sonho que é lindo,
A virgem na rede córando e sorrindo...
Beijou-me — a sonhar !

Junho — 1853.



A VOZ DO RIO

(N'UM ALBUM)

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,
O mar é manso, nosso céu azul!
— Ai porque deixas este patrio ninho
Pelas friezas dos vergeis do sul?

Lá n'essa terra onde o Guahyba chora
Não são as noites, como aqui, formosas,
E as duras azas do Pampeiro iroso
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

A lua é doce, nosso mar tranquillo,
Mais leve a brisa, nosso céu azul!...
— Tupá! quem troca pelo patrio ninho
As ventanias dos vergeis do sul?!

Lá novos campos outros campos ligam
E a vista fraca na extensão se perde!
E tu sósinha viverás no exílio
— Garça perdida n'esse mar que é verde! —

Nossas campinas como doces noivas
Vivem c'os montes sob o céu azul!
— Ha vida e amores n'este patrio ninho
Mais rico e bello que os vergeis do sul!

Essas palmeiras não tem tantos leques,
O sol das Pampas mareou seu brilho,
Nem cresce o tronco que susteve um dia
O berço lindo em que dormiu teu filho!

Nossas florestas sacudindo os galhos
Tocam c'os braços este céu azul!
— Se tudo é grande n'este patrio ninho
Porque deixal-o p'ra viver no sul?!

Embora digas: — essa terra fria
Merece amores, é irmã da minha —
Quem dar-te pôde este calor do ninho,
A luz suave que o teu berço tinha?!

Eu — Guanabara — no meu longo espelho
Reflito as nuvens d'este céu azul;
— Ó minha filha! acalentei-te o somno,
Porque me deixas p'ra viver no sul?!..

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras
E o sol medroso s'esconder nas agoas,
Teu pensamento, como o sol que morre,
Ha de scismando mergulhar-se em mágoas!

Mas se forçoso t'é deixar a patria
Pelas friezas dos vergeis do sul,
O minha filha! não t'esqueças nunca
D'estas montanhas, d'este céu azul.

Tupá bondoso te derrame graças,
Doce ventura te bafeje e siga,
E nos meus braços — ao voltar do exílio —
Saudando o berço que teu labio diga:

« Volvo contente para o patrio ninho,
« Deixei sorrindo esses vergeis do sul ;
« Tinha saudades d'este sol de fogo...
« Não deixo mais este meu céu azul !... »

Rio — 1858.



SETE DE SETEMBRO

A D. PEDRO II

I

Foi um dia de gloria! — O povo altivo
Trocou sorrindo as vozes de captivo
 Pelo cantar das festas!
O leão indomavel do deserto
Bramiu soberbo, dos grillhões liberto,
 No meio das florestas!

Lá no Ypiranga do Brazil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte
 Erguia o augusto porte;
Cercada a fronte dos laureis da gloria
Soltou tremendo o brado da victoria:
 — Independencia ou morte!

O santo amor dos corações ardentes
Achou ecco no peito dos valentes
 No campo e na cidade ;
E nos salões — do pescador nos lares,
Livres soaram hymnos populares
 Á voz da liberdade !

II

— Anos correram ; — no torrão fecundo
Ao sol de fogo d'este novo-mundo
 A semente brotou ;
E franca e leda, a geração nascente
Á copa altiva da arvore frondente
 Segura se abrigou !

Á roda da bandeira sacrosanta
Um povo esperançoso se levanta
 Infante e a sorrir !
A nação do lethargo se desperta,
E — livre — marcha pela estrada aberta
 Ás glorias do porvir !

O paiz, n'alegria todo immerso,
Velava attento á roda só d'um berço...

Era o vosso, Senhor !

Vós do tronco feliz doce renovo,
Vêde agora, Senhor, na voz do povo

Quão grande é seu amor !

Rio — 1858.



CANTICOS

A tarde que expira,
A flor que suspira,
O canto da lyra,
Da lua o clarão ;
Dos mares na raia
A luz que desmaia,
E as ondas na praia
Lambendo-lhe o chão ;

Da noite a harmonia
Melhor que a do dia,
E a viva ardentia
Das agoas do mar ;
A virgem incauta,
As vozes da flauta,
E o canto do nauta
Chorando o seu lar ;

Os tremulos lumes,
Da frente os queixumes,
E os meigos perfumes
Que solta o vergel ;
As noites brilhantes,
E os doces instantes
Dos noivos amantes
Na lua de mel ;

Do templo das naves
As notas suaves,
E o trino das aves
Saudando o arrebol ;
As tardes estivas,
E as rosas lascivas
Erguendo-se altivas
Aos raios do sol ;

A gotta de orvalho
Tremendo no galho
Do velho carvalho,
Nas folhas do ingá ;
O bater do seio,
Dos bosques no meio
O doce gorgoeio
D'algum sabiá ;

A orphã que chora,
A flor que se cora
Aos raios da aurora,
No albor da manhã ;
Os sonhos eternos,
Os gózos mais ternos,
Os beijos maternos
E as vozes de irmã ;

O sino da torre
Carpindo quem morre,
E o rio que corre
Banhando o chorão ;
O triste que vela
Cantando á donzella
A trova singela
Do seu coração ;

A luz da alvorada,
E a nuvem dourada
Qual berço de fada
N'um céu todo azul ;
No lago e nos brejos
Os férvidos beijos
E os loucos bafejos
Das brisas do sul ;

Toda essa ternura
Que a rica natura
Soletra e murmura
Nos halitos seus,
Da terra os encantos,
Das noites os prantos.
São hymnos, são cantos
Que sobem a Deus !

Os tremulos lumes,
Da veiga os perfumes,
Da fonte os queixumes,
Dos prados a flor,
Do mar a ardentia,
Da noite a harmonia,
Tudo isso é — poesia !
Tudo isso é — amor !

Inday'assú — 1837.



ORAÇÕES

A ***

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva
Da férvida oração nas azas puras,
E Deus recebe como um longo hosanna
O cantico de amor das creaturas.

Do throno d'ouro que circumdam anjos
Sorrindo ao mundo a Virgem-Mãe s'inclina
Ouvindo as vozes d'innocencia bella
Dos labios virginaes d'uma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala
Ante a prece infantil, que sobe e vôa
Fresca e serena qual perfume doce
Das frescas rosas de gentil corôa.

As doces fallas de tua alma santa
Valem mais do que eu valho oh! cherubim!
Quando resares por teu mano, á noite,
Não t'esqueças tambem — resa por mim!

BALSAMO

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras
 Rojar-se essa mulher que a dor ferira!
 A morte lhe roubára d'um só golpe
 Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,
 E deixou-a sósinha e desgrenhada
 — Estatua da afflicção aos pés d'um tumulo! —
 O esqualido coveiro para dous corpos
 Ergueu a mesma enxada, e n'essa noite
 A mesma cova os teve!

E a mãe chorava,
 E mais alto do que o choro erguia as vozes!

.....

No entanto o sacerdote — fronte branca
 Pelo gelo dos annos — a seu lado
 Tentava consolal-a.

A mãe afflicta
 Sublime d'esse bello desespero
 As vozes não lhe ouvia ; a dor suprema
 Toldava-lhe a razão no duro trance.

«Oh ! padre! — disse a pobre s'estorcendo
Co'a voz cortada dos soluços d'alma —
«Onde o balsamo, as fallas d'esperança,
«O allivio á minha dor?!»

Grave e solemne,
O padre não fallou — mostrou-lhe o céu !

Rio — 1858.



DEUS!

Eu me lembro ! eu me lembro ! — Era pequeno
E brincava na praia ; o mar bramia
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca escuma para o céu sereno.

E eu disse a minha mãe n'esse momento :
«Que dura orchestra ! Que furor insano !
«Que pôde haver maior do que o oceano,
«Ou que seja mais forte do que o vento ? !» —

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os ceus
E respondeu : — «Um Sér que nós não vemos
«É maior do que o mar, que nós tememos,
«Mais forte que o tufão ! meu filho, é — Deus !» —

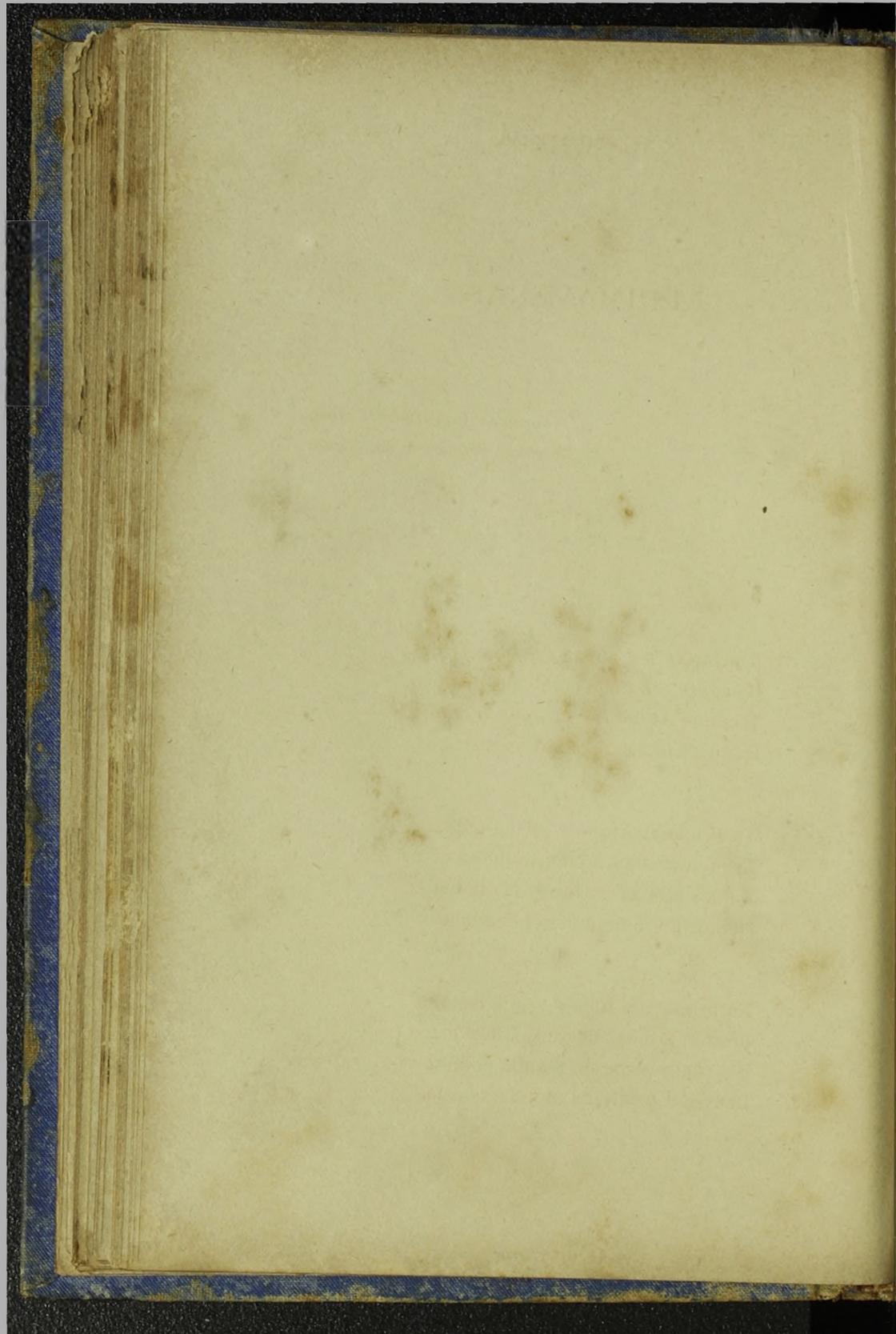
Dezembro — 1858.



LIVRO SEGUNDO

*La chanson la plus charmante
Est la chanson des amours !*

V. HUGO.



PRIMAVERAS

*Primavera! juventud del anno,
Mocidad! primavera della vita.*

METASTASIO.

I

A primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinam as aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flores
Melhor perfume a violeta exhala.

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotam aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a frente da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a criação modula,
Canta a calhandra, a jurity arrulla,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa: — Como é linda a veiga!
Responde a rosa: — Como é doce o orvalho!

II

Mas como ás vezes sobre o céu sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Tambem a lyra alguma vez sombria
Solta gemendo de amargura um threno.

São flores murchas; — o jasmim fenece,
Mas bafejado s'erguerá de novo
Bem como o galho de gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio
Treme nos labios do cantor mancebo,
Em breve a virgem de seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio.

Na primavera — na manhã da vida —
Deus ás tristezas o sorriso enlaça,
E a tempestade se dissipa e passa
À voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa,
Ama-se a vida — a mocidade é crença,
E a alma virgem n'esta festa immensa
Canta, palpita, s'extasia e gosa.

1.º de julho — 1858.



SCENA INTIMA

Como estás hoje zangada
E como olhas despeitada
 Só p'ra mim !
— Ora diz-me : esses queixumes,
Esses injustos ciumes
 Não tem fim ?

Que pequei eu bem conheço,
Mas castigo não mereço
 Por peccar ;
Pois tu queres chamar crime
Render-me á chamma sublime
 D'um olhar !

Por ventura te esqueceste
Quando de amor me perdeste
 N'um sorrir ?
Agora em colera immensa
Já queres dar a sentença
 Sem me ouvir !

E depois, se eu te repito
Que n'esse instante maldito
— Sem querer —
Arrastado por magia
Mil torrentes de poesia
Fui beber!

Eram uns olhos escuros
Muito bellos, muito puros,
Como os teus!
Uns olhos assim tão lindos
Mostrando gôsos infindos,
Só dos ceus!

Quando os vi fulgindo tanto
Senti no peito um encanto
Que não sei!
Juro fallar-te a verdade...
Foi de certo — sem vontade —
Que eu pequei!

Mas hoje, minha querida,
Eu dera até esta vida
P'ra poupar
Essas lagrimas queixosas,
Que as tuas faces mimosas
Vem molhar!

Sabe ainda ser clemente,
Perdoa um erro innocente,
 Minha flor !
Seja grande embora o crime
O perdão sempre é sublime,
 Meu amor !

Mas se queres com maldade
Castigar quem — sem vontade —
 Só peccou ;
Olha, linda, eu não me queixo,
A teus pés cabir me deixo...
 Aqui 'stou !

Mas se me deste, formosa,
De amor na taça mimosa
 Doce mel ;
Ai ! deixa que peça agora
Esses extremos d'outr'ora
 O infiel :

Prende-me... n'esses teus braços
Em doces, longos abraços
 Com paixão ;
Ordena, com gesto altivo...
Que te beije este captivo
 Essa mão !

Mata-me sim... de ventura,
Com mil beijos de ternura
 Sem ter dó,
Que eu prometto, anjo querido,
Não desprender um gemido,
 Nem um só !



JURAMENTO

Tu dizes, oh Mariquinhas
Que não crês nas juras minhas,
Que nunca cumpridas são !
Mas se eu não te jurei nada,
Como has de tu, estouvada,
Saber se eu as cumpro ou não ?!

Tu dizes que eu sempre minto,
Que protesto o que não sinto,
Que todo o poeta é vario,
Que é borboleta inconstante ;
Mas agora, n'este instante,
Eu vou provar-te o contrario.

Vem cá, sentada a meu lado
Com esse rosto adorado
Brilhante de sentimento,
Ao collo o braço cingido,
Olhar no meu embebido,
Escuta o meu juramento.

Espera : — inclina essa fronte...
Assim!... — Pareces no monte
Alvo lyrio debruçado!
— Agora, se em mim te fias,
Fica séria, não te rias,
O juramento é sagrado :

«— Eu juro sobre estas tranças,
«E pelas chammas que lanças
«D'esses teus olhos divinos ;
«Eu juro, minha innocente,
«Embalar-te docemente
«Ao som dos mais ternos hymnos !

«Pelas ondas, pelas flores,
«Que se estremecem de amores
«Da brisa ao sopro lascivo ;
«Eu juro, por minha vida,
«Deitar-me a teus pés, querida,
«Humilde como um captivo !

«Pelos lyrios, pelas rosas,
«Pelas estrellas formosas,
«Pelo sol que brilha agora,
«— Eu juro dar-te, Maria,
«Quarenta beijos por dia
«E dez abraços por hora ! »

O juramento está feito,
Foi dito co'a mão no peito
Apontando ao coração;
E agora — por vida minha,
Tu verás, oh ! moreninha,
Tu verás se o cumpro ou não !...

Rio — 1857.



PERFUMES E AMOR

NA PRIMEIRA FOLHA D'UM ALBUM

A flôr mimosa que abrilhanta o prado
Ao sol nascente vai pedir fulgor ;
E o sol, abrindo da açucena as folhas,
Dá-lhe perfumes — e não nega amor.

Eu que não tenho, como o sol, seus raios,
Embora sinta n'esta fronte ardor,
Sempre quizera ao encetar teu album
Dar-lhe perfumes — desejar-lhe amor.

Meu Deus! nas folhas d'este livro puro
Não manche o pranto da innocencia o alvor,
Mas cada canto que cahir dos labios
Traga perfumes — e murmure amor.

Aqui se junte, qual n'um ramo santo,
Do nardo o aroma e da camelia a cor,
E possa a virgem, percorrendo as folhas,
Sorver perfumes — respirar amor.

Encontre a bella, caprichosa sempre,
Nos ternos hymnos d'infantil frescor
Entrelaçados na grinalda amiga
Doces perfumes — e celeste amor.

Talvez que diga, recordando tarde
O doce anhelos do feliz cantor :
— «Meu Deus ! nas folhas do meu livro d'alma
Sobram perfumes — e não falta amor !»

Junho — 1858.



SEGREDOS

Eu tenho uns amores — quem é que os não tinha
Nos tempos antigos? — Amar não faz mal ;
As almas que sentem paixão como a minha,
Que digam, que fallem em regra geral.

— A flor dos meus sonhos é moça e bonita
Qual flor entr'aberta do dia ao raiar,
Mas onde ella mora, que casa ella habita,
Não quero, não posso, não devo contar !

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
Seus labios de rosa, a falla é de mel,
As tranças compridas, qual livre bacchante,
O pé de creança, cintura de anel ;

— Os olhos rasgados são còr das saphiras,
Serenos e puros, azues como o mar ;
Se fallam sinceros, se pregam mentiras,
Não quero, não posso, não devo contar !

Oh ! hontem no baile com ella walsando
Senti as delicias dos anjos do céo !
Na dança ligeira qual sylpho voando
Cahiuihe do rosto seu candido véo !

— Que noite e que baile! — Seu halito virgem
 Queimava-me as faces no louco walsar,
 As fallas sentidas que os olhos fallavam
 Não posso, não quero, não devo contar!

Depois indolente firmou-se em meu braço,
 Fugimos das salas, do mundo talvez!
 Inda era mais bella rendida ao cansaço
 Morrendo de amores em tal languidez!

— Que noite e que festa! e que languido rosto
 Banhando ao reflexo do branco luar!
 A neve do collo e as ondas dos seios
 Não quero, não posso, não devo contar!

A noite é sublime! — tem longos queixumes,
 Mysterios profundos que eu mesmo não sei:
 Do mar os gemidos, do prado os perfumes,
 De amor me mataram, de amor suspirei!

— Agora eu vos juro... Palavra! — não minto!
 Ouvi-a formosa tambem suspirar;
 Os doces suspiros que os eccos ouviram
 Não quero, não posso, não devo contar!

Então n'esse instante nas aguas do rio
 Passava uma barca, e o bom remador
 Cantava na flauta: — «Nas noites d'estio
 O céu tem estrellas, o mar tem amor!»

— E a voz maviosa do bom gondoleiro
 Repete cantando: — «viver é amar!» —
 Se os peitos respondem á voz do barqueiro...
 Não quero, não posso, não devo contar!

Trememos de medo... a bocca emmudece
Mas sentem-se os pulos do meu coração !
Seu seio nevado de amor se entumcece...
E os labios se tocam no ardor da paixão !
—Depois... mas já vejo que vós, meus senhores,
Com fina malicia quereis me enganar.
Aqui faço ponto; — segredos de amores
Não quero, não posso, não devo contar !

Rio — 1857.



CLARA

Não sabes, Clara, que pena
Eu teria se — morena
Tu fosses em vez de *clara* !
Talvez... Quem sabe?... não digo...
Mas reflectindo comigo
Talvez nem tanto te amára !

A tua côr é mimosa,
Brilha mais da face a rosa,
Tem mais graça a bocca breve.
O teu sorriso é delirio...
És alva da côr do lyrio,
És *clara* da côr da neve !

A morena é predilecta,
Mas a *clara* é do poeta :
Assim se pintam archanjos.
Qualquer, encantos encerra,
Mas a morena é da terra
Em quanto a *clara* é dos anjos !

Mulher morena é ardente :
Prende o amante demente
Nos fios do seu cabelo ;
— A *clara* é sempre mais fria,
Mas dá-me licença um dia
Que eu vou arder no teu gelo !

A côr morena é bonita,
Mas nada, nada te imita
Nem mesmo sequer de leve.
— O teu sorriso é delirio...
És alva da côr do lyrio,
És *clara* da côr da neve !

Rio — 1858.



A WALSA

A. M. . . .

Tu, hontem
Na dança
Que cança,
Voavas
C'oas faces
Em rosas
Formosas
De vivo,
Lascivo
Carmim ;
Na walsa
Tão falsa,
Corrias,
Fugias,
Ardente,

Contente,
Tranquilla,
Serena,
Sem pena
De mim !

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti !
Quem dera
Que sintas !...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi !...

Walsavas :
— Teus bellos
Cabellos,
Já soltos,
Revoltos,
Saltavam,
Voavam,
Brincavam
No collo

AS PRIMAVERAS

Que é meu ;
E os olhos
Escuros
Tão puros,
Os olhos
Perjuros
Volvias,
Tremias,
Sorrias
P'ra outro
Não eu !

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas !...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi !...

Meu Deus!
Eras bella
Donzella,

Walsando,
Sorrindo,
Fugindo,
Qual sylpho
Risonho
Que em sonho
Nos vem!
Mas esse
Sorriso
Tão liso
Que tinhas
Nos labios
De rosa,
Formosa,
Tu davas,
Mandavas
A quem?!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Calado,
Sósinho,
Mesquinho,
Em zelos
Ardendo,
Eu vi-te
Correndo
Tão falsa
Na walsa
Veloz!
Eu triste
Vi tudo!
Mas mudo
Não tive
Nas galas
Das salas,
Nem fallas,
Nem cantos,
Nem prantos,
Nem voz!

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!

Quem dera
Que sintas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Na walsa
Cansaste ;
Ficaste
Prostrada,
Turbada!
Pensavas,
Seismavas,
E estavas
Tão pallida
Então ;
Qual pallida
Rosa
Mimosa,
No valle
Do vento
Cruento
Batida,
Cahida
Sem vida
No chão !

Quem dera
Que sintas
As dores
De amores
Que louco
Senti!
Quem dera
Que sitas!...
— Não negues,
Não mintas...
— Eu vi!...

Rio — 1858.



BORBOLETA

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim ?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vaes beijar o jasmim ?

Pois essa alma é tão sedenta
Que um só amor não contenta
E louca quer variar ?
Se já tens amores bellos,
P'ra que vaes dar teus desvelos
Aos goivos da beira-mar ?

Não sabes que a flor trahida
Na debil haste pendida
Em breve murecha será ?
Que de ciumes fenece
E nunca mais estremece
Aos beijos que a brisa dá...

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim ?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vaes beijar o jasmim ? !

Tu vês a flor da campina,
E bella e terna e divina,
Tu dás-lhe o que essa alma tem ;
Depois, passado o delirio,
Esqueces o pobre lyrio
Em troca d'uma cecem !

Mas tu não sabes, louquinha,
Que a flor que pobre definha
Merece mais compaixão ?
Que a desgraçada precisa,
Como do sopro da brisa,
Os ais do teu coração ?

Borboleta dos amores,
Como a outra sobre as flores,
Porque és voluvel assim ?
Porque deixas, caprichosa,
Porque deixas tu a rosa
E vaes beijar o jasmim ?

Se a borboleta dourada
Esquece a rosa encarnada
Em troca d'uma outra flor;
Ella — a triste, mollemente
Pendida sobre a corrente,
Fallece á mingoa d'amor.

Tu tambem, minha inconstante,
Tens tido mais d'um amante
E nunca amaste a um só!
Elles morrem de saudade,
Mas tu na *variedade*
Vaes vivendo e não tens dó!

Ai! és muito caprichosa!
Sem pena deixas a rosa
E vaes beijar outras flores;
Esqueces os que te amam...
Por isso todos te chamam:
— Borboleta dos amores!

Rio — 1858.



QUANDO TU CHORAS

Quando tu choras, meu amor, teu rosto
Brilha formoso com mais doce encanto,
E as leves sombras de infantil desgosto
Tornam mais bello o cristallino pranto.

Oh! n'essa idade da paixão lasciva,
Como o prazer, é o chorar preciso :
Mas breve passa — qual a chuva estiva —
E quasi ao pranto se mistura o riso.

É doce o pranto de gentil donzella,
É sempre bello quando a virgem chora :
— Similha a rosa pudibunda e bella
Toda banhada do orvalhar da aurora.

Da noite o pranto, que tão pouco dura,
Brilha nas folhas com um rir celeste,
E a mesma gotta transparente e pura
Treme na relva que a campina veste.

Depois o sol, como sultão brilhante,
De luz inunda o seu gentil serralho,
E ás flores todas — tão feliz amante! —
Cioso sorve o matutino orvalho.

Assim, se choras, inda és mais formosa,
Brilha teu rosto com mais doce encanto :
— Serei o sol e tu serás a rosa...
Chora, meu anjo — beberei teu pranto!

Rio — 1858.



CANTO DE AMOR

A M. ***

I

Eu vi-a e minha alma antes de vel-a
Sonhára-a linda como agora a vi ;
Nos puros olhos e na face bella,
Dos meus sonhos a virgem conheci.

Era a mesma expressão, o mesmo rosto,
Os mesmos olhos só nadando em luz,
E uns doces longes, como d'um desgosto,
Toldando a fronte que de amor seduz !

E seu talhe era o mesmo, esbelto, airoso
Como a palmeira que se ergue ao ar,
Como a tulipa ao pôr do sol saudoso,
Molle vergando á viração do mar.

Era a mesma visão que eu d'antes via,
Quando a minha alma transbordava em fé;
E n'esta eu creio como na outra eu cria,
Porque é a mesma visão, bem sei que é!

No silencio da noite a virgem vinha,
Soltas as tranças, junto a mim dormir;
E era bella, meu Deus, assim sósinha
No seu somno d'infante inda a sorrir!...

.....

II

Vi-a e não vi-a ! Foi n'um só segundo,
Tal como a brisa ao perpassar na flor,
Mas, n'esse instante resumi um mundo
De sonhos de ouro e de encantado amor.

O seu olhar não me cobriu d'affago,
E minha imagem nem sequer guardou,
Qual se reflecte sobre a flor d'um lago
A branca nuvem que no céu passou.

A sua vista esparecendo vaga,
Quasi indolente, não me viu, ai, não !
Mas eu que sinto tão profunda a chaga
Ainda a vejo como a vi então.

Que rosto d'anjo, qual estatua antiga
No altar erguida, já cabiu o véo !
Que olhar de fogo, que a paixão instiga !
Que niveo collo promettendo um céu.

Vi-a e amei-a, que a minha alma ardente
Em longos sonhos a sonhara assim ;
O ideal sublime, que eu criei na mente,
Que em vão buscava e que encontrei por fim !

III

P'ra ti, formosa, o meu sonhar de louco
E o dom fatal, que desde o berço é meu ;
Mas se os cantos da lyra achares pouco,
Pede-me a vida, porque tudo é teu.

Se queres culto — como um crente adoro,
Se preito queres — eu te caio aos pés,
Se rires — rio, se chorares, choro,
E bebo o pranto que banhar-te a tez.

Dá-me em teus braços um sorrir fagueiro,
E d'esses olhos um volver, um só ;
E verás que meu estro, hoje rasteiro,
Cantando amores se erguerá do pó !

Vem reclinar-te, como a flor pendida,
Sobre este peito cuja voz calei :
Pede-me um beijo... e tu terás, querida,
Toda a paixão que para ti guardei.

Do morto peito vem turbar a calma,
Virgem, terás o que ninguém te dá ;
Em delirios d'amor dou-te a minha alma,
Na terra, a vida, a eternidade — lá !

IV

Se tu, oh linda, em chamma igual te abrazas,
Oh ! não me tardes, não me tardes, — vem !
Da phantasia nas douradas azas
Nós viveremos n'outro mundo — além !

De bellos sonhos nosso amor povôo,
Vida bebendo nos olhares teus ;
E como a garça que levanta o vôo,
Minha alma em hymnos fallará com Deus !

Juntas, unidas n'um estreito abraço,
As nossas almas uma só serão ;
E a fronte enferma sobre o teu regaço
Criará poemas d'immortal paixão !

Oh ! vem, formosa, meu amor é santo,
É grande e bello como é grande o mar,
É doce e triste como d'harpa um canto
Na corda extrema que já vai quebrar !

Oh ! vem depressa, minha vida fuge...
Sou como o lyrio que já murcho cabe !
Ampara o lyrio que inda é tempo hoje !
Orvalha o lyrio que morrendo vai !...

Rio — 1858.



VIOLETA

Sempre teu labio severo
Me chama de borboleta !
— Se eu deixo a rosa do prado
É só por ti — violeta !

Tu és formosa e modesta,
As outras são tão vaidosas !
Embora vivas na sombra
Amo-te mais do que ás rosas.

A borboleta travessa
Vive de sol e de flores...
— Eu quero o sol de teus olhos,
O nectar dos teus amores !

Captivo de teu perfume
Não mais serei borboleta ;
— Deixa eu dormir no teu seio,
Dá-me o teu mel — violeta !

O QUE?

Em que scismas, poeta? Que saudades
Te adormecem na magica fragrancia
Das rosas do passado já pendidas?
Nos sonhos d'alma que te lembra?

— A infancia!

Que sombra, que phantasma vem banhado
No doce effluvio d'essa quadra linda?
E a mente a folhear os dias idos
Que nome te recorda agora?

— Arinda!

Mas se passa essa quadra, fugitiva,
Qual no horisonte solitaria vela,
Porque scismar na vida e no passado?
E de quem são essas saudades?

— D'ella!

E se a virgem viesse agora mesmo,
Surgindo bella qual visão de amores,
Tu, p'ra saudal-a bem do ino d'alma
Diz-me, poeta — o que escolhias?

— Flores.

E se ella, farta dos aromas doces,
Que tem achado nos jardins divinos,
Tão caprichosa machucasse as rosas...
Diz-me, meu louco, o que mais tinhas?

— Hymnos!

E se, teimosa, rejeitando a lyra,
A fronte virgem para ti pendida,
D'um beijo a paga te pedisse altiva...
O que lhe davas, meu poeta?

— A vida!



SONHOS DE VIRGEM

A M. ***

I

Que sonhas, virgem, nos sonhos
Que á mente te vem risonhos
Na primavera inda em flor?
No celeste devaneio,
No doce bater do seio,
Que sonhas, virgem? — amor?

Que céos, que jardins, que flores,
Que longos cantos de amores
Nos lindos sonhos te vem?
E quando a mente delira,
E quando o peito suspira,
Suspira o peito — por quem?

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIGENES LESSA"

Tombo Nº _____
MUSEU LITERARIO

Sonhando mesmo acordada,
Pendida a fronte adorada
N'um scismar vago e sem fim ;
Do olhar o fogo tão vivo,
A voz, o riso lascivo,
O pensamento é — por mim ?!

II

Quando tu dormes tranquilla,
Cerrada a negra pupilla
E o labio doce a sorrir ;
Então o sonho dourado
Nas dobras do cortinado
Vem esmaltar teu dormir !

Oh ! sonha ! — Feliz a idade
Das rosas da virgindade,
Dos sonhos do coração !
— Puro vergel de açucenas
Ou lago d'aguas serenas
Que estremece á viração !

Feliz ! Feliz quem podera
Colher-te na primavera
De galas rica e louçã !
Feliz, oh ! flor dos amores,
Quem te beber os odores
Nos orvalhos da manhã !

Rio — 1858.



ASSIM !

A. M. ***

Viste o lyrio da campina ?
Lá s'inclina
E murcho no hastil pendeu !
— Viste o lyrio da campina ?
Pois, divina,
Como o lyrio assim sou eu !

Nunca ouviste a voz da flauta,
A dor do nauta
Suspirando no alto mar ?
— Nunca ouviste a voz da flauta ?
Como o nauta
É tão triste o meu cantar !

Não viste a rôla sem ninho
No caminho
Gemendo, se a noite vem ?
— Não viste a rôla sem ninho ?
Pois, anjinho,
Assim eu gemo tambem !

Não viste a barca perdida,
Sacudida
Nas azas d'algum tufão ?
— Não viste a barca fendida ?
Pois, querida,
Assim vai meu coração !

Rio — 1858.



QUANDO?!...

Não era bello, Maria,
Aquelle tempo de amores,
Quando o mundo nos sorria,
Quando a terra era só flores
Da vida na primavera?

— Era!

Não tinha o prado mais rosas,
O sabiá mais gorgeios,
O céo mais nuvens formosas,
E mais puros devaneios
A tua alma innocentinha?

— Tinha!

E como achavas, Maria,
Aquelles doces instantes
De poetica harmonia
Em que as brisas doudejantes
Folgavam nos teus cabellos ?

— Bellos !

Como tremias, oh ! vida,
Se em mim os olhos fitavas !
Como eras linda, querida,
Quando d'amor suspiravas
N'aquella encantada aurora !

— Ora !

E diz-me : não te recordas
— Debaixo do cajueiro —
Lá da lagôa nas bordas
Aquelle beijo primeiro ?
Ia o dia já findando...

— Quando ? !...



SEMPRE SONHOS!...

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu m'erguera cantando essa paixão,
E atirára p'ra longe — sem saúde —
Este véo que me cobre a mocidade
De tanta escuridão!

Eu que sou como o cardo do rochedo
Quasi morto dos ventos ao rigor,
Encontrara de novo a minha vida,
O sol da primavera e a luz perdida,
Nos braços d'esse amor!

Minha frente, que pende soffredora,
Acharia, meu Deus, inspirações,
E o fogo que queimou Gilbert e Dante
Correria mais puro e mais constante
Na lyra das canções!

No mundo tão gentil dos devaneios
Minh'alma mais feliz saudára a luz,
E apagára, Senhor, n'um beijo puro
A dor immensa da perda do futuro
Que á morte me conduz.

Por ella eu deixaria a voz das turbas
E esta ancía infeliz de gloria vã ;
Na vida que nos corre tão sombria
Eu seria, meu Deus, seu doce guia,
E ella — minha irmã !

Eu velára, Senhor, pelos seus dias,
Como a mãe vela o filho que dormiu :
Se um dia ella soltasse um só gemido,
Eu iria saber porque ferido
Seu seio assim boliu !

Como á sombra das arvores da patria
S'embala a doce filha dos tupis,
A sombra da ventura e da esperança
Embalára, meu Deus, essa creança
Nos cantos juvenis !

Como o nauta olha o céu de primavera,
Eu, sentado a seus pés, ebrio de amor,
Espreitára tremendo no seu rosto
A sombra fugitiva d'um desgosto,
A nuvem d'uma dor!

Eu lhe iria mostrar nos hymnos d'alma
Outro mundo, outro céu, outros vergeis ;
Nossa vida seria um doce affago,
Nós — dous cysnes vogando em manso lago,
— Amor — nossos bateis !

Se eu tivesse, meu Deus, santos amores,
Eu deixára este amor da gloria vã ;
N'esse mundo de luz, doce e risonho,
A pudibunda virgem do meu sonho
Seria minha irmã !



O QUE É — SYMPATHIA

A UMA MENINA

Sympathia — é o sentimento
Que nasce n'um só momento
Sincero, no coração ;
São dous olhares accesos
Bem juntos, unidos, presos
N'uma magica attracção.

Sympathia — são dous galhos
Banhados de bons orvalhos
Nas mangueiras do jardim ;
Bem longe ás vezes nascidos,
Mas que se juntam crescidos
E que se abraçam por fim.

São duas almas bem gemeas
Que riem no mesmo riso,
Que choram nos mesmos ais ;
São vozes de dous amantes,
Duas lyras semelhantes,
Ou dous poemas iguaes.

Sympathia — meu anjinho,
É o canto do passarinho,
É o doce aroma da flor ;
São nuvens d'um céu d'agosto
É o que m'inspira teu rosto...
— Sympathia — é — quasi amor !

Inday'assú — 1857.



PALAVRAS NO MAR

Se eu fosse amado !...
Se um rosto virgem
Doce vertigem
Me dêsse n'alma
Turbando a calma
Que me enlanguece !...
Oh ! se eu pudesse
Hoje — sequer —
Fartar desejos
Nos longos beijos
D'uma mulher !...
Se o peito morto
Doce conforto
Sentisse agora
Na sua dor ;
Talvez n'est'hora
Viver quizera
Na primavera
De casto amor !

Então minh'alma,
Turbada a calma,
— Harpa vibrada
Por mão de fada —
Como a calhandra
Saúda o dia,
Em meigos cantos
Se exhalaria
Na melodia
Dos sonhos meus;
E louca e terna
N'essa vertigem
Amára a virgem
Cantando a Deus !...

Avon — 1837.



PEPITA

A toi! toujours a toi!

V. HUGO.

Minh'alma é mundo virge' — ilha perdida —
Em lagos de cristaes;
Vem, Pepita, — Colombo dos amores, —
Vem descobril-a, no paiz das flores
Sultana reinarás!

Eu serei teu vassallo e teu captivo
Nas terras onde és rei;
Á sombra dos bambús vem tu ser minha;
Teu reinado de amor, doce rainha,
Na lyra cantarei.

Minh'alma é como o pombo inda sem pennas
Sósinho a pipilar;
— Vem tu, Pepita, visital-o ao ninho;
As azas a bater, o passarinho
Comtigo irá voar.

Minh'alma é como a rocha toda esteril
Nos plainos do Sarah ;
Vem tu — fada de amor — dar-lhe co'a vara...
— Qual do penedo que Moysés tocára
O jorro saltará.

Minh'alma é um livro lindo, encadernado.
Co'as folhas em setim ;
— Vem tu, Pepita, soletral-o um dia...
Tem poemas de amor, tem melodia
Em canticos sem fim !

Minh'alma é o batel prendido á margem
Sem leme, em ocio vil ;
— Vem soltal-o, Pepita, e correremos
— Soltas as velas — despresando remos,
Que o mar é todo anil.

Minh'alma é um jardim occulto em sombras
Co'as flores em botão ;
— Vem ser da primavera o sopro louco,
Vem tu, Pepita, bafejar-me um pouco
Que as rosas abrirão.

O mundo em que eu habito tem mais sonhos,
A vida mais prazer ;
— Vem, Pepita, das tardes no remanso,
Da rede dos amores no balanço
Comigo adormecer.

Oh ! vem ! eu sou a flor aberta á noite
Pendida no arrebol !
Dá-me um carinho d'essa voz lasciva,
E a flor pendida s'erguerá mais viva
Aos raios d'esse sol !

Bem vês, sou como a planta que definha
Torrada do calor.
— Dá-me o riso feliz em vez da magoa...
O lyrio morto quer a gotta d'agoa,
— Eu quero o teu amor !

Rio — 1858.



VISÃO

Uma noite, meu Deus, que noite aquella !
Por entre as galas, no fervor da dança,
Vi passar, qual n'um sonho vaporoso,
O rosto virginal d'uma creança.

Sorri-me ; — era o sonho de minh'alma
Esse riso infantil que o labio tinha :
— Talvez que essa alma dos amores puros
Podésse um dia conversar co'a minha !

Eu olhei, ella olhou. . . doce mysterio !
Minh'alma despertou-se á luz da vida,
E as vozes d'uma lyra e d'um piano
Juntas se uniram na canção querida.

Depois eu, indolente, descuidei-me
Da planta nova dos gentis amores,
E a creança, correndo pela vida,
Foi colher nos jardins mais lindas flores.

Não voltou ; — talvez ella adormecesse
Junto á fonte, deitada na verdura,
E — sonhando — a creança se recorde
Do moço que ella viu e que a procura !

Corri pelas campinas noite e dia
Atraz do berço d'ouro d'essa fada ;
Rasguei-me nos espinhos do caminho...
Cansei-me a procurar e não vi nada !

Agora como um louco eu fito as turbas
Sempre a vêr se descubro a face linda...
— Os outros a sorrir passam cantando,
Só eu a suspirar procuro ainda !...

Onde foste, visão dos meus amores !
Minh'alma sem te vêr, louca suspira !
— Nunca mais unirás, sombra encantada,
O som do teu piano á voz da lyra ? !...

Setembro — 1858.



QUEIXUMES

Olho e vejo... tudo é gala,
Tudo canta e tudo falla,
 Só minh'alma
 Não se acalma,
Muda e triste não se ri !
Minha mente já delira,
E meu peito só suspira
 Por ti ! Por ti !

Ai ! quem me dera essa vida
Tão bella e doce vivida
 Nos meus lares
 Sem pesares
No socego só d'alli !
Não tinha-te visto as tranças,
Nem rasgado as esperanças
 Por ti ! Por ti !

Perdi as flores da idade,
E na flor da mocidade
É meu canto
— Todo pranto —
Qual a voz da jurity !
No teu sorriso embebido
Deixei meu sonho querido
Por ti ! Por ti !

Ai ! se eu podésse, formosa,
Roçar-te os labios de rosa
Como ás flores
— Seus amores —
Faz o louco colibri ;
Esta minh'alma nos hymnos
Erguera cantos divinos
Por ti ! Por ti !

Ai ! assim viver não posso !
Morrerei, meu Deus, bem moço,
— Qual n'aurora
Que descora,
Desfolhado hogari ;
Mas lá da campa na beira
Será a voz derradeira
Por ti ! Por ti !

Ai! não m'esqueças já morto!
Á minh'alma dá conforto,
Diz na lousa:
— «Elle repousa,
«Coitado! descansa aqui!» —
Ai! não t'esqueças, senhora,
Da flor pendida n'aurora
Por ti! Por ti!...

Junho — 1858.



AMOR E MEDO

...

I

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, oh! bella,
Comtigo dizes, suspirando amores:
«— Meu Deus! que gelo, que frieza aquella!»

Como te enganas! meu amor é chamma
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bella — eu moço; tens amor, eu — medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véo da noite me atormenta em dores,
A luz da aurora me entumece os seios,
E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

É que esse vento que na varzea — ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso ateia !

Ai ! se abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz: — que seria da plantinha humilde
Que á sombra d'elle tão feliz crescia ?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver podéra
Chovesse embora paternal orvalho !

II

Ai! se eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaldas nuas!...

Ai! se eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! se eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Tremula a falla, a protestar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz: — que seria da pureza d'anjo,
Das vestes alvas, do candor das azas?
— Tu te queimáras, a pizar descalça;
— Creança louca, — sobre um chão de brazas!

No fogo vivo eu me abrazára inteiro !
Ebrio e sedento na fugaz vertigem
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem !

Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntáras : — qu' é da minha c' rôa ?...
Eu te diria : — desfolhou-a o vento !...

Oh ! não me chames coração de gelo !
Bem vês : trahi-me no fatal segredo.
Se de ti fujo é que te adoro e muito,
És bella — eu moço ; tens amor, eu — medo !...

PERDÃO!

I

Choraste?! — E a face mimosa
Perdeu as cores da rosa
E o seio todo tremeu?!
Choraste, pomba adorada?!
E a lagrima cristallina
Banhou-te a face divina
E a bella fronte inspirada
Pallida e triste pendeu?!

Choraste?! — E longe não pude
Sorver-te a lagrima pura
Que banhou-te a formosura!
Ouvir-te a voz do alaude
A lamentar-se sentida!
Humilde cahir-te aos pés,
Offerecer-te esta vida
No sacrificio mais santo,
Para poupar esse pranto
Que te rolou sobre a tez!

Choraste?! — De envergonhada,
No teu pudor offendida,
Porque minh'alma atrevida
No seu palacio de fada,
— No sonhar da phantasia —
Ardeu eu loucos desejos,
Ousou cobrir-te de beijos
E quiz manchar-te na orgia!

.....

II

Perdão p'r'o pobre demente
Culpado, sim, — innocente —
Que se te amou, foi de mais!
Perdão p'ra mim que não pude
Calar a voz do alaude,
Nem comprimir os meus ais!

Perdão, oh! flor dos amores,
Se quiz manchar-te os verdores,
Se quiz tirar-te do hastil!
— Na voz que a paixão resume
Tentei sorver-te o perfume...
E fui covarde e fui vil!...

.....

III

Eu sei, devera sósinho
Soffrer comigo o tormento
E na dor do pensamento
Devorar essa agonia !
— Devera, sedento algoz,
Em vez de sonhos felizes,
Cortar no peito as raizes
D'esse amor, e tão descrido
Dos hymnos matar-lhe a voz !
— Devera, pobre fingido,
Tendo n'alma atroz desgosto,
Mostrar sorrisos no rosto,
Em vez de mágoas — prazer,
E mudo e triste e penando,
Como um perdido te amando,
Sentir, calar-me, e — morrer !

.....

Não pude ! — A mente fervia,
O coração trasbordava,
Interna a voz me fallava,
E louco ouvindo a harmonia

Que a alma continha em si,
Soltei na febre o meu canto
E do delirio no pranto
Morri de amores — por ti!

.....

IV

Perdão ! se fui desvairado
Manchar-te a flor d'innocencia,
E do meu canto n'ardencia
Ferir-te no coração !
— Será enorme o peccado,
Mas tremenda a expiação
Se me deres por sentença
Da tua alma a indiferença,
Do teu labio a maldição !

.....

Perdão, senhora !... Perdão !...

MOCIDADE

Ninon, Ninon, qui fais tu de la vie?

L'heure s'enfuit, le jour succede au jour.

Rose ce soir, demain flétrie,

Comment vis-tu, toi qui n'as pas d'amour?!...

MUSSET.

Doce filha da languida tristeza
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura !
Quando a terra sorri-se e o mar suspira
Porque te banha o rosto essa amargura ? !

Porque chorar quando a natura é risos,
Quando no prado a primavera é flores?
— Não foge a rosa quando o sol a busca
Antes se abraza nos gentis fulgores.

Não ! — Viver é amar, é ter um dia
Um amigo, uma mão que nos affague ;
Uma voz que nos diga os seus queixumes,
Que as nossas mágoas com amor apague.

A vida é um deserto aborrecido
Sem sombra doce, ou viração calmante ;
— Amor — é a fonte que nasceu nas pedras
E mata a sêde á caravana errante.

Amái-vos ! — disse Deus creando o mundo,
Amemos ! — disse Adão no paraizo,
Amor ! — murmura o mar nos seus queixumes,
Amor ! — repete a terra n'um sorriso !

Doce filha da languida tristeza
Tua alma a suspirar de amor definha...
— Abre os olhos gentis á luz da vida,
Vem ouvir no silencio a voz da minha !

Amemos ! Este mundo é tão tristonho !
A vida como um sonho — brilha e passa ;
Porque não havemos p'ra acalmar as dores
Chegar aos labios o licor da taça ?

O mundo ! o mundo ! — E que te importa o mundo ?
— Velho invejoso, a resmungar baixinho !
Nada perturba a paz serena e doce
Que as rôlas gosam no seu casto ninho.

Amemos ! — tudo vive e tudo canta...
Cantemos ! seja a vida — hymnos e flores ;
De azul se veste o céu... vistamos ambos
O manto perfumado dos amores.

.....

Doce filha da languida tristeza
Ergue a fronte pendida — o sol fulgura !
— Como a flor indolente da campina
Abre ao sol da paixão tua alma pura !

Setembro — 1858.



NOIVADO

Filha do céo — oh flor das esperanças,
Eu sinto um mundo no bater do peito!
Quando a lua brilhar n'um céo sem nuvens
Desfolha rosas no virgineo leito.

.....

Nas horas do silencio inda és mais bella!
Banhada do luar, n'um vago anceio,
Os negros olhos de volupia mortos
Por sob a gaze te estremece o seio!

Vem! a noite é linda, o mar é calmo,
Dorme a floresta — meu amor só vela;
Suspira a fonte e minha voz sentida
É doce e triste como as vozes d'ella.

Qual ecco fraco de amorosa queixa
Perpassa a brisa na magnolia verde,
E o som magoado do tremer das folhas
Longe — bem longe — devagar se perde.

Que céu tão puro ! que silencio augusto !
Que aromas doces ! que natura esta !
Cansada a terra adormeceu sorrindo
Bem como a virgem no cahir da sesta !

Vem ! tudo é tranquillo, a terra dorme,
Bebe o sereno o lyrio do vallado...
— Sósinhos, sobre a relva da campina,
Que bello que será nosso noivado !

Tu dormirás ao som dos meus cantares
Oh ! filha do sertão ! sobre o meu peito.
O moço triste, o sonhador mancebo
Desfolha rosas no teu casto leito.

.....



DE JOELHOS

Qual resa o irmão pelas irmãs queridas,
Ou a mãe que soffre pela filha bella,
Eu — de joelhos — com as mãos erguidas,
Supplico ao céo a felicidade *d'ella*.

— «Senhor meu Deus, que sois clemente e justo,
Que daes voz ás brisas e perfume á rosa,
Oh ! protegei-a com o manto augusto
A doce virgem que sorri medrosa !

Lançai os olhos sobre a linda filha,
Dai-lhe o socego no seu casto ninho,
E da vereda que seu pé já trilha
Tirai a pedra e desviái o espinho !

Senhor ! livrai-a da rajada dura
A flor mimosa que desponta agora ;
Deitai-lhe orvalho na corolla' pura,
Dai-lhe bafejos, prolongai-lhe a aurora !

A doce virgem como a tenra planta
Nunca floresce sobre terra ingrata ;
— Bem como a rôla — qualquer folha a espanta,
— Bem como o lyrio — qualquer vento a mata.

Ella é a rôla que a floresta cria,
Ella é o lyrio que a manhã descerra...
Senhor, amai-a ! — a sua voz macia
Como a das aves, a innocencia encerra !

Sua alma pura na novel vertigem
Pede ao amor o seu futuro inteiro...
— Senhor ! ouvi o suspirar da virgem,
Dourai-lhe os sonhos no sonhar primeiro !

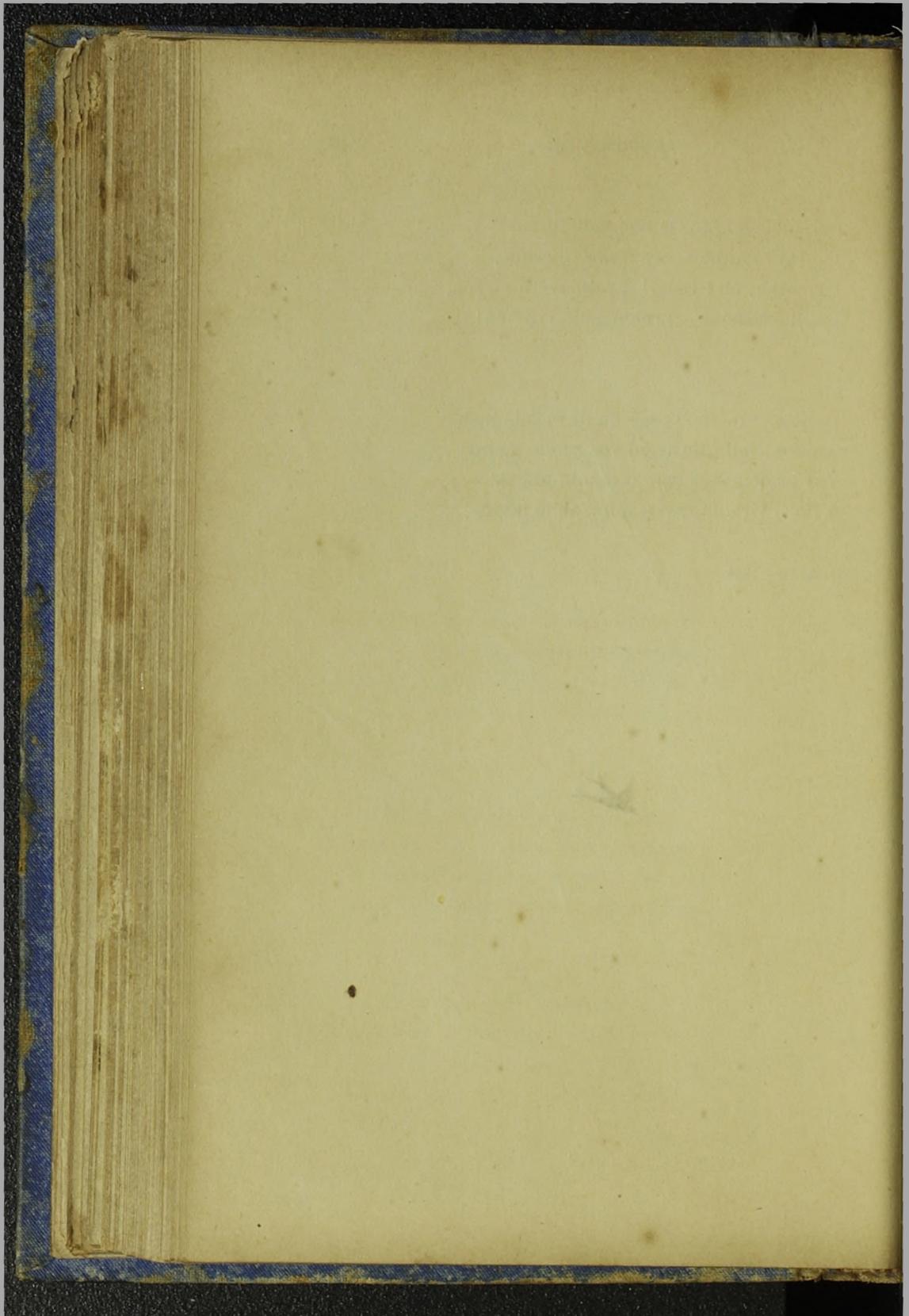
A mocidade, como a deusa antiga,
Na fronte virgem lhe derrama flores...
— Abri-lhe as rosas da grinalda amiga,
Na mocidade derramai-lhe amores !

Cercai-a sempre de bondade terna,
Lançai orvalho sobre a flor querida ;
Fazei-lhe, oh ! Deus ! a primavera eterna,
Dai-lhe bafejos — prolongai-lhe a vida !

Depois — de joelhos — eu direi sois justo,
Senhor ! mil graças eu vos rendo agora !
Vós protegestes com o manto augusto
A doce virgem que a minh'alma adora ! —

Dezembro — 1858.

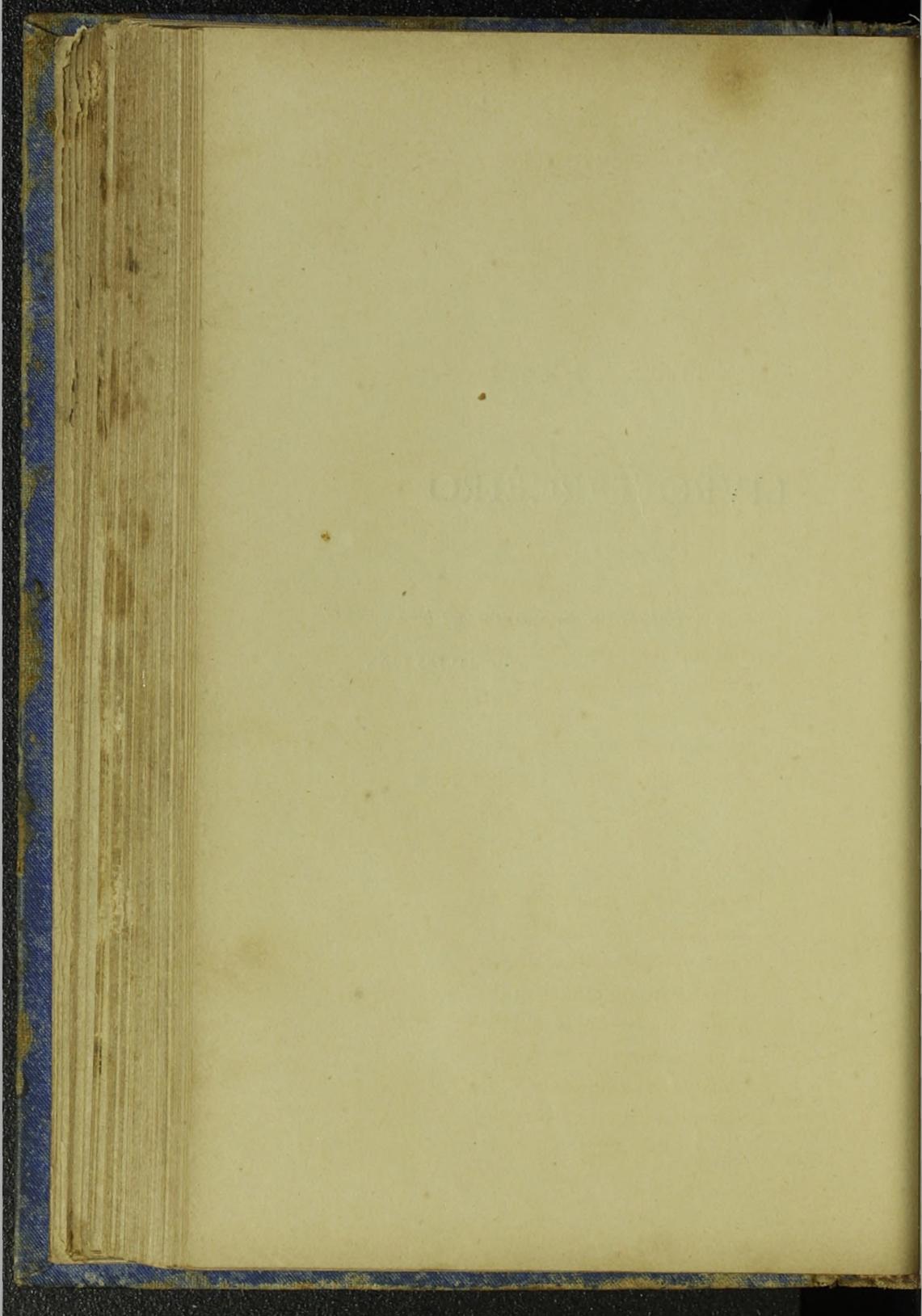




LIVRO TERCEIRO

Nascer, lutar, soffrer — eis toda a vida !

GONÇALVES DIAS.



TRES CANTOS

Quando se brinca contente
Ao despontar da existencia
Nos folgedos de innocencia,
Nos delirios de creança ;
A alma, que desabrocha
Alegre, candida e pura —
N'essa contínua ventura
É toda um hymno : — esperanza !

Depois... na quadra ditosa,
Nos dias de juventude,
Quando o peito é um alaúde,
E que a fronte tem calor ;
A alma que então se expande
Ardente, ferosa e bella —
Idolatrando a donzella
Soletra em trovas : — amor !

Mas quando a crença se esgota
Na taça dos desenganos,
E o lento correr dos annos
Envenena a mocidade ;
Então a alma cansada
Dos bellos sonhos despida,
Chorando a passada vida —
Só tem um canto : — saudade !

Fevereiro — 1858.



ILLUSÃO

Quando o astro do dia desmaia
Só brilhando com pallido lume,
E que a onda que brinca na praia
No murmurio soletra um queixume ;

Quando a brisa da tarde respira
O perfume das rosas do prado,
E que a fonte do valle suspira
Como o nauta da patria afastado ;

Quando o bronze da torre da aldeia
Seus gemidos aos eccos envia,
E que o peito que em mágoas anceia
Bebe louco essa grave harmonia ;

Quando a terra, da vida cansada,
Adormece n'um leito de flores
Qual donzella formosa embalada
Pelos cantos dos seus trovadores ;

Eu de pé sobre as rochas erguidas
Sinto o pranto que manso deslisa
E repito essas queixas sentidas
Que murmuram as ondas co'a brisa.

É então que a minha alma dormente
D'uma vaga tristeza se inunda,
E que um rosto formoso, innocente,
Me desperta saudade profunda.

Julgo vêr sobre o mar socegado
Um navio nas sombras fugindo,
E na pôpa esse rosto adorado
Entre prantos p'ra mim se sorrindo !

Compreendo esse amargo sorriso,
Sobre as ondas correr eu quizera...
E de pé sobre a rocha, indeciso,
Eu lhe brado : — não fujas, — espera !

Mas o vento já leva ligeiro
Esse sonho querido d'um dia,
Essa virgem de rosto fagueiro,
Esse rosto de tanta poesia!...

E depois... quando a lua illumina
O horisonte com luz prateada,
Julgo vêr essa fronte divina
Sobre as vagas scismando, inclinada!

E depois... vejo uns olhos ardentes
Em delirio nos meus se fitando,
E uma voz em accents plangentes
Vem de longe um — adeus — soluçando!

.....

Illusão!... que a minha alma, coitada,
De illusões hoje em dia é que vive;
É chorando uma gloria passada,
É carpindo uns amores que eu tive!



SONHANDO

Um dia, oh linda, embalada
Ao canto do gondoleiro,
Adormeceste innocente
No teu delirio primeiro,
— Por leito o berço das ondas,
Meu collo por travesseiro !

Eu, pensativo, scismava
N'algum remoto desgosto,
Avivado na tristeza
Que a tarde tem, ao sol-posto,
E ora mirava as nuvens,
Ora fitava teu rosto.

Sonhavas então, querida,
E presa de vago anseio
Debaixo das roupas brancas
Senti bater o teu seio,
E meu nome n'um soluço
Á flor dos lábios te veio !

Tremeste como a tulipa
Batida do vento frio...
Suspiraste como a folha
Da brisa ao doce cicio...
E abriste os olhos sorrindo
Ás aguas quietas do rio !

Depois — uma vez — sentados
Sob a copa do arvoredos,
Fallei-te d'esse soluço
Que os lábios abriu-te a medo...
— Mas tu, fugindo, guardaste
D'aquelle sonho o segredo !...

Agosto — 1858.

Res

LEMBRANÇA

N'UM ALBUM

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma *lembrança*,
Levando n'alma a esperança
E a saudade que consome ;
Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.

E se nas ondas da vida
Minha barca for fendida
E meu corpo espedaçado,
Ao ler o canto sentido
Do pobre nauta perdido
Teus labios dirão : — coitado !

Junho — 1858



O BAILE !

Se junto de mim te vejo
Abre-te a bocca um bocejo,
Só pelo baile suspiras !
Deixas amor — pelas galas,
E vaes ouvir pelas salas
Essas douradas mentiras !

Tens razão ! Mais valem risos
Fingidos, d'esses Narcizos
— Bonecos que a moda enfeita —
Do que a voz sincera e rude
De quem, presando a virtude,
Os atavios rejeita.

Tens razão! — Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella,
E a vida dura tão pouco!
No borborinho das salas,
Cercada de amor e galas,
Sé tu feliz — eu sou louco!

E quando eu seja dormido
Sem luz, sem voz, sem gemido,
No somno que a dôr conforta;
Ao concertar tuas tranças
No meio das contradanças
Diz tu sorrindo: — «Qu'importa?...»

«Era um louco, em noites bellas
«Vinha fitar as estrellas
«Nas praias, co'a fronte nua!
«Chorava canções sentidas
«E ficava horas perdidas
«Sósinho, mirando a lua!

«Tremia quando fallava
«E — pobre tonto — chamava
«O baile — alegrias falsas!
«— Eu gosto mais d'essas fallas
«Que me murmuram nas salas
«No ritornello das walsas. —»

Tens razão! — Walsa, donzella,
A mocidade é tão bella
E a vida dura tão pouco!
P'ra que fez Deus as mulheres?
P'ra que ha na vida prazeres?
Tu tens razão... eu sou louco!

Sim, walsa, é doce a alegria,
Mas ai! que eu não veja um dia
No meio de tantas galas —
Dos prazeres na vertigem,
A tua corôa de virgem
Rolando no pó das salas!...

Julho — 1858.



MINH'ALMA É TRISTE

Mon cœur est plein — je veux pleurer !

LAMARTINE.

I

Minh'alma é triste como a rôla afflicta
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fanado gôso
Relê as folhas que já foram lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dor desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a creança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gôsos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste.
— Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porque — mas a minh'alma é triste !

II

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria ;
E doce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Se passa um bote com as vélas soltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares ;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

Às vezes, louca, n'um scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tóa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa !

E como a rôla que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gôsos no correr dos annos !. »
Só eu não sei em que o prazer consiste.
— Pobre ludibrio de crueis enganós,
Perdi os risos — a minh'alma é triste !

III

Minh'alma é triste como a flor que morre
Pendida á beira do riacho ingrato ;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do mato ;

E como a flor que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguem entende
Que a pobresinha só de amor precisa !

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas d'essa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh ! quantas vezes a preendi nos braços !
Que o diga e falle o laranjal florido !
Se mão de ferro espedaçou dous laços
Ambos choramos mas n'um só gemido !

Dizem que ha gôsos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste !
— Eu vejo o mundo na estação das flores...
Tudo sorri — mas a minh'alma é triste !

IV

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto ;
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto !

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem :
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia !...
No afan da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a s'reia
Que em doce canto me attrahiu na infancia.

Ai ! loucos sonhos de mancebo ardente !
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas ! ..
— Pombo selvagem, quiz voar contente...
Feriu-me a bala no bater das azas !

Dizem que ha gãos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste!
— No amor, na gloria, na mundana lida,
Foram-se as flores — a minh'alma é triste!

Março 12 — 1858.



PALAVRAS A ALGUEM

Tu folgas travêssa e louca
Sem ouvires meu lamento,
Sonhas jardins d'esmeralda
N'esse virgem pensamento,
Mas olha que essa grinalda
Bem pôde murchal-a o vento!

Ai que louca! abriste o livro
Da minh'alma, livro santo,
Escripto em noites d'angustia,
Regado com muito pranto,
E... quasi rasgaste as folhas
Sem entenderes o canto!

Agora corres nos charcos
Em vez das alvas areias!...
Deleita-te a voz fingida
D'essas formosas sereias ..
Mas eu te fallo e te aviso :
— «Olha que tu te enlameias!» —

Tu és a pomba innocente,
Eu sou teu anjo-da-guarda,
Devo dizer-te baixinho :
— «Olha que a morte não tarda !
«Mariposa dos amores
«Deixa a luz, embora arda.

«A chamma seduz e brilha
— «Qual diamante entre as gazas —
«E tu no fogo maldito
«Tão descuidosa te abrazas !
«Mariposa, mariposa,
«Tu vaes queimar tuas azas !»

Conchinha das lisas praias
Nascestes em alvas areias,
Não corras tu para os charcos
Arrebatada nas cheias !...
— Os teus vestidos são brancos...
Olha que tu te enlameias !...



FOLHA NEGRA

Sinhá,
Um outro mancebo
Alegre, poeta e crente,
Soltára um canto fervente
De amor talvez! — de alegria,
E aqui nas folhas do livro
Deixára — amor e poesia.

Mas eu que não tenho risos
Nem alegrias tão pouco,
Nem sinto esse fogo louco
Que a mocidadê consome,
Nas brancas folhas do livro
Só posso deixar meu nome!

É triste como um gemido,
É vago como um lamento ;
— Queixume que solta o vento
Nas pedras d'uma ruina
Na hora em que o sol se apaga
E quando o lyrio s'inclina !...

Grito de angustia do pobre
Que sobre as aguas se afoga,
Cadaver que boia e voga
Longe da praia querida,
Grito de quem n'agonia
— Já morto — se apega á vida !

Vozes de flauta longiqua
Que as nossas mágoas aviva,
Solução da patativa,
Queixume do mar que rola,
Cantiga em noite de lua
Cantada ao som da viola !...

Saudades do pegureiro
Que chora o seu lar amado,
— Calado e só — recostado
Na pedra d'algum caminho...
Canção de santa doçura
Da mãe que embala o filhinho !...

Meu nome !... É simples e pobre
Mas é sombrio e traz dores,
— Grinalda de murchas flores
Que o sol queima e não consome...
— Sinhá !... das folhas do livro
É bom tirar o meu nome !...

Setembro — 1858.



À MORTE

DE

AFFONSO DE A. COUTINHO MESSEDER

ESTUDANTE DA ESCOLA CENTRAL

Who hath not lost a friend?...

M.

É triste vêr a flor que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,
Pender no fraco hastil !
É bem triste dos annos nos verdores
Morrer mancebo, no brotar das flores,
Na quadra juvenil !

Meu Deus ! tu que és tão bom e tão clemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente
N'um craneo de vulcão ?
P'ra que poupas o cedro já vetusto
E, sem dó, vaes ferir o pobre arbusto
Às vezes no embryão ? !...

Pois não fôra melhor vivesse a planta
Cujo perfume a solidão encanta
 No socego do val?...
— Não veríamos nós n'este martyrio
Desfallecer tão bello o pobre lyrio
 Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo ! N'esse peito nobre
E n'essa fronte que o sepulchro cobre
 Era fundo o sentir !
Agora solitario tu descansas,
E contigo esse mundo de esperanças
 Tão rico de porvir !

Oh ! lamentemos essa pura estrella
Sumida, como no horizonte a vela
 Nas nevoas da manhã !
A sepultura foi ha pouco aberta...
Mas o dormente já se não desperta
 Á voz de sua irmã !

É mudo aquelle a quem irmão chamamos,
E a mão que tantas vezes apertamos
 Agora é fria já !
Não mais nos *bancos* esse rosto amigo,
Hoje escondido no fatal jazigo
 Comnosco sorrirá !

Mancebo, atraz da gloria que sorria,
Sonhou grandezas para a patria um dia,
E a ella os sonhos deu ;
Martyr do estudo, na sciencia ingrata
Bebeu nos livros esse fel que mata
E pobre adormeceu !

Era bem cedo ! — na manhã da vida
Chegar não pôde á terra promettida
Que ao longe lhe sorriu !
Embora d'esta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternaes carinhos,
Cansado succumbiu !

Era bem cedo ! — Tanta gloria ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
Que a vida lhe dourou !
Pobre mancebo ! no fervor d'essa alma
Ao colher do futuro a verde palma
Na cova tropeçou !

Dorme pois ! Sobre a campa mal cerrada,
Nós que sabemos que esta vida é nada
Choramos um irmão ;
E d'envolta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,
As vozes da oração !

Eu que fui teu amigo inda na infancia,
Quando as almas das rosas na fragrancia
 Bemdizem só a Deus —
Hoje venho nas cordas do alaúde
Sentido e grave, á beira do ataúde
 Dizer-te o extremo adeus !

Descansa ! se no céu ha luz mais pura,
De certo gosarás n'essa ventura
 Do justo a placidez !
Se ha doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranquillo á sombra do cypreste...
 — Não tarda a minha vez !

Maio — 1858.



BERÇO E TUMULO

NO ALBUM D'UMA MENINA

Trago-te flores no meu canto amigo
— Pobre grinalda com prazer tecida —
E — todo amores — deposito um beijo
Na fronte pura em que desponta a vida.

É cedo ainda! — quando moça fôres
E percorreres d'este livro os cantos,
Talvez que eu durma solitario e mudo
— Lyrio pendido a que ninguem deu prantos! —

Então, meu anjo, compassiva e meiga
Depõe-me um goivo sobre a cruz singela,
E n'esse ramo que o sepulchro implora
Paga-me as rosas d'esta infancia bella!

INFANCIA

—
...
—

Ó anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul !
— Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul !...

Ó anjo da loura trança,
És creança,
A vida começa a rir.
— Vive e folga descansada,
Descuidada
Das tristezas do porvir.

Ó anjo da loura trança,
 Não descansa
A primavera inda em flor ;
Por isso aproveita a aurora
 Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

Ó anjo da loura trança,
 A dor lança
Em nossa alma agro descrever.
— Que não encontres na vida,
 Flor querida,
Senão continuo prazer.

Ó anjo da loura trança,
 A onda é mansa
O céu é lindo docel ;
E sobre o mar tão dormente,
 Docemente
Deixa correr teu batel.

Ó anjo da loura trança,
 Que esperança
Nos traz a brisa do sul !...
— Correm brisas das montanhas...
 Vê se apanhas
A borboleta de azul !...

A UMA PLATEIA

O cedro foi planta um dia,
Viço e força o arbusto cria,
Da vergonhea nasce o galho ;
E a flor p'ra ter mais vida,
Para ser — rosa querida —
Carece as gottas de orvalho.

Com o talento é o mesmo :
Quando timido elle adeja
— Qual ave que se espanja —
Como a flor, tambem precisa
Em vez do sopro da brisa
O sopro da sympathia
Que lhe adoce os amargores,
Para em horas de cansaço
Na estrada que vai trilhando
Encontrar de quando em quando
Por entre os espinhos — flores.

E vós que acabaes de ouvil-o
A suspirar n'esse trillo
No seu gorgueio primeiro ;
Vós, que viste o seu começo,
Dai-lhe essas palmas de apreço,
Que é artista e... brasileiro !

Setembro — 1858.



NO TUMULO N'UM MENINO

Um anjo dorme aqui : na aurora apenas,
Disse adeus ao brilhar das açucenas
Sem ter da vida alevantado o véo.
— Rosa tocada do cruel granizo —
Cedo finou-se e no infantil sorriso
Passou do berço p'ra brincar no céu !

Maio — 1858.



A J. J. C. MACEDO JUNIOR

*Poete, prends ta lyre ; aigle, ouvre ta jeune aile ;
Etoile, etoile, lève-toi !*

V. HUGO.

Como o indio a saudar o sol nascente,
Co'o sorriso nos labios, franco e ledó
 Aperto a tua mão :
Cantor das açucenas, crê-me agora,
Este canto que a lyra ballucia
 É pobre ; mas de irmão !

Quando se sente como eu sinto e soffro,
A mente ferve e o coração palpita
 De glorias e de amor :
Se ouço Arthur ao piano eu me extasio,
Mas ouvindo teus hymnos me arrebató
 E pasmo ante o cantor !

Na juventude, no florir dos annos,
Não sei que vozes nos entornam n'alma
Canções de cherubim!
Uns perdem, como eu, cedo os verdores,
Mas outros crescem no primor das graças
E tu serás assim!

Oh! mocidade! como és bella e rica!
Hymnos de amores n'este sec'lo bruto!
Louvor ao menestrel!
Palmas a ti, cantor das açucenas!
Quatorze primaveras n'essa fronte
Semelham-te um laurel!

Quando tão moço, no raiar da vida,
Já doce cantas como o doce aroma
Das languidas cecens,
Pódes, creança, erguer a fronte altiva!
Como André-Chénier, no craneo augusto
Alguma cousa tens!

Não desmintas, irmão, este propheta,
Sybarita indolente, sobre rosas
Não queiras tu dormir,
Se ao longe já te brilha amiga estrella
Aproveita o talento — estuda e pensa —
É bello o teu porvir!

Não faças como nós ; na infancia apenas
Solta poeta o gorgear de amores
 Que é doce o teu cantar.
Seja a vida p'ra ti só riso e galas
E adormeças a scismar quimeras
 Da noite no luar.

Não faças como nós ; não desças louco
A buscar sensações na bruta orgia
 Das longas saturnaes ;
Se a lama impura salpicar-te as pennas,
Sacode as azas, minha pomba casta,
 E foge dos pardaes.

Não manches, meu poeta, as vestes brancas
No mundo infame ; mirrha-se a grinalda
 E vão-se as illusões !
A crença se desbota e o nauta chora
Desanimado no vai-vem teimoso
 Dos grossos vagalhões !

Foge do canto da gentil sereia
Que engana com sorriso de feitiços
 — Tão pallida Rachel !
Não encostes na taça os labios soffregos...
O vaso queima e beberás nos risos
 Da amargura o fel !

Conserva na tua alma a virgindade,
E tenha o coração na rica aurora
Das rosas o matiz ;
Se a donzella cuspir nos teus amores
Chora perdida essa illusão primeira...
Mas vive e sê feliz !

Se a dor fôr grande não te vergues fraco,
Oh ! não escondas no sepulchro a fronte
Aos raios d'este sol ;
Não vás como Azevedo — o pobre genio —
Embrulhar-te sem dó na flor dos annos
Da morte no lençol !

Vive e canta e ama esta natura,
A patria, o céu azul, o mar sereno,
A veiga que seduz ;
E possa, meu poeta, essa existencia
Ser um lindo vergel todo banhado
De aromas e de luz !

Oh ! canta e canta sempre ! esses teus hymnos
Eu sei, terão no céu eccos mais santos
Que a terra não dará ;
Oh ! canta ! é doce ao triste que soluça
Ouvir saudoso no cahir da tarde
A voz do sabiá !

Canta! e que teus hymnos d'esperança
Despertem d'este mundo de miserias
A estúpida mudez!
E dos preludios d'essa lyra ingenua
Em poucos annos surgirá brilhante
Millevoye — talvez!

Maio — 1858.



UMA HISTORIA

A brisa dizia á rosa :
— «Dá, formosa,
Dá-me, linda, o teu amor ;
Deixa eu dormir no teu seio
Sem receio,
Sem receio, minha flor !

De tarde virei da selva
Sobre a relva
Os meus suspiros te dar ;
E de noite na corrente
Mansamente,
Mansamente te embalar !» —

E a rosa dizia á brisa :
— «Não precisa
Meu seio dos beijos teus ;
Não te adoro... és inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus !

Tu passas de noite e dia
Sem poesia
A repetir-me os teus ais ;
Não te adoro... quero o Norte
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais !» —

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa
No hastil se debruçou ;
Pobre d'ella ! — Teve a morte
Porque o Norte,
Porque o Norte a desfolhou !...

Novembro — 1858.



NO LEITO

M. . . .

Se eu morresse amanhã!

A. DE AZEVEDO.

I

Eu soffro ; — o corpo padece
E minh'alma se estremece
Ouvindo o dobrar d'um sino !
Quem sabe ? — A vida fenece
Como a lampada no templo
Ou como a nota d'um hymno !

A febre me queima a fronte
E dos tumulos a aragem
Roçou-me a pallida face ;
Mas no delirio e na febre
Sempre teu rosto contemplo,
E serena a tua imagem
Vêla á minha cabeceira,
Rodeada de poesia,
Tão bella como no dia
Em que vi-te a vez primeira !

Teu riso a febre me acalma ;
— Ergue-se viva a minh'alma
Sorvendo a vida em teus labios
Como o saibo dos licores,
E na voz, que é toda amores,
Como um balsamo bemdito,
Ouvindo-a eu, pobre, palpito,
Sou feliz e esqueço as dores.

II

Se a morte colher-me em breve,
Pede ao vento que te leve
O meu suspiro final ;
— Será queixoso e sentido,
Como da rôla o gemido
Nas moitas do laranjal.

Quizera a vida mais longa
Se mais longa Deus m'a dera,
Porque é linda a primavera,
Porque é doce este arrebol,
Porque é linda a flor dos annos
Banhada da luz do sol !

Mas se Deus cortar-me os dias
No meio das melodias,
Dos sonhos da mocidade,
Minh'alma tranquilla e pura
Á beira da sepultura
Sorrirá á eternidade.

Tenho pena... sou tão moço !
A vida tem tanto enlevo !
Oh ! que saudades que levo
De tudo que eu tanto amei !
— Adeus oh ! sonhos dourados,
Adeus oh ! noites formosas,
Adeus futuro de rosas
Que nos meus sonhos creei !

Ao menos, n'esse momento
Em que o lethargo nos vem
Na hora do pensamento,
No suspirar da agonia
Terei a fronte já fria
No collo de minha mãe !

.....

III

Mas eu bemdigo estas dores,
Mas eu abenço o leito
Que tantas mágoas me dá,
Se me jurares, querida,
Que meu nome no teu peito
Morto embora — viverá !
— Que ás vezes na cruz singela
Tu irás pallida e bella
Desfolhar uma saudade !
— Que de noite, ao teu piano,
Na voz que a paixão desata,
Chorarás a — *Traviata*
Que eu d'antes amava tanto
Nas ancias de tanto amor !
— E que darás compassiva
Uma gotta do teu pranto
Á memoria morta ou viva
Do teu pobre sonhador !

Bem dita, bem dita sejas,
Se nas notas bemfazejas
Tua alma fallar co'a minha
N'essa linguagem do céo
Que o pensamento adivinha !

Eu — o filho da poesia —
Dormirei no meu sepulchro,
Embalado em harmonia
Ao som do piano teu !

IV

Que tem a morte de feia ? !
— Branca virgem dos amores,
Toucada de murchas flores,
Um longo somno nos traz ;
E o triste que em dor anceia
— Talvez morto de cansaço —
Vai dormir no teu regaço
Como n'um claustro de paz !

Oh ! virgem das sepulturas,
Teu beijo mata as venturas
Da terra, mas rasga o véo
Que a eternidade nos véla ;
E nós — os filhos do erro —
Libertos d'este desterro,
Vamos contigo, donzella,
No branco leito de pedra,
Onde a miseria não medra,

Sonhar os sonhos do céu !...
Ha tantas rosas nas campas !
Tanta rama nos cyprestes !
Tanta dor nas brancas vestes !
Tanta doçura ao luar !
— Que alli o morto poeta
Nos seus intimos segredos,
Á sombra dos arvoredos
Póde viver a sonhar !

V

Assim, — se amanhã, se logo,
Sentires na face amada
Passar um sopro de fogo
Que te queime o coração,
E uma mão fria e gelada
Comprimir a tua mão
Frisando os cabellos teus ;
— Não tenhas tu vãos temores,
Pois é minh'alma, querida,
Que ao desprender-se da vida
— Toda saudade e amores —
Vai dizer-te o extremo —'adeus !

POIS NÃO É?!

Vêr cair o cedro annoso
Que campeava na serra,
Vêr frio baixar á terra
O pobre velho bondoso
Que procurando repouso
Tropeçou na sepultura ;
É triste, sim, é verdade,
Mas não tão grande a saudade
Nem a dor tão funda e dura,
Pois que ao velho e ao cedro altivo
Partido á voz da procella,
No mundo — jardim lascivo —
A vida foi longa e bella.
Mas vêr a rosa do prado
Que á aurora deu cor e vida,
De manhã — flor do valado,
De tarde — rosa pendida !...

Mas vêr a pobre mangueira
Na primavera primeira
Crescendo toda enfeitada
De folhas, perfume e flor,
Ouvindo o canto de amor
No sopro da viração ;
Mas vê-la depois lascada
Em duas cahir no chão !...

Mas vêr o pobre mancebo
Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro
Nas glórias do seu futuro
Dourando a vida de luz ;
Mas vê-o quando a sua alma
Ao som d'ignota harmonia
Se derramava em poesia ;
Quando junto da donzella
— Captivo dos olhos d'ella —
Na voz que balbuciava
De amores fallava a medo ;
Quando o peito trasbordava
De crenças, de amor, de fé,
Vê-o finar-se tão cedo,
Como as vozes d'um segredo...
É dor de mais — pois não é?!...

NA ESTRADA

SCENA CONTEMPORANEA

Eu vi o pobre velho esfarrapado
— Cabeça branca — sentado pensativo
 D'um carvalho ao pé ;
Esmolava na pedra d'um caminho,
Sem familia, sem pão, sem lar, sem ninho,
 E rico só de fé !

Era de tarde ; ao toque do mosteiro
Seu labio a murmurar resava baixo,
 — Ao lado o seu bordão ;
E o sol, no raio extremo, lhe dourava
Sobre a fronte senil a dupla c'rôa
 De pobre e de ancião !

E o *homem de metal* vinha sorrindo
Contando ao companheiro os gordos lucros
 Na usura de judeus ;
O mendigo estendeu a mão mirrhada,
E pediu-lhe na voz entrecortada :
 — Uma esmola, por Deus !

O *homem de metal* embevecido
Em sonhos de milhões, por junto á pedra
 Sem responder, passou !
O pobre recolheu a mão vasia . . .
O anjo tutelar velou seu rosto,
 Mas — Satanaz folgou !

Rio — 1858.



NO JARDIM

SCENA DOMESTICA

Tête sacrée! enfant aux cheveux blonds!

V. HUGO.

Ella estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo — o anjo louro,
E passando as mãosinhas no meu rosto
Sacudia, rindo, os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz sorvia n'esse olhar suave
Todo o perfume d'essa flor da infancia,
Ouvia alegre o gazear d'essa ave!

Depois a borboleta da campina,
Toda azul — como os olhos grandes d'ella—
A doudejar, gentil, passou bem junto
E beijou-lhe da face a rosa bella.

— Oh ! como é linda ! disse o louro anjinho
No doce accento da virginea falla —
Mamãe me ralha se eu ficar cansada,
Mas — dizia a correr — hei de apanhal-a ! —

Eu segui-a, chamando-a, e ella, rindo,
Mais corria, gentil, por entre as flores,
E a — flor dos ares — abaixando o vôo
Mostrava as azas de brilhantes cores.

Iam, vinham, á roda das acacias,
Brincavam no rosal, nas violetas,
E eu de longe dizia: — Que doudinhas !
Meu Deus ! meu Deus ! são duas borboletas !... —

Dezembro — 1858.



RISOS

Ri, creança, a vida é curta,
O sonho dura um instante,
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante !

A vida é triste — quem nega ?
— Nem vale a pena dizel-o.
Deus a parte entre seus dedos
Qual um fio de cabelo !

Como o dia, a nossa vida
Na aurora — é toda venturas,
De tarde — doce tristeza,
De noite — sombras escuras !

A velhice tem gemidos,
— A dor das visões passadas —
A mocidade — queixumes,
Só a infancia tem risadas !

Ri, creança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cypreste esguio
Mostra a cova ao viandante !

Rio — 1858.



LIVRO NEGRO

HORAS TRISTES

Eu sinto que esta vida já me foge
Qual d'harpa o som final,
E não tenho, como o naufrago nas ondas,
Nas trevas um fanal !

Eu soffro e esta dor me atormenta,
É um supplicio atroz !
E p'ra contal-a falta á lyra cordas
E aos labios meus a voz !

Ás vezes, no silencio da minh'alma,
Da noite ña mudez,
Eu crio na cabeça mil phantasmas
Que aniquilo outra vez !

Doe-me inda a bocca que queimei sedento
Nas esponjas de fel,
E agora sinto no bulhar da mente
A torre de Babel !

Sou triste como o pae que as bellas filhas
Viu languidas morrer,
E já não pousam no meu rosto pallido
Os risos do prazer !

E comtudo, meu Deus ! eu sou bem moço,
Devera só me rir,
E ter fé e ter crença nos amores,
Na gloria e no porvir !

Eu devera folgar n'esta natura
De flores e de luz,
E, mancebo, voltar-me p'r'o futuro,
Estrella que seduz !

Agora em vez dos hymnos d'esperança,
Dos cantos juvenis,
Tenho a satyra pungente, o riso amargo,
O canto que maldiz !

Os outros, — os felizes d'este mundo,
Deleitam-se em saraus ;
Eu solitario soffro e odeio os homens,
P'ra mim são todos maus !

Eu olho e vejo... — a veiga é de esmeralda,
O céu é todo azul.
Tudo canta e sorri... só na minh'alma
O lodo d'um paul !

Mas se ella — a linda filha do meu sonho,
A pallida mulher
Das minhas phantasias, dos seus labios
Um riso, um só me der ;

Se a doce virgem pensativa e bella,
— A pudica vestal
Que eu creei n'uma noite de delirio
Ao som da saturnal ;

Se ella vier enternecida e meiga
Sentar-se junto a mim ;
Se eu ouvir sua voz mais doce e terna
Que um doce bandolim ;

Se o seu labio affagar a minha fronte
— Tão férvido vulcão !
E murmurar baixinho ao meu ouvido
As fallas da paixão ;

Se cahir desmaiada nos meus braços
Morrendo em languidez,
De certo remoçado, alegre e louco
Sentira-me talvez ! . . .

Talvez que eu encontrasse as alegrias
Dos tempos que lá vão,
E afogasse na luz da nova aurora
A dor do coração !

Talvez que nos meus labios desmaiados
Brilhasse o seu sorrir,
E de novo, meu Deus, tivesse crença
Na gloria e no porvir !

Talvez minh'alma resurgisse bella
Aos raios d'esse sol,
E nas cordas da lyra seus gorgeios
Trinasse um rouxinol !

Talvez então que eu me pegasse á vida
Com ancia e com ardor,
E podésse aspirando os seus perfumes
Viver do seu amor !

P'ra ella então seria a minha vida,
A gloria, os sonhos meus ;
E dissera chorando arrependido ;
— Bemdito seja Deus ! —

DORES

Ha dores fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguem consola,
 Ou suspeita sequer !
Mágoas maiores do que a dor d'um dia,
Do que a morte bebida em taça morna
 De labios de mulher !

Doces fallas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
 Quebradas ao nascer ;
Perfidia e olvitio de passados beijos...
São dores essas que o tempo cicatriza
 Dos annos no volver.

Se a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste
 Suspira o coração ;
Mas depois outros olhos nos captivam,
E loucos vamos em delirios novos
 Arder n'outra paixão.

Amor é o rio claro das delicias
Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,
 E o mundo todo o tem !
Que importa ao viajor que a sêde abraza,
Que quer banhar-se n'essas aguas claras,
 Ser aqui ou além ?

A veia corre, a fonte não se estanca,
E as verdes margens não se crestam nunca
 Na calma dos verões ;
Ou quer na primavera, ou quer no inverno,
No doce aneio do holar das ondas
 Palpitam corações.

Não ! a dor sem cura, a dor que mata,
É, moço ainda, e perceber na mente
 A duvida a sorrir !
É a perda dura d'um futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis corôas,
 Dos sonhos do porvir !

É vêr que nos arrancam uma a uma
Das azas do talento as pennas de ouro,
 Que vôam para Deus !
É vêr que nos apagam d'alma as crenças
E que profanam o que santo temos
 Co'o riso dos atheus !

É assistir ao desabar tremendo,
N'um mesmo dia, d'illusões douradas,
 Tão candidas de fé!
É vêr sem dó a vocação torcida
Por quem devera dar-lhe alento e vida
 E respeit-a até !

É viver, flor nascida nas montanhas,
Para aclimar-se, apertada n'uma estufa
 Á falta de ar e luz !
É viver, tendo n'alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dores
 Carregando a cruz !

Oh ! ninguem sabe como a dor é funda,
Quanto pranto se engole e quanta angustia,
 A alma nos desfaz !
Horas ha em que a voz quasi blasphema...
E o suicidio nos acena ao longe
 Nas longas saturnaes !

Definha-se a existencia a pouco e pouco,
E ao labio descorado o riso franco
Qual d'antes, já não vem ;
Um véo nos cobre de mortal tristeza,
E a alma em luto, despida dos encantos,
Amor nem sonhos tem !

Murcha-se o viço do verdor dos annos,
Dorme-se moço e despertamos velho,
Sem fogo para amar !
E a fronte joven que o pesar sombreia
Vai, reclinada sobre um collo impuro,
Dormir no lupanar !

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxuria
Nos leitos dos bordeis,
E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos labios frios
Das languidas Phrynés !

Esquecimento! — mortalha para as dores —
Aqui na terra é a embriaguez do gôso,
A febre do prazer:
A dor se afoga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marcós modernas
É doce então morrer !

Depois o mundo diz : — Que libertino !
A folgar no delirio dos alcouces
 As azas empanou ! —
Como se elle, almoz das esperanças,
As crengas infantis e a vida d'alma
 Não fosse quem matou ! . . .

.....

Oh ! ha dores tão fuhdas como o abysmo,
Dramas pungentes que ninguem consola
 Ou suspeita sequer !
Dores na sombra, sem caricias d'anjo,
Sem voz de amigo, sem palavras doces,
 Sem beijos de mulher ! . . .



* * * * *

Pobre creança que te affliges tanto
Porque sou triste e se chorar me vês,
E que borrhifas com teu doce pranto
Meus pobres hymnos sem ealor, talvez ;

Deus te abençoe, cherubim formoso,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu pranto é gotta de celeste gôso
Na ulcera funda que ninguem curou.

Pallido e mudo e do caminho em meio
Sentei-me á sombra soffredor e só!
Do choro a baga humedeceu-me o seio,
Da estrada a gente me cobriu de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endoixas, doloridos ais...
E a turba andava ! Só de vez em quando
Languido rosto se volvia atraz !

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hymno o que eu chamava um ai !
Alguem murmura: — Como o canto é lindo ! —
Sorri-se um pouco e caminhando vai !

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou !
Teu pranto é gotta que mitiga as dores
Da ulcera funda que ninguem curou !

Ha na minh'alma alguma cousa vago,
Desejos, ancias, que explicar não sei :
Talvez — desejos — d'algum lindo lago,
— Ancias — d'um mundo com que já sonhei !...

E eu soffro, oh anjo ; na cruel vigilia
O pensamento inda redobra a dor,
E passa linda do meu sonho a filha
Soltas as tranças a morrer de amor !

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céu de azul;
Pouso com ella nos gentis palmares
À beira d'agua, nos vergeis do sul!...

E a virgem foge... e a visão se perde
Por outros climas, n'outro céu de luz;
E eu — desperto do meu sonho verde —
Acordo e choro carregando a cruz!

Pobre poeta! na manhã da vida
Nem flores tenho, nem prazer também!
— Roto mendigo que não tem guarida —
Timido espreito quando a noite vem!

Bemdito sejas, cherubim de amores,
Branca açucena que o paul brotou!
Teu doce pranto me acalenta as dores
Da ulcera funda que ninguem curou!

*

*

*

A minha vida era areal despido
De relva e flor e na estação louçã !
Tu foste o lyrio que nasceu, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o panno a viração subtil,
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

Eu era a flor do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou ;
Tu foste a gotta de beindito orvalho
E a flor pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé ;
E teus olhares me derramam n'alma
Doces consolos e orações de fé.

Não serei triste ; se te ouvir a falla
Tremo e palpito como treme o mar,
E a nota doce que teu labio exhala
Virá sentida ao coração parar.

Suspenso e mudo no mais casto enlevo
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo
Hei de adorar-te como adoro a Deus !

....—1858.



FRAGMENTO

.....
O mundo é uma mentira, a gloria — fumo,
A morte — um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce, que se esváe na campa !

O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'o sorrir nos labios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se bello d'illusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flores do jardim da vida
E nú das vestes que lhe dera o berço
Treme de frio ao vento do infortunio !
Depois — louco sublime — elle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as mágoas,
Cria phantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira o seu batel nas ondas,

Trabalha, lucta e se afadiga embalde
Até que a morte lhe desmancha os sonhos.
Pobre insensato — quer achar por força
Perola fina em lodaçal immundo !
— Menino louro que se cansa e mata
Atraz da borboleta que travêssa
Nas moitas do mangal vòa e se perde !...

.....
.....

Dezembro — 1858.



ANJO !

M.

Sub umbra alarum tuarum.

Eu era a flor desfolhada
Dos vendavaes ao correr ;
Tu foste a gotta dourada
E o lyrio pôde viver.

Poeta, dormia pallido
No meu sepulchro, bem só ;
Tu disseste : — Ergue-te, Lazaro ! —
E o morto surgiu do pó !

Eu era sombrio e triste...
Contente minh'alina é ;
Eu duvidava... sorriste,
Já no amor tenho fé.

A fronte que ardia em brazas
A seus delirios pôz fim
Sentindo o rigor das azas,
O sopro d'um cherubim.

Um anjo veio e deu vida
Ao peito de amores nú :
Minh'alma agora remida
Adora o anjo — que és tu !

Julho — 1858.



ULTIMA FOLHA

Meu Deus! Meu Pae! Se o filho da desgraça
Tem jus um dia ao galardão remoto,
Ouve estas preces e me cumpre o voto
— A mim que bebo do absyntho a taça!

— «Feliz serás se como eu soffreres,
«Dar-te-hei o céo em recompensa ao pranto —
Vós o disseste. — E eu padeço tanto!...
Que novos transes preparar me queres?

Tudo me roubam meus crueis tyrannos:
Amor, familia, felicidade, tudo!...
Palmas de gloria, meus laureis do estudo,
Fogo do genio, aspiração dos annos!...

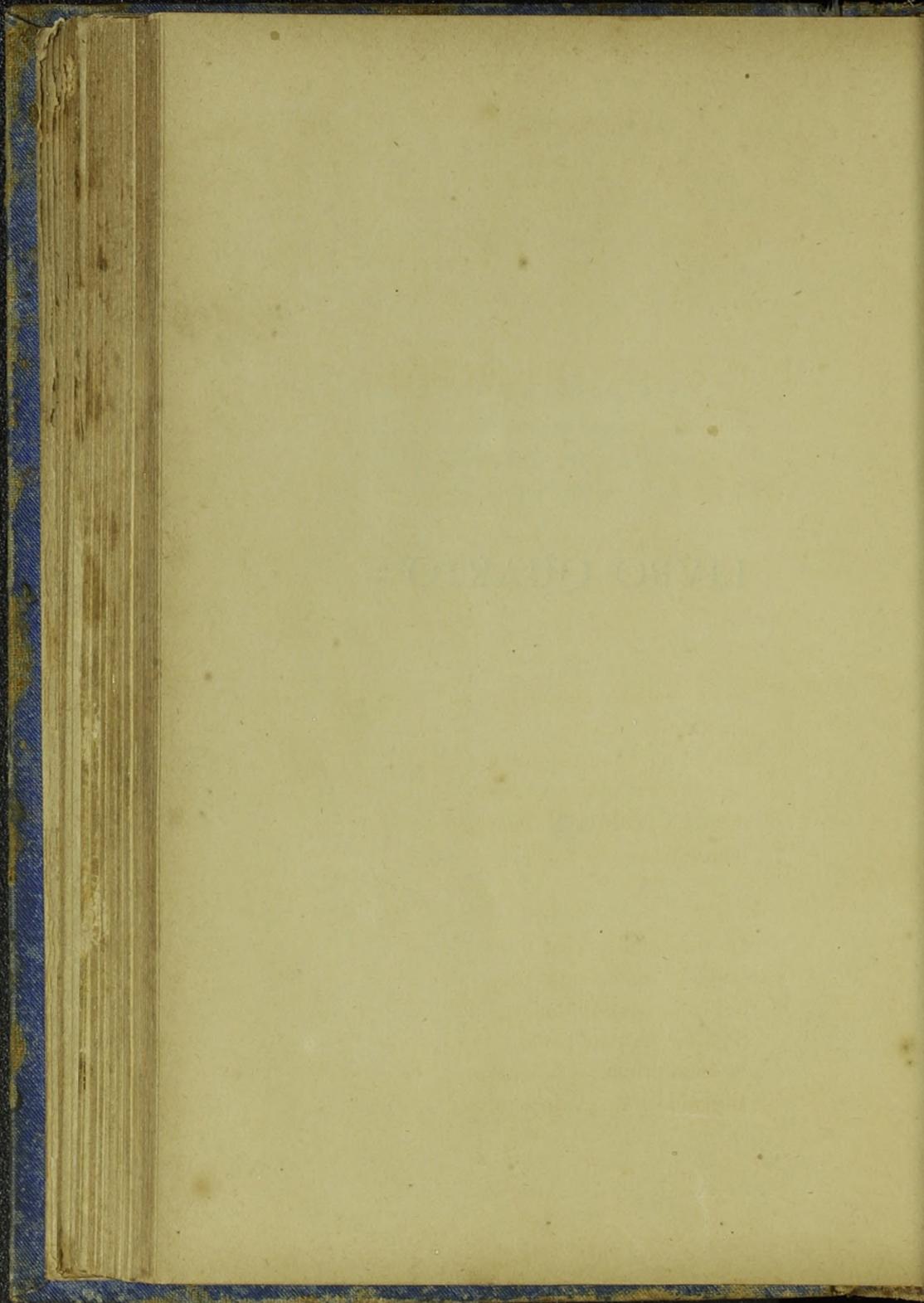
Mas o teu filho já se não rebella
Por tal castigo, pelas mágoas duras ;
— Minh'alma off'reço ás provações futuras...
Venha o martyrio... mas — perdão p'ra *ella!*...

A doce virgem se assimilha ás flores...
O vento a quebra no seu verde ninho.
— Velai ao menos peio pobre anjinho,
— Pagai-lhe em gôso o que me daes em dores !

Maio — 6.



LIVRO QUARTO



POESIAS INEDITAS

DESEJOS

Se eu soubesse que no mundo
Existia um coração,
Que só por mim palpitasse
De amor em terna expansão ;
Do peito calara as mágoas,
Bem feliz eu era então !

Se essa mulher fosse linda
Como os anjos lindos são,
Se tivesse quinze annos,
Se fosse rosa em botão,
Se inda brincasse innocente
Descuidosa no gazão ;

Se tivesse a tez morena,
Os olhos com expressão,
Negros, negros, que matassem,
Que morressem de paixão,
Impondo sempre tyrannos
Um jugo de seducção ;

Se as tranças fossem escuras,
Lá castanhas é que não,
E que cahissem formosas
Ao sopro da viração,
Sobre uns hombros torneados,
Em amavel confusão ;

Se a fronte pura e serena
Brilhasse d'inspiração,
Se o tronco fosse flexivel
Como a rama do chorão,
Se tivesse os labios rubros,
Pé pequeno e linda mão ;

Se a voz fosse harmoniosa
Como d'harpa a vibração,
Suave como a da rôla
Que geme na solidão,
Apaixonada e sentida
Como do bardo a canção ;

E se o peito lhe ondulasse
Em suave ondulação,
Occultando em brancas vestes
Na mais branda commoção
Thesouros de seios virgens,
Dous pomos de tentação ;

E se essa mulher formosa
Que me apparece em visão,
Possuisse uma alma ardente,
Fosse de amor um vulcão ;
Por ella tudo daria . . .
— A vida, o céo, a razão !



A J...

Minh'alma dorme, indolente
A tudo que é grande e bello,
Ai ! não sei que pesadelo
Assim me pousou na mente !
Debalde agora procuro
Os sonhos do meu futuro
De amor e glorias tão cheios,
Na quadra dos devaneios
E das longas illusões !

Mas é docil a teus dedos
O teu piano, palpita,
Se derramas teus segredos
N'essa harmonia infinita,
N'essa queixa vaga e incerta,
Então minh'alma — desperta.

D'esse fatal pesadelo
Sacode o manto de gelo,
Banha-se em novo fulgor,
Ama a luz que o sol exhala,
E em cada nota que falla
Solettra um hymno de amor !

Mas se tambem indolente
O teu piano se cala,
Minh'alma é só languidez.
— Como a creança dormente,
Que os olhos subito abrira,
Queixosa e triste suspira,
E — sem ti — dorme outra vez !



HONTEM A NOITE

Hontem — sósinhos — eu e tu, sentados,
Nos contemplamos, quando a noite veio :
Queixosa e mansa a viração dos prados
Beijava o rosto e te aflagava o seio,
Que palpitava como — ao longe — o mar,
E lá no céu esses rubins pregados
Brilhavam menos, que teu vivo olhar !

Co'a mão nas minhas, no silencio augusto,
Tu me fallavas sem mentido susto,
E nunca a virgem, que a paixão revela,
Passou-me em sonhos tão formosa assim !
Vendo a noite pura, e vendo a ti tão bella,
Eu disse aos astros : — dai o céu a ella !
Disse a teus olhos : — dai amor p'ra mim !



A FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

Bem vindo sejas poeta,
A estas praias brasileiras !
Na patria das bananeiras
As glorias não são de mais :
Bem vindo o filho do Douro !
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem pôde saudar Novaes.

Vieste a tempo, poeta,
Trazer-nos o sal da graça,
Pois c'os terrores da praça
Andava a gente a fugir :
Agora calmando o medo,
E ao bom humor dando largas,
A comprimir as ilhargas
Agora vão todos rir.

Entre todos os paquetes
Que o velho mundo nos manda,
Eu sustento sem demanda
Tamar foi o mais feliz :
Os outros trazem cebolas,
Vinhos em pipas, trapalhadas,
Este trouxe gargalhadas,
Sem ser fazenda em barris.

Venha a satyra mordente,
Brilhe viva a tua veia,
Já que a cidade está cheia
D'esses eternos Maneis :
Os barões andam ás duzias,
Como os frades nos conventos,
Commendadores aos centos,
Viscondes a pontapés.

Aproveita estes bons typos,
Ha-os aqui com fartura,
E salte a caricatura
Nos traços do teu pincel :
Ou quer na prosa ou no verso,
Dá-lhes bem severo ensino,
Resuscita o Tolentino,
Embelleza o teu laurel.

Pinta este Rio n'um quadro,
As letras falsas d'um lado,
As discussões do senado,
As quebras, os trambulhões ;
Mascates roubando moças,
E lá no fundo da tela
Desenha a febre amarella,
Vida e morte aos cachações.

Oh ! canta ! o povo te applaude,
E os louros p'ra ti são certos !
Acharás braços abertos
No meu paterno torrão :
Se és portuguez lá na Europa,
Aqui, vivendo connosco
Debaixo do colmo tosco,
Aqui serás nosso irmão !

Bem vindo, bem vindo sejas
A estas praias brasileiras !
Na patria das bananeiras
As glorias não são de mais :
Bem vindo o filho do Douro !
A terra das harmonias,
Que tem Magalhães e Dias,
Bem póde saudar Novaes.

MEU LIVRO NEGRO

A GONÇALVES BRAGA

I

Eu sei que é santo e bom e de almas grandes
Dar ás glorias um hymno, a Deus um canto,
Ao culpado perdão :
Dar ao vicio conselho, ao cego luzes,
Á velhice respeito, arrimo á infancia
E aos mendigos o pão !

Obrigado ! obrigado ! eu beijo a esmola
Do teu canto de fé ! Mas não te illudas,
Não te posso seguir.
Eu me assento nas pedras do caminho
E pergunto aos que passam : — « Inda é longe,
Muito longe o porvir ? »

Obrigado ! obrigado ! tu respondes,
E queres que eu descubra no horisonte
 O que é nuvem talvez !
Obrigado, cantor ! rico de crenças,
Que repartes comigo os teus vestidos,
 P'ra cobrir-me a nudez !

Levanto á pressa a tenda do descanso,
E, como não prosigo, eu te convido
 Á porta do meu lar ;
Depois que eu te disser a lenda triste
Do meu livro sem luz, do — Livro Negro —
 Tu podes caminhar.

II

Escuta : — Tu que tens na voz perfumes,
Chamas sempre ao meu canto — primaveras,
 Aos goivos — um jardim !
— Talvez que na charneca, por descuido,
Entre os juncos brotasse á beira d'agua
 O tronco d'um jasmim !

É verdade, na mente deslumbrada,
Borbulhou n'outro tempo alguma cousa
De vago e de ideal !
Eram centelhas ! mas dormindo ás soltas,
Eu deixei consumir-se o fogo santo
— Estupida vestal !

Agora em vão procuro aquelles cantos,
As rosas do jardim e o sonho amigo
Que tanto me embalou !
A minha alma, deserta de esperanças,
Já não póde sonhar ! Meu Deus, é tarde !
A vida já passou !

P'ra mim, que me perdi no desencanto,
Não tem o patrio céu estrellas vivas,
Nem lyrios as manhãs.
Eu por cada illusão vivi dez annos !
O fructo da illusão nasceu precoce...
Sou moço e tenho cãs !

Ai ! bem cedo o tufão despiu-me os galhos !
E os galhos todos nus ao céu se elevam
Na supplica de dó !
No campo a primavera estende os mimos,
Tudo é verdade no monte e na collina...
Mas ai ! no inverno eu só !

Na testa trago a ruga prematura,
E do labio na prega desdenhosa
 Não ha odio, mas fel!
— Ruinas d'um castello não completo,
Aqui descubro um troço de columna,
 — Mais longe um capitel!

Houve galas comtudo no edificio
Em dias venturosos de banquetes,
 Por noites de festim!
As ogivas tremiam com mil luzes.
O parque tinha caça, a sala — amores,
 Perfumes — o jardim!

Cuspiram-me na fronte e na grinalda,
Vergaram-me a cabeça ao despotismo,
 Às garras da oppressão;
E ao contacto do marmore e do gelo
A lyra emmudeceu, penderam flores,
 Extinguiu-se o vulcão!

Por cada canto eu tive offensas duras,
Pelos sonhos — o escarneo que apunhala,
 Insultos por cantar!
Deitaram-me na taça o fel que amarga,
Mas a raça dos vis campeia impune
 Porque eu sei perdoar!

Obrigado ! obrigado ! É doce ao menos
Receber na desgraça o aperto amigo
Do abraço fraternal !
A lagrima a cahir se muda em riso,
E pôde a mão tecer na corda frouxa
Um hymno festival !

Feliz, tu que me acenas p'r'o futuro
— Na frente a inspiração, nas mãos a lyra,
E no teu peito o ardor !
Adeus ! eu não te sigo, é longa a estrada,
Assusta-me a tormenta e a noite escura...
Sou fraco luctador !

Pódes ir ; eu te abraço e te abenço !
Volta e traze contigo as verdes palmas
Que o futuro te der ;
Adeus ! eu não te sigo... eu não perjuro...
A gloria é uma mulher, e tu bem sabes
Eu amo outra mulher !

A gloria, quanto a mim, é a Messalina
Que vende sem pudor a face e os beijos
Na praça, á luz do sol !
Ama um dia e abandona o favorito
No leito do hospital, por cama — a valla,
Por mortalha — o lençol !

Não quero a gloria, não! a gloria mente,
O fogo queima, a cicatriz não fecha,
 E sangra o coração!...
Não quero a gloria: — eu peço ao ceo socego,
Um bocado de amor, flores no campo,
 E um ninho no sertão.

Lá eu posso viver na sombra escura,
Cercado das acacias perfumadas,
 Sósinho e bem feliz!
Por noites de luar o sertanejo
Suspira na guitarra cantilenas
 Que a lyra nunca diz!

Ha tristeza no choro das cascatas,
Ha mysterios nas vozes das florestas,
 Ha silphos pelos ceos!
E a mente embevecida, absorta e pasma,
Em voz baixa ergue os hymnos de ventura,
 E baixo adora a Deus!

Da mulher adorada a fronte santa
Sentira no sagrado dos colloquios
 Como é fundo o sentir!
Do seu amor — que é perola sem preço —
Eu farei meu presente e meu passado,
 Meu sonho e meu porvir!

A vida no deserto é lago placido,
No mar raivoso que sacode a escuma
E que sepulta a nau!
— Eu lá serei feliz ; das murchas palmas
Apenas guardarei lembrança vaga,
Como de um sonho mau.

Creio em Deus, e meu labio inda murmura
Essa mesma oração resada á noite
Pela quadra infantil ;
Beijo a mão que embalou meu berço quente,
Creio no amigo ; sei que o amor é santo
E sei que a gloria é vil !

.....

Bem vês, eu não me animo ás vozes tuas !
Ai ! é tarde, cantar ! não posso... é tarde,
Não me embala a illusão !
Retomo a lyra, balbucio um canto,
Sacudo o gelo p'ra dizer-te d'alma :
«Oh ! obrigado, irmão !»

III

Eu da porta da tenda te abençoó !
Pódes ir, bom romeiro do progresso...

Eu deito-me a dormir !

O caminho tem neve, o lar tem fogo,

— Oh ! o amor da mulher por quem se chora

Vale mais que o porvir !

1859.



LEMBRANÇA

N'UM ALBUM

Como o triste marinheiro
Deixa em terra uma lembrança,
Levando n'alma a esperança
E a saudade que consome,
Assim nas folhas do album
Eu deixo meu pobre nome.
E se nas ondas da vida
Minha barca fôr perdida
E meu corpo espedaçado,
Ao lèr o canto sentido
Do pobre nauta perdido,
Teus labios dirão : — Coitado ! . . .

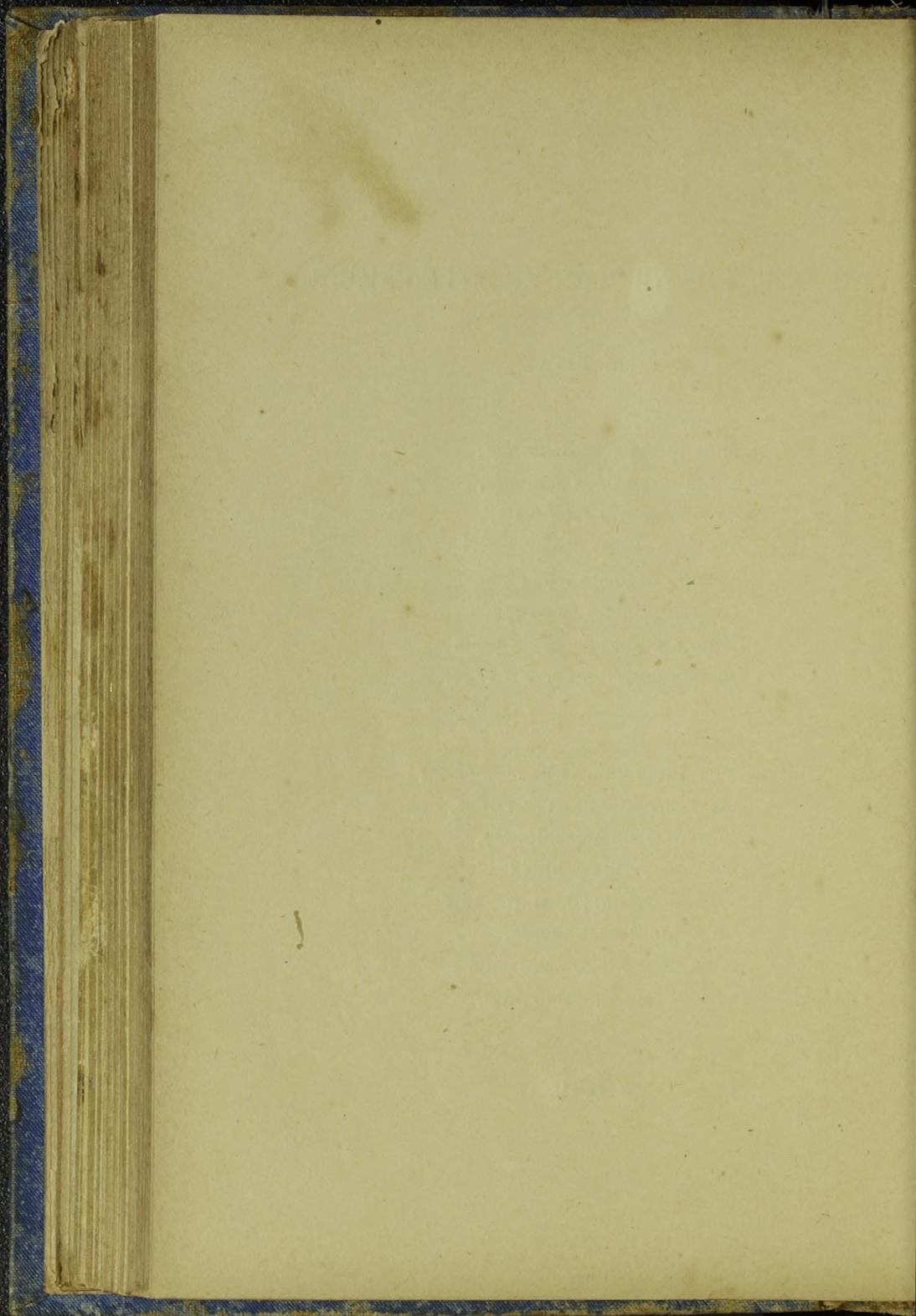


NO ALBUM DE NICOLAU VICENTE PEREIRA

(INEDITA)

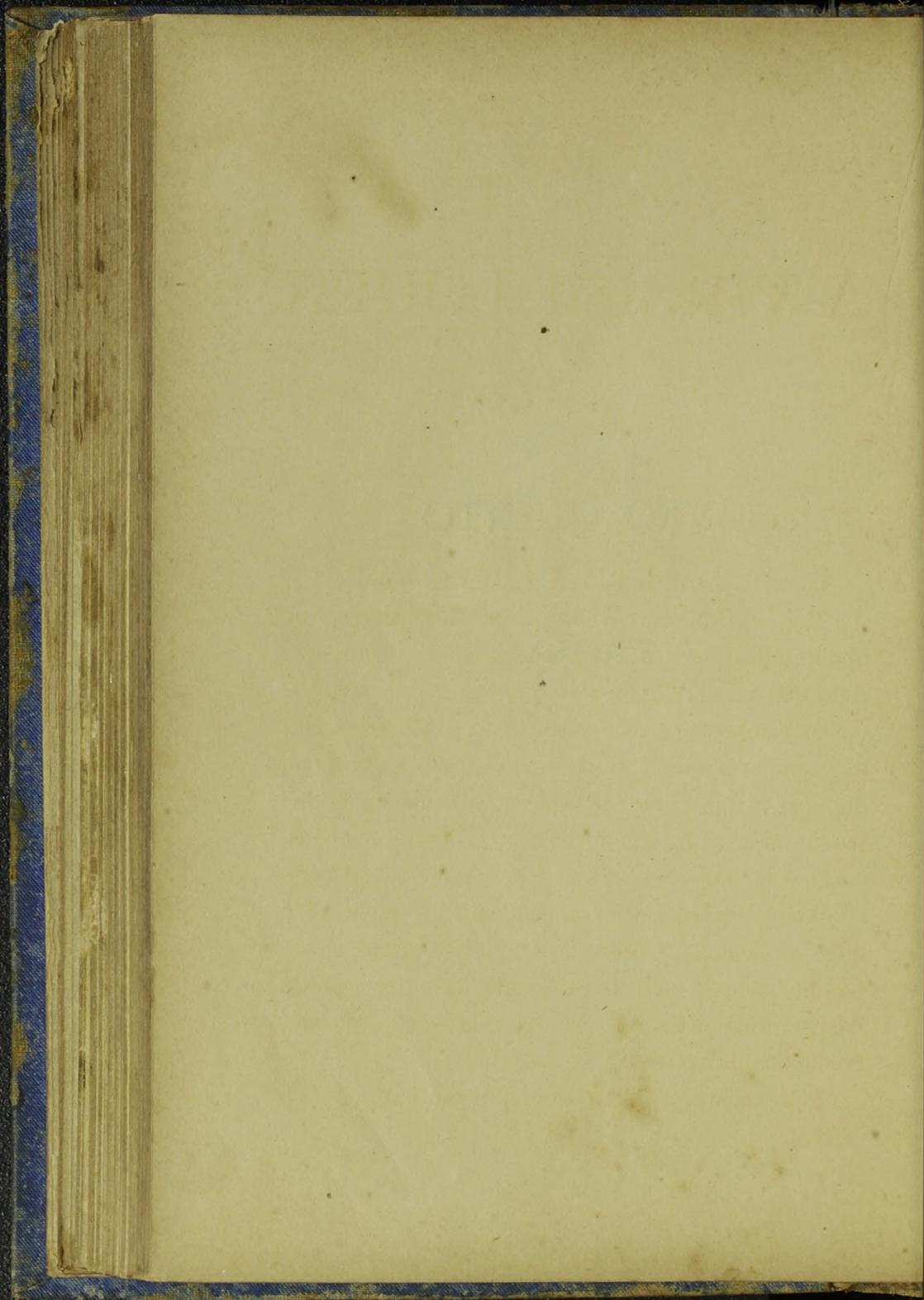
Tudo muda com os annos :
A dor — em doce saudade,
Na velhice — a mocidade,
A creença — nos desenganos !
— Tudo se gasta e se afeia,
Tudo desmaia e se apaga
Como um nome sobre a areia
Quando cresce e corre a vaga.

Feliz quem guarda as memorias,
As lembranças mais queridas,
No livro d'alma esculpidas,
Gravadas fundas em si !
— Essas duram ; mas que vale
Um nome desconhecido,
Se ha de ser logo esquecido
O nome que eu deixo aqui.



LIVRO QUINTO

PROSA



A VIRGEM LOURA

(PAGINAS DO CORAÇÃO)

I

Como é poetica e bella a quadra da infancia !

N'essa primavera da vida, como na primavera do anno, tudo que nos cerca são flôres e perfumes, e tudo que vemos falla e nos sorri.

Os campos viçosos e floridos são o nosso recreio, as borboletas e os colibris nos seduzem, o gorgueio dos passarinhos nos deleita e a tempestade que passa no céu, bramindo na voz do trovão, nos assusta e faz-nos esconder a fronte no seio maternal.

Como é poetica e bella a quadra da infancia ! E que saudade, que funda saudade não temos d'esse tempo, quando a nossa alma cheia de decepções e despoetisada pelas misérias da vida se recorda melanchólica do passado !

Pelo menos a mim aconteceu-me isso ; toda a

vez que me lembro dos meus bellos dias de creança, estremeço e sinto que uma lagrima se desfia silenciosa pela face. E gosto d'essa lagrima; quando se chora é porque o coração está vivo, é porque, embora embotado em parte, tem ainda um lado sensível que o lodo do mundo não pôde manchar.

Por isso eu gosto de chorar, e apraz-me ás vezes, quando estou sósinho, mergulhar o pensamento n'esse passado que já vai tão longe, e pelo poder da imaginação vejo, sinto e goso tudo que vi, senti e gosei n'essa idade de risos e de amores.

Minha querida infancia!

II

Nasci em ... não, não digo o nome do lugar onde eu nasci.

Para quê?... Hoje, na casa em que vi a luz, moram estranhos, e estranhos não sabem nem podem comprehender o encanto que eu achava n'essa pequena casa, para mim mais bella que todos os palacios do mundo.

Moram estranhos, e quem sabe? talvez que suas mãos profanas fossem derribar a figueira velha que

me viu nascer, e arrancar as roseiras que eu mesmo plantára no canto do jardim !

Oh ! se eu entrasse agora n'essa casa, estou certo que ao transpôr a porta cahiria de joelhos, e que a minha alma, trasbordando de saudade, havia de romper em um d'esses choros prolongados e sentidos que revelam uma dôr profunda. Algumas das recordações vagas que conservo se avivariam então, sanctas reminiscencias do lar me cercariam, e com o rosto escondido nas mãos, suffocado em pranto, julgaria ouvir o écco de vozes já extinctas e soar de novo a meus ouvidos o canto melancolico com que minha mãe acalentava a irmã pequenina !

Não quero entrar n'essa casa; far-me-hia mal...

III

Nasci no campo, e ao desprender-me das faxas infantis, ao saltar do berço, vi quasi ao mesmo tempo o céo e o mar, os campos e as mattas. Não foi na cidade, onde se morre abafado, não ; foi ao ar livre, e, infante ainda, senti a brisa da praia brincar com meus cabellos e o vento da montanha trazer-me de longe o perfume das florestas.

Que deliciosa vida aquella ! Como eu corria por aquelles prados ! Que colheita que fazia de flôres ! Que destemido caçador de borboletas !

Ah ! meus oito annos ! Quem me dera tornar a tel-os ! ... Mas ... nada, não queria, não ; aos oito annos ia eu para a escola, e confesso francamente que a palmatoria não me deixou grandes saudades.

IV

Mas o que me acontecia quando eu era pequeno, aquillo que vos quero contar, é uma cousa que de certo tem acontecido a todas as creanças e em que bem poucas terão feito reparo.

Era uma mulher d'uma belleza extrema e de uma graça encantadora que, sempre coroada de rosas e sorrindo-se ternamente, vinha todos os dias associar-se a nossos folguedos e partilhar nossas alegrias e pesares. Era uma virgem ; dizia-o a pureza de seus bellos olhos e a suavidade da falla.

Apesar de tantos annos, vou tentar pintal-a como a vi na infancia. Se o retrato sahir imperfeito e as côres esmorecidas, desculpem-me ; a minha palheta

não é variada, e ao tocar n'essas paginas do coração, a mão treme e o pincel enmodôa a t'ela.

V

Já lêstes aquelle lindo conto de fada que um espirituoso folhetinista escreveu a proposito de Thalberg? Se o lestes, quasi que conheceis a minha virgem, porque desconfio que ella e a fada eram amigas muito intimas.

— Era bella, já vos disse, e não acho com que a possa comparar.

— Uma vestal?

Seria! mas seu rosto divinamente bello, nem sempre tinha essa suavidade angelica das vestaes antigas, e seus olhos, segundo ella me disse depois, se umas vezes morriam de voluptuosidade, outras faiscavam de cólera.

N'aquelle tempo eu via-a sempre bondosa, terna e ingenua.

Quando ella sacudia aquella cabeça digna de estatuararia antiga, os seus cabellos, seus lindos cabellos louros, presos na fronte por uma grinalda, fugiam e fluctuavam livres em graciosos anneis.

Trajava roupas talares, tão alvas, e tão alvas, que todos nós temíamos manchá-las quando as tocávamos.

Era muito linda; mas o que eu sobre tudo admirava, na minha ingenuidade infantil, era a pureza e o brilho de seus olhos azues, que reflectiam a côr do céu. Como eram bellos! Nas horas de oração, de joelhos a nosso lado, ella erguia esses olhos para Deus e conservava-os assim longo tempo como n'um extasi; então eu via que suspensa de suas palpebras, tremia e brilhava uma lagrima como o cristal no lampadario do templo. E choravamos tambem, e uniamos nossas vozes frescas á sua voz melodiosa, que entoava o canticó da infancia, sublime de simplicidade.

A minha virgem vivia sempre cantando; mas fazia-o com tal suavidade, com tal sentimento, que nós, suspensos e immoveis, ficavamos presos a esse doce gorgoio, que nos despertava sensações desconhecidas.

VI

— Mas perguntará o leitor, quem era essa virgem? D'onde tinha vindo?

Adivinhem. Veio do céu, e quando Deus concluiu o mundo, ella achou-se de pé no meio da criação esplendida, apparecendo em toda a parte e a todo o momento: de manhã ao despontar da aurora, de tarde ao declinar do dia e de noite ao clarão da lua.

Filha do céu, foi formada d'um sorriso Eterno, brincou com as azas dos cherubins, e no Eden debruçou-se sobre o hombro de Eva, quando a natureza pasmava diante da mais perfeita obra do Creator.

O seu nome, quando eu era pequeno não o sabia; chamava-a unicamente — a Virgem Loura.

VII

Era muito nossa amiga, nunca nos abandonava, e era bello vêr um grupo de creanças, frescas e alegres como um dia de maio, cobrindo de beijos e caricias essa — Virgem Loura — a quem todos chamavam sua irmã.

Se a tarde era linda, se as aguas quietas do rio reflectiam toda a pureza d'este céu brasileiro, se a brisa ciciava na folhagem da mangueira, então corriamos todos para o campo e iamos folgar á beira do riacho. Ahi cada qual colhia flôres; um trazia

rosas, outro açucenas, outro boas-noites; e rosas, açucenas, boas-noites, violetas, e todas as flôres da campina, formavam ramos gigantes e formosas grinaldas com que coroavamos a — Virgem Loura.

Cercada de tanto perfume, coberta de tantas flôres, parecia um verdadeiro jardim! As folhas de rosas escondidas nas suas tranças douradas cahidas no collo, no regaço, por toda a parte, diminuiam-lhe a alvura das vestes e a pallidez encantadora do rosto. Mas se lhe davamos flôres, ella pagava-nos com beijos.

Outras vezes iamos á praia apanhar conchas, gritavamos com o mar, e o gigante encolerizado bramia e recuava; depois, tranquilla, a onda vinha lamber a areia e fugia murmurando uma queixa.

Se batia o sino — Ave-Marias — ella orava com-nosco, e não sei, parecia-me que a oração assim tinha mais valor e que a Virgem Mãe sorria-se satisfeita ás preces da infancia.

Muitas vezes acordando de noite achei a — Virgem Loura — á minha cabeceira; anjo da guarda, velava o meu somno de innocencia e velava tambem o das outras creanças, porque ella reproduzia-se e apparecia em mais d'um logar ao mesmo tempo.

Tudo isso fez com que eu lhe consagrasse uma

amizade terna, sancta e profunda, que nada pôde apagar; mas, creio que aos meus companheiros não aconteceu o mesmo. Muitos d'elles, envolvidos no turbilhão do mundo, esqueceram em breve essas scenas e esses amores candidos que matizam o alvorecer da vida.

VIII

Passou-se a idade infantil, entrei nos meus quinze annos, e a minha alma de adolescente, opulenta de seiva, rica de sentimento expandia-se livre a todos os affectos nobres e sanctos como a flôr da solidão aos raios do sol nascente.

Amei.

E quem deixa de amar aos quinze annos? Quem, se n'essa idade a nossa alma se apaixona tão facilmente? Se não fôr a uma mulher, ha de ser ás flores, ás ondas, a Deus, e debalde perguntamos porque se inclina a nossa fronte languidamente e porque se nos fecham os olhos amortecidos.

Oh! aos quinze annos o coração pede amor como a terra sequiosa pede as chuvas do céu, e como a flôr pendida uma gotta de orvalho. Aos quinze annos, temos necessidade de amar, e os labios que

escaldam desejam que os beijos de uma mulher venham matar a sêde que os abraza.

Aos quinze annos amei.

Mas era esse amor puro e candido como nunca mais senti; amor que deixou vestigios immorredouros porque foi o primeiro, e que, hoje inteiramente perdido para mim, ainda constitue uma das mais gratas recordações da minha vida.

N'essa época de felicidade intima, em que meu coração novel lia pela vez primeira as paginas d'um livro que nunca havia aberto; n'essa época em que a minha alma cheia de enthusiasmo nadava em ondas de harmonia; n'essa época a — Virgem Loura — esteve constantemente a meu lado.

Horas longas e longas, no silencio augusto da noite, inclinada sobre meu hombro, ella murmurava queixumes de amor, e minha mão corria sobre o papel procurando reproduzir o que me fervia na mente.

IX

Fui feliz! muito feliz!

Ás vezes enebriada de tanta ventura, entumescida de tanto gôso, a minha alma ardente e apaixo-

nada soltava palavras incoherentes, gritos mesmo, ria e chorava simultaneamente, e não ha palavras que possam traduzir o que eu sentia.

Houve então alguém que me chamou poeta.

X

Mas depois... a — Virgem Loura —, volúvel e caprichosa como todas as mulheres, abandonou-me.

Foi n'um dia..., lembro-me perfeitamente, foi n'um dia de setembro. Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira d'um escriptorio e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida commercial, essa vida prosaica que absorve todas as faculdades n'um unico pensamento, o — dinheiro, e que se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia.

Fatal dia! negra hora.

Desde então fugiu-me a — Virgem Loura — e de balde a tenho procurado ao clarão da lua, na luz das estrellas, nas ondas do mar, nas flôres do prado, em tudo; nunca mais a vi!

Hoje a minha alma, arida e triste de tanto sonho

dourado e de tanta illusão brilhante, só tem lagrimas para chorar esses bellos dias em que *ella* me dizia os seus segredos divinos.

Ai de mim! parece-me que ouço uma voz pausada e fria murmurar estas palavras de gêlo: —
Nunca mais has de encontra-la!

— Mas quem era a — Virgem Loura?

— A de olhos azues?

— Sim.

— Aquella que eu amava?

— Sim.

— Pois não adivinharam?!... Era a — poesia.

FIM

INDICE

	PAG.
Casimiro d'Abreu — por J. D. Ramalho Ortigão.....	v

PRIMAVERAS

Introdução.....	1
A ***.....	5

LIVRO PRIMEIRO

Canção do exilio.....	9
Minha terra.....	11
Saudades.....	17
Canção do exilio.....	19
Minha mãe.....	22
Rosa murcha.....	24
Jurity.....	27
Meus oito annos.....	29
No album de J. C. M.....	32
No lar.....	33

BRAZILIANAS

Moreninha.....	39
Na rede.....	44
A voz do rio (n'um album).....	47
Sete de setembro (a D. Pedro II).....	50

CANTICOS

	PAG.
Poesia e amor.....	53
Orações (a ***).....	57
Balsamo.....	58
Deus !.....	60

LIVRO SEGUNDO

Primaveras.....	63
Scena intima.....	66
Juramento.....	70
Perfumes e amor (na primeira folha do album).....	73
Segredos.....	75
Clara.....	78
A walsa (a M***)......	80
Borboleta.....	87
Quando tu choras.....	90
Canto de amor (a M***)......	92
Violeta.....	97
O que ?.....	98
Sonhos de Virgem (a M***)......	100
Assim ! (a M***)......	103
Quando ?!.....	105
Sempre sonhos !.....	107
O que é—sympathia (a uma menina).....	110
Palavras no mar.....	112
Pepita.....	114
Visão.....	117
Queixumes.....	119

	PAG.
Amor e medo (***).....	122
Perdão !.....	126
Mocidade	130
Noivado.....	133
De joelhos	135

LIVRO TERCEIRO

Tres cantos	141
Illusão	143
Sonhando.....	146
Lembrança (n'um album).....	148
O baile !	149
Minh'alma é triste....	152
Palavras a alguem.....	158
Folha negra.....	160
Á morte de Affonso de A. Coutinho Messeder, estu- dante da Escola Central.....	163
Berço e tumulo (no album d'uma menina).....	167
Infancia (***).....	168
A uma plateia (***).....	170
No tumulo d'um menino	172
A J. J. C. Macedo Junior.....	173
Uma história.....	178
No leito (M***).....	180
Pois não é?	186
Na estrada (scena contemporanea).....	188
No jardim (scena domestica).....	190
Risos	192

LIVRO NEGRO

	PAG.
Horas tristes.....	194
Dores.....	199
*****.....	204
Fragmento.....	209
Anjo! (M.).....	211
Ultima folha.....	213

LIVRO QUARTO

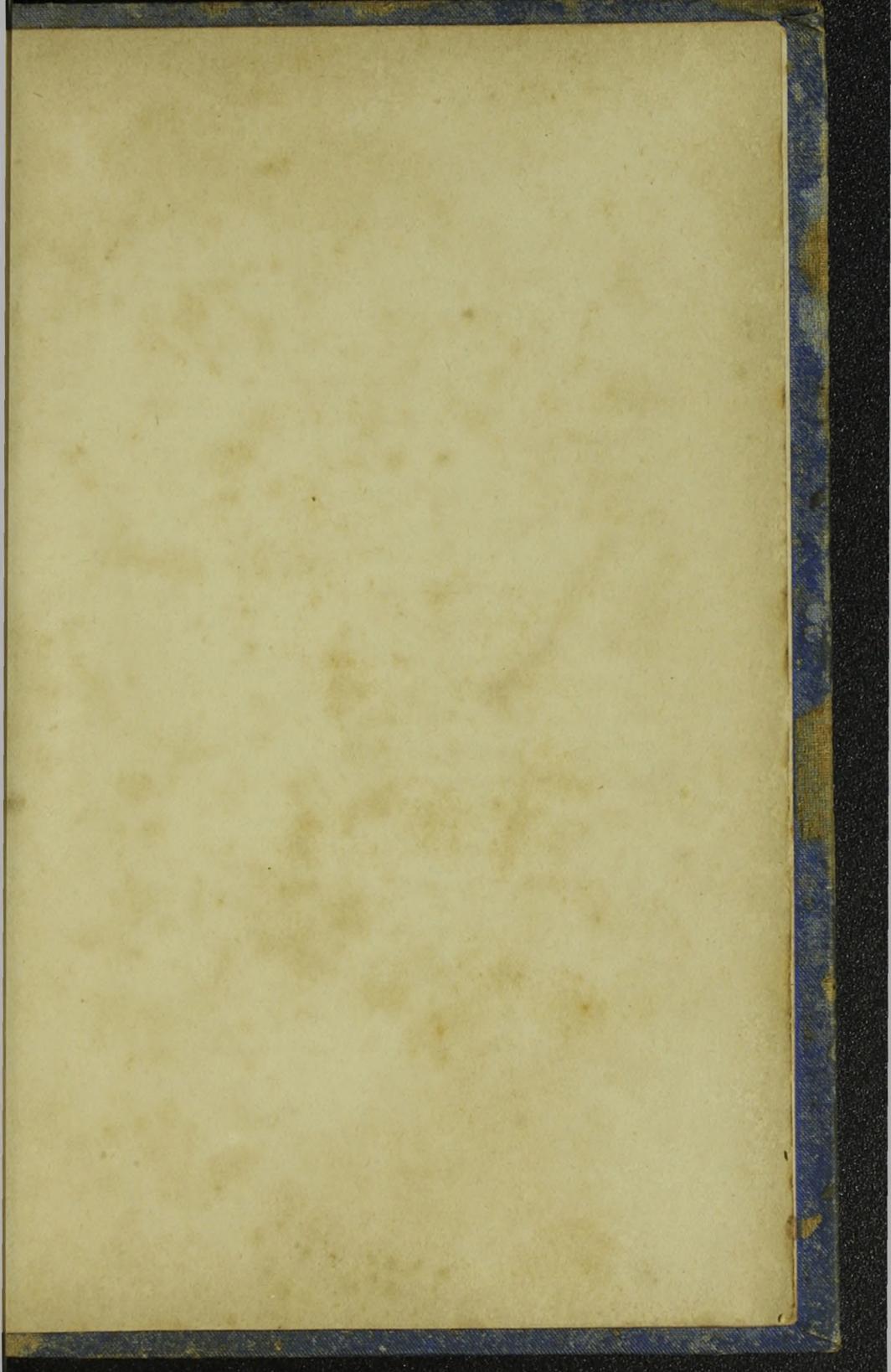
POESIAS INEDITAS

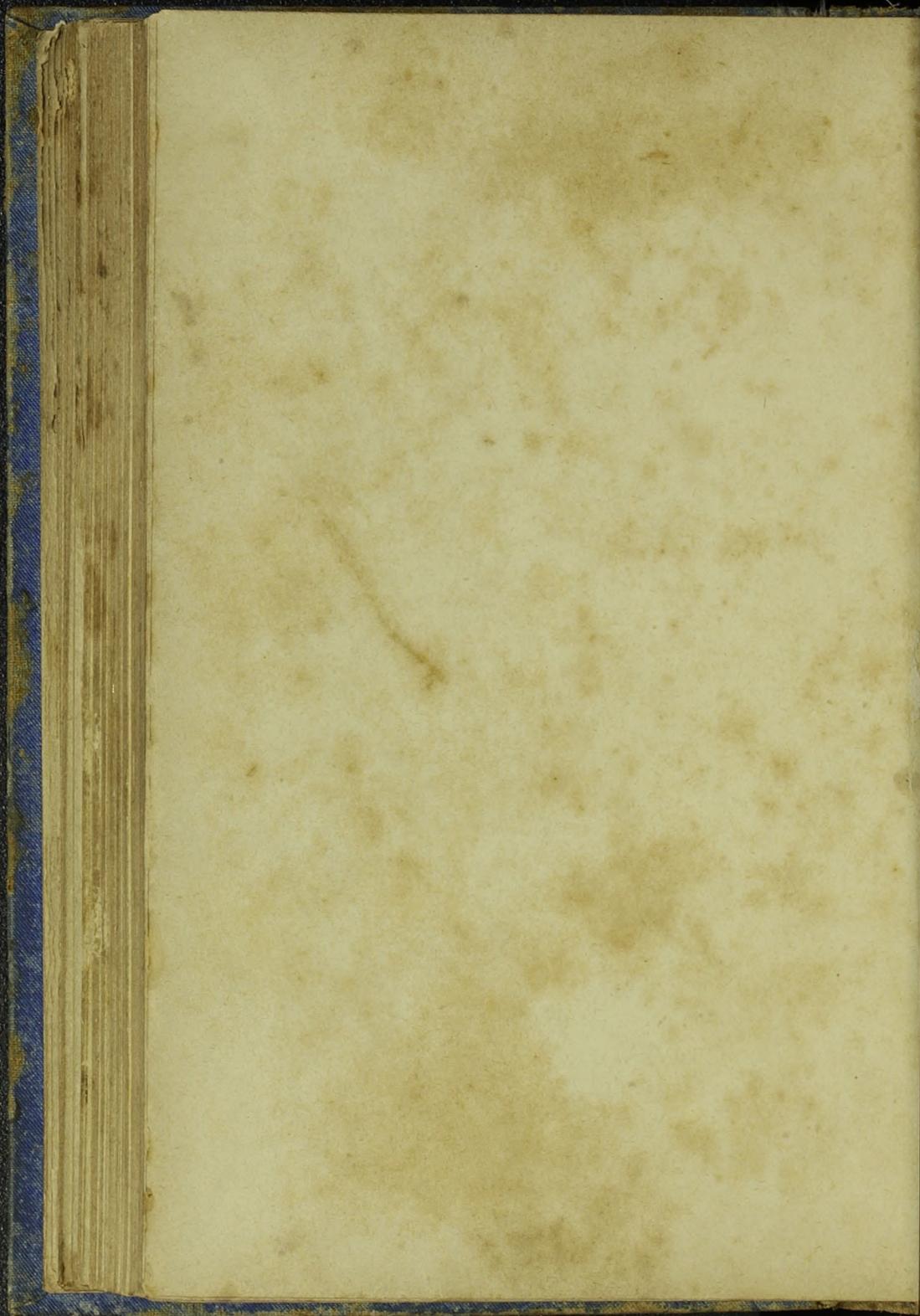
Desejos	217
A J.....	220
Hontem á noite	222
A Faustino Xavier de Novaes.....	223
Meu livro negro (A Gonçalves Braga).....	226
Lembrança (n'um album).....	234
No album de Nicolau Vicente Pereira.....	235

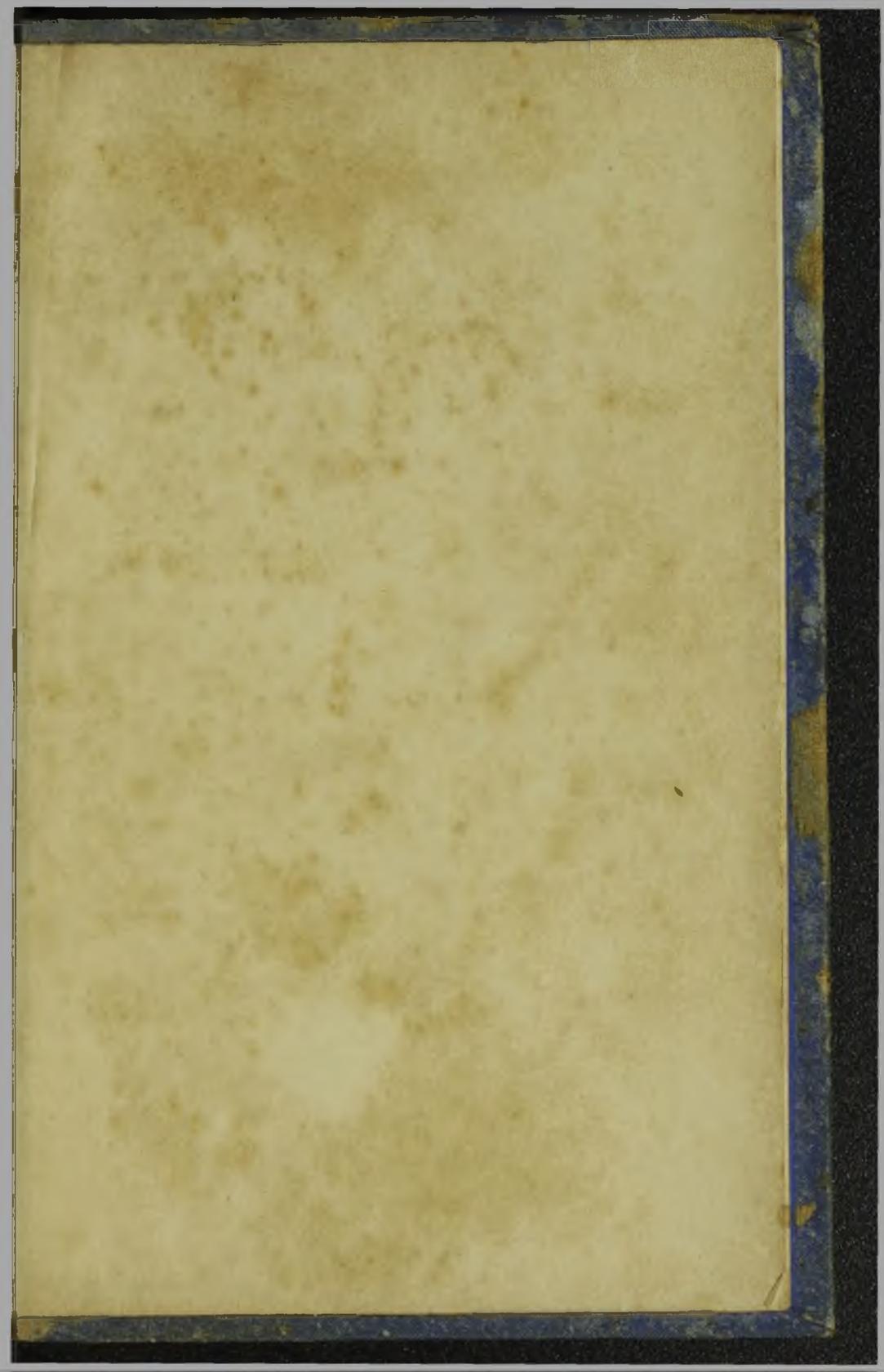
LIVRO QUINTO

PROSA

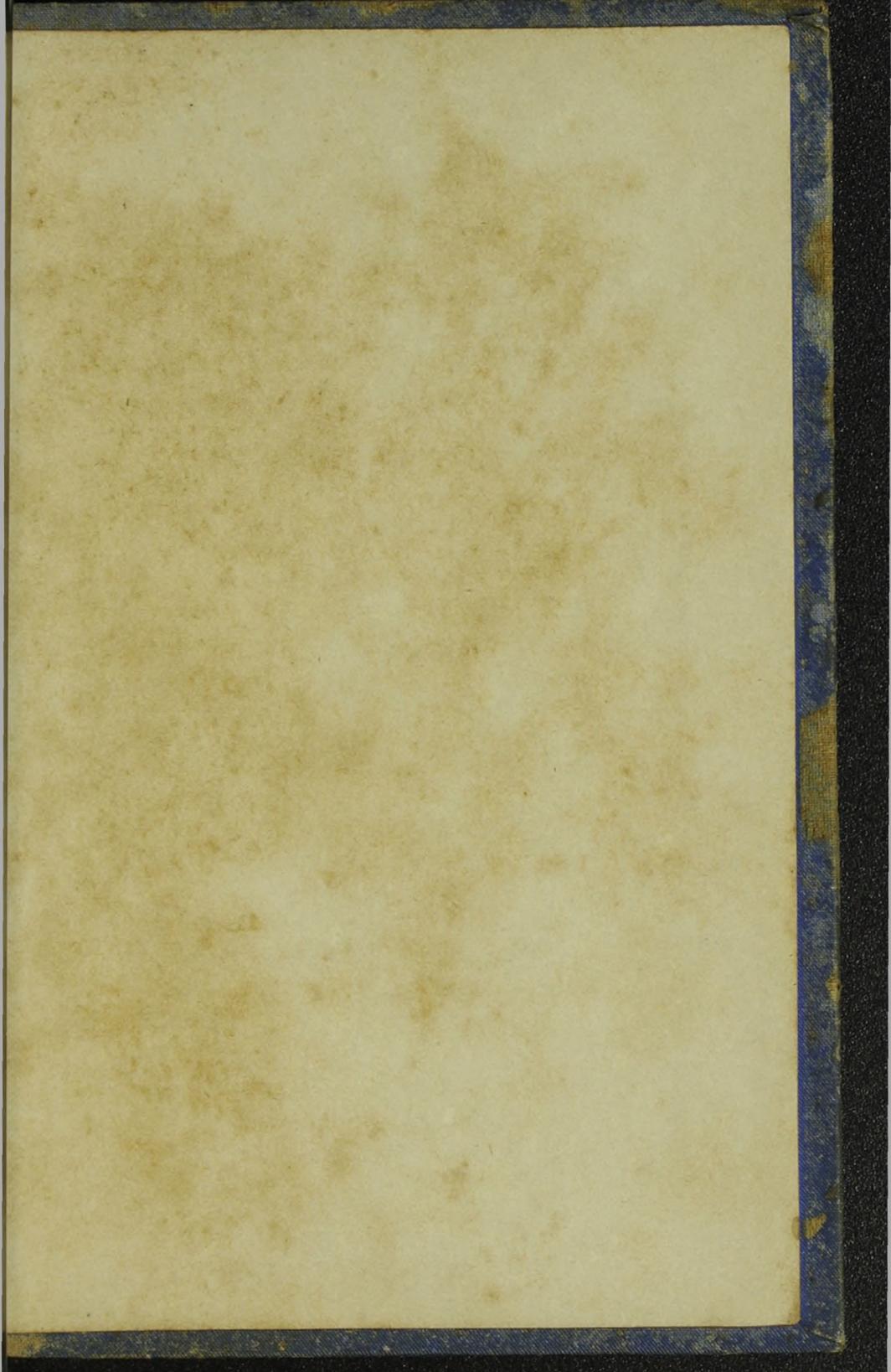
A virgem loura (paginas do coração).....	239
--	-----

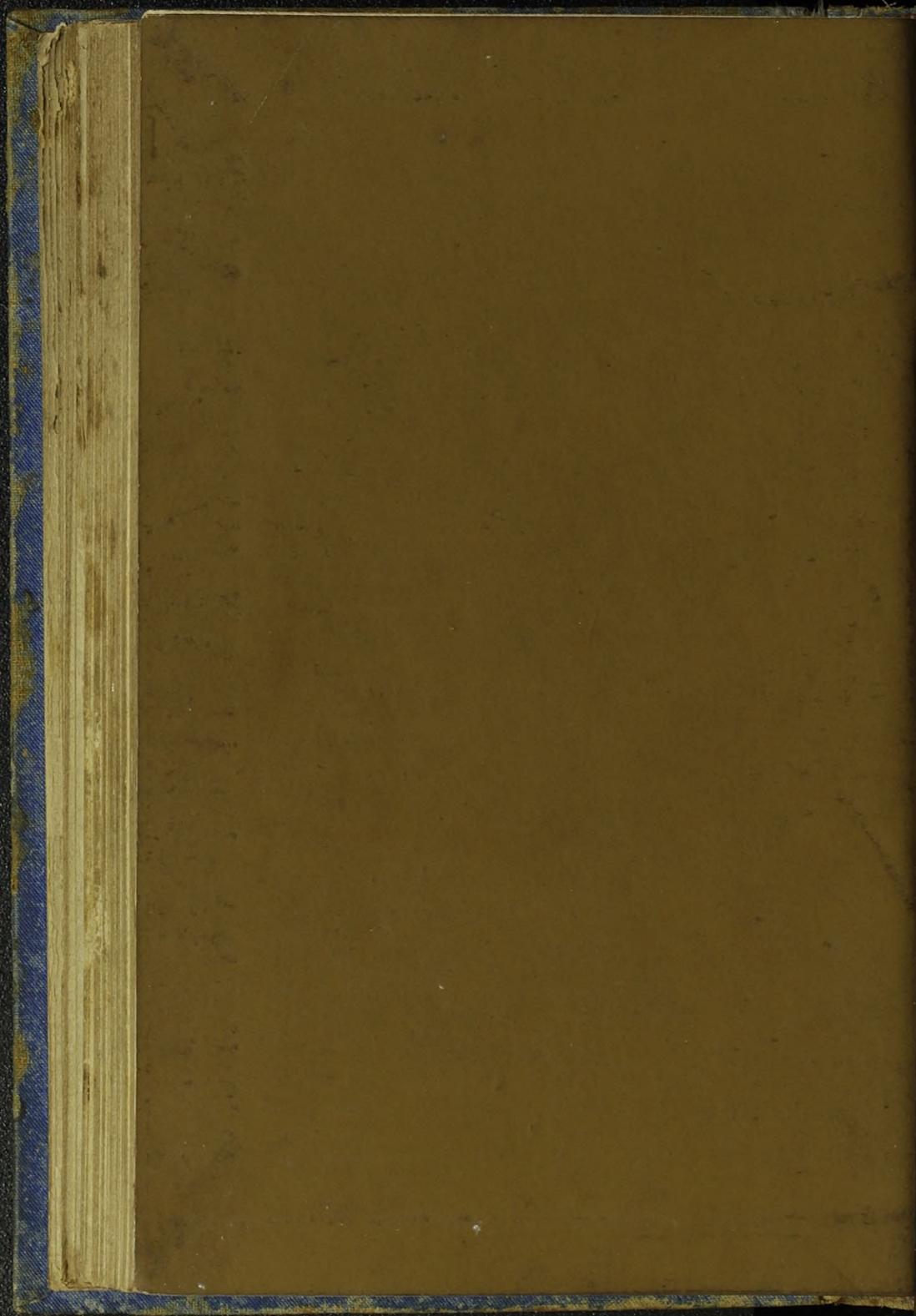






BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIGENES LESSA"
Lancôis Paulista - SP.





2/2

